



Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias.
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O ENSINO PROFISSIONALIZANTE EM MOGI MIRIM: O LEGADO DA ETEC
PEDRO FERREIRA ALVES.**

CELSO FARIA MENDES DE OLIVEIRA

Orientador: Prof. Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior

Linha de pesquisa: PROJETO, INOVAÇÃO E GESTÃO EM ARQUITETURA E
URBANISMO.

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo

CAMPINAS 2021

Ficha catalográfica elaborada por Débora M. R. Mestre CRB 8/9808
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

373.24
O48e

Oliveira, Celso Faria Mendes de

O ensino profissionalizante em Mogi Mirim: o legado da ETEC Pedro Ferreira Alves / Celso Faria Mendes de Oliveira. - Campinas: PUC-Campinas, 2021.

125 f.: il.

Orientador: Wilson Ribeiro dos Santos Junior.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

1. Ensino técnico. 2. Desenvolvimento urbano - Mogi Mirim (SP). 3. Educação - História. I. Santos Junior, Wilson Ribeiro dos. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD - 22. ed. 373.24

CELSO FARIA MENDES DE OLIVEIRA

**“O ENSINO PROFISSIONALIZANTE EM MOGI
MIRIM: O LEGADO DA ETEC PEDRO
FERREIRA ALVES.”**

Comissão Examinadora:

Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior (PUC-Campinas - Orientador)

Dra. Gisela Vianna Cunha Leonelli (UNICAMP)

Dra. Ana Paula Farah (PUC-Campinas)

Membros suplentes:

Externo: Dra. Silvia Aparecida Mikami Goncalves Pina (UNICAMP)

Interno: Dra. Jane Victal Ferreira (PUC-Campinas)

CELSO FARIA MENDES DE OLIVEIRA

“O ENSINO PROFISSIONALIZANTE EM MOGI MIRIM: O LEGADO DA ETEC PEDRO FERREIRA ALVES”

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Urbanismo.

Orientador(a): Prof. Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior

Dissertação defendida e aprovada em 27 de agosto de 2021 pela Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:



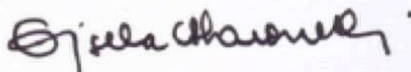
Prof. Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior

Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Profa. Dra. Ana Paula Faran

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Profa. Dra. Gisela Vianna Cunha Leonelli

Universidade Estadual de Campinas

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais! Tudo que alcancei na vida devo a eles!

Ao meu orientador, Caracol, por todo o apoio e paciência com o aluno que voltou ao mestrado trinta anos após a conclusão da graduação.

Aos meus filhos, Clara e Caio, por toda a ajuda com as novas tecnologias e pela força dada, amo vocês!

Ao amor da minha vida, Cris, por toda a paciência, incentivo e apoio. Sem você nada faria sentido, você sempre consegue ver o meu melhor!

Te amo!

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar o legado da ETEC PEDRO FERREIRA ALVES, instituição que introduziu o ensino profissionalizante na cidade paulista de Mogi Mirim. Aborda o início da oferta desta nova modalidade de ensino no Brasil a partir da República visando produzir mão-de-obra para novas áreas produtivas, principalmente para atender o surgimento das primeiras indústrias. Estuda as primeiras escolas profissionais no Estado - os Liceus de Artes e Ofícios e demais modelos criados com a mesma finalidade, como as escolas industriais e as escolas técnicas e as características de ensino em tais instituições: produzir braços para suprir demandas emergentes da época, a diferenciação do ensino técnico com o tradicional, as inserções diferenciadas destes do ponto de vista social, ficando o ensino profissionalizante inicialmente à margem da vida urbana e oferecido em escolas que abrigavam os filhos pobres dos imigrantes, escravos livres e demais segmentos menos favorecidos da sociedade. O estudo de caso escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a Escola Técnica Pedro Ferreira Alves, de Mogi Mirim, que iniciou seu funcionamento nos anos 60 como “Ginásio Industrial”, passou por várias outras denominações ao longo dos anos e continua seu trabalho junto aos jovens da cidade e região.

A pesquisa quer mostrar o significado cultural e a memória da ETEC para a cidade e região, não só como produtora de mão-de-obra qualificada, mas como formadora de cidadãos e que integra hoje o patrimônio histórico da cidade bem como o seu patrimônio imaterial por estar inserida de forma ativa desde sua fundação na memória coletiva dos moradores de Mogi Mirim.

A preservação e o resgate da memória, o patrimônio material e imaterial e a importância da ETEC para a vida coletiva da cidade também serão focos da pesquisa, mostrando como sua presença foi e ainda é relevante para a formação da comunidade.

Palavras-chave: Memória, Ensino Profissionalizante, Centro Paula Souza, Educação Profissional, Evolução urbana de Mogi Mirim.

ABSTRACT

This dissertation aimed to study THE LEGACY OF ETEC PEDRO FERREIRA ALVES, an institution that introduced vocational education in the city of Mogi Mirim, São Paulo. It addresses the beginning of the offer of this new type of education in Brazil from the Republic onwards, clearly training labor for new productive areas, mainly to attend to the emergence of the first industries. It studies the first professional schools in the State - the Lyceums of Art and Craft and other models created with the same standards, as industrial schools and technical schools and the characteristics of teaching in such institutions: producing branches to meet emerging demands of the time, the differentiation of technical and traditional education, with different insertions from the social point of view, with vocational education being charged outside urban life and offered in schools that housed the poor children of immigrants, free slaves and other less favorable segments à society.

The case study chosen for the development of the research was the Pedro Ferreira Alves Technical School, from Mogi Mirim, which began operating in the 60s as an "Industrial Gym", went through several other names over the years and continues its work with the young people from the city and region.

The research aims to show the cultural meaning and memory of ETEC for the city and region, not only as a producer of qualified labor, but as an educator of citizens and which today integrates the city's historical heritage as well as its intangible heritage. for being actively inserted since its foundation in the collective memory of the residents of Mogi Mirim.

The preservation and rescue of memory, material and immaterial heritage and the importance of ETEC for the collective life of the city will also be the focus of the research, showing how its presence was and still is relevant to the formation of the community.

Keywords: Memory, Vocational Education, Paula Souza Center, Vocational Education, Urban evolution of Mogi Mirim.

ÍNDICE DE FOTOS

Foto 01: Diretor do Ginásio Industrial Rogério Mazzola, 1973, em sua mesa de trabalho - Fonte Revista Comemorativa ETEC Pedro Ferreira Alves 50 anos, Centro Paula Souza, março 2014.....	3
Foto 02: Professor Rogério Mazzola, 2015, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves - Fonte Revista Comemorativa ETEC Pedro Ferreira Alves 50 anos, Centro Paula Souza, março 2014.....	3
Foto 03: Aluno em bancada de trabalho, década de 1910, Fonte - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	14
Foto 04: Escola Profissional de Artes e Ofícios de Amparo, década provável 1920 Fonte - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	15
Foto 05: Seção de Mecânica, Escola Profissional de Amparo, década de 1930 Fontes - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	16
Foto 06: Escola Profissional Masculina - Oficina de Mecânica - 1926 - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	17
Foto 07: Escola Profissional Masculina, década de 1930, Fonte - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	17
Foto 08: Alunos da Escola Profissional Masculina no pátio da escola, década 1930, Fonte - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	18
Foto 09: Escola Profissional Masculina - Aula de desenho, sem data Fonte - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	19
Foto 10: Projeto de Ramos de Azevedo e Domiziano Rossi para o Liceu (1896), atual sede da Pinacoteca. Fonte Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, missão excelência. Margarida Cintra Gordinho, Editora Marca D'Água, 2000.....	26
Foto 11: Oficina dos Ferreiros Artísticos do Liceu na Rua da Cantareira, c. 1910. Acervo do Liceu de Artes e Ofícios. Fonte Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, missão excelência. Margarida Cintra Gordinho, Editora Marca D'Água, 2000.....	29
Foto 12: Antônio de Paula Souza, fonte Internet.....	32
Foto 13: Anísio Spínola Teixeira, Fonte Internet.....	34
Foto 14: Antiga estação da FEPASA - Mogi Mirim, Fonte Internet.....	45
Foto 15: Locomotiva à vapor na Antiga Estação de Mogi Mirim.....	46

Foto 16: Alunos da Escola Profissional Masculina no pátio da escola, década 1930, Fonte - Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo - Uma História em Imagens, Centro Paula Souza, 2002.....	55
Fotos 17 e 18: Bilhete do Prefeito Pedro Ferreira Alves ao amigo Prof. Constantino Alves, 19 de junho de 1946, Fonte Revista Comemorativa ETEC Pedro Ferreira Alves 50 anos, Centro Paula Souza, março 2014.....	56 e 57
Foto 19: Jornal A COMARCA, 15 de fevereiro de 1947, Projeto de Lei criando a Escola Industrial, Fonte - Arquivo Biblioteca Mun. de Mogi Mirim.....	58
Foto 20: Jornal A COMARCA, 29 de fevereiro de 1948, noticiando a criação da Escola, Fonte - Arquivo Biblioteca Mun. de Mogi Mirim.....	59
Foto 21: Prefeito Pedro Ferreira Alves, Fonte Revista Comemorativa ETEC Pedro Ferreira Alves 50 anos, Centro Paula Souza, março 2014.....	60
Foto 22: Jornal A COMARCA, 03 de março de 1963, Pedido de funcionamento da Escola, Fonte - Arquivo Biblioteca Mun. de Mogi Mirim.....	61
Foto 23: Rua de terra de acesso à ETEC. Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	61
Foto 24: A esquerda o complexo do Instituto de Menores e a direita a Escola Industrial - 1965 (parte do terreno do Instituto.) Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	63
Foto 25: Jornal A COMARCA, 19 de maio de 1963, Praticamente assegurado funcionamento da Escola, Fonte - Arquivo Bibliot. Mun. de Mogi Mirim.....	64
Foto 26: Jornal A COMARCA, 22 de agosto de 1963, Autorizada a construção do muro de fecho, Fonte - Arquivo Biblioteca Mun. de Mogi Mirim.....	67
Foto 27: Vista do Ginásio Industrial em 1962, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	70
Foto 28: ETEC primeiro plano, restante Instituto de Menores, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	74
Foto 29: Aula de Economia Doméstica, 1966, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	75
Foto 30: Aula de Mecânica, 1966, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	75
Foto 31: Aula de Culinária, 1967, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	78
Foto 32: Aula de Marcenaria, 1967, fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	78
Foto 33: Abertura Desfile Cívico, 1969, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	79
Foto 34: Desfile Cívico, 1969, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	80

Foto 35: Fanfarra em Desfile, 1969, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	80
Foto 36: Rua de Terra, acesso à ETEC, 1965, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	82
Foto 37: Plano Diretor de Mogi Mirim, 1964, arquivo pessoal do pesquisador.....	84
Foto38: Fanfarra em Desfile, 1972, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.....	87
Foto 39: Laboratório de Tecnologia, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	95
Foto 40: Desfile do Dia da Cidade, 2017, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	100
Foto 41: Outdoor Fixado na Guarita da Escola, 2021, arquivo pessoal do pesquisador.....	101
Foto 42: Equipe do projeto Eco ponto - coleta de óleo da ETEC, Fonte: Internet.....	107
Foto 43: Proposta do evento promovido pela ETEC Pedro Ferreira Alves é utilizar a dança como pedagogia alternativa para a juventude, 2019, Fonte: Internet.....	108
Foto 44: Caipirete, 2013, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	110
Foto 45: Convite da XVI Caipirete, Fonte: Internet.....	111
Foto 46: Convites Expoete, Fonte: Internet.....	112
Foto 47: Pintura do muro sendo executada pelos alunos, 2018, Fonte: Internet.....	113
Foto 48: Pintura do muro concluída, 2018, Fonte: Internet.....	114
Foto 49: Convite Projeto SolidariEtec, Fonte: Internet.....	115
Foto 50: Convite Semana Paulo Freire, 2021, Fonte: Internet.....	116
Foto 51: Jornal A Comarca, 2019. Reportagem sobre projeto premiado dos alunos, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	117
Foto 52: Laboratório, Fonte: Internet.....	117
Foto 53: Laboratório químico, Fonte: Internet.....	118
Foto 54: Laboratório mecânico, Fonte: Internet.....	118
Foto 55: Equipamento do Laboratório Mecatrônica, Fonte: Internet.....	119
Foto 56: Apresentação Cultural, 2015. Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....	119

Foto 57: Semana Paulo Freire, Ginásio de Esportes da ETEC, 2009, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves.....120

Foto 58: Brasão da ETEC Pedro Ferreira Alves, Fonte: Internet.....123

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: Planta da Cidade de Mogi Mirim (1959), Fonte: Arquivo Público de Mogi Mirim.....38

Mapa 2: Planta de Referência Cadastral (1974), Fonte: Arquivo Público de Mogi Mirim.....44

Mapa 3: Região Atual da Etec, Fonte: Google Maps.....92

Mapa 4: Planta da Cidade de Mogi Mirim, Fonte: Google Maps.....105

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Crescimento da população de Mogi Mirim 1940-1996, fonte IBGE.....21

Gráfico 2: Faixa Etária dos Alunos.....103

Gráfico 3: Escolaridade dos Alunos.....103

Gráfico 4: Localidade de Origem dos Alunos.....104

Gráfico 5: Divisão Étnica dos Alunos.....104

Gráfico 6: Perfil do Corpo Docente.....105

Fonte: Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Ginásio Industrial Pedro Ferreira Alves - Matrículas 1964.....	71
Tabela 2: 1ª Turma Ginásial Industrial - 1964 a 1967.....	71
Tabela 3: Prontuários, 1964 a 1967.....	71
Tabela 4: Aprovação dos Alunos, 1964 a 1967.....	72
Tabela 5: Nascimento dos Alunos, 1964 a 1967.....	72
Tabela 6: Nacionalidade dos Ascendentes (Pais), 1964 a 1967.....	72
Tabela 7: Nacionalidade dos Ascendentes (Mães), 1964 a 1967.....	72
Tabela 8: Cidade de Moradia, 1964 a 1967.....	72
Tabela 9: Religião Praticada, 1964 a 1967.....	73
Tabela 10: Zona de Origem, 1964 a 1967.....	73
Tabela 11: Ocupação Materna, 1964 a 1967.....	73
Tabela 12: Ocupação Paterna, 1964 a 1967.....	73

Fonte: Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves.

LISTA DE ABREVIÇÕES E SIGLAS

Etec :	Escola Técnica
FATEC :	Faculdade de Tecnologia
CPS :	Centro Paula Souza
APAe :	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
UNICAMP :	Universidade de Campinas
CARNAETEC :	Carnaval da Escola Técnica
CAIPIRETE :	Festa Caipira da Escola Técnica
FEC :	Festival de Expressão Corporal
TG :	Tiro de Guerra
SEJEL :	Secretaria de Esportes Juventude e Lazer
SEDUC :	Secretaria da Educação
FEPASA :	Ferrovias Paulistas S/A
FEBEM :	Fundação do Bem Estar do Menor
SENAI :	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
LAOSP :	Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo
MASP :	Museu de Arte de São Paulo
LDB :	Lei de Diretrizes Básicas
HAE :	Hora Atividade Específica
POLI-USP :	Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
FAIBAM :	Feira Agroindustrial da Baixa Mogiana
IBGE :	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PMMM :	Prefeitura Municipal de Mogi Mirim

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - Introdução.....	1
1.1. - Apresentação dos fundamentos do trabalho e justificativa da escolha do tema.....	1
1.2. - Metodologia.....	4
1.3. - Desenvolvimento da pesquisa.....	6
CAPÍTULO 2 - Conceituação e antecedentes históricos.....	8
2.1. - Fundamentos conceituais do trabalho e revisão bibliográfica.....	8
2.2. - O início do Ensino Profissionalizante no Estado de São Paulo.....	14
2.3. - Evolução urbana de Mogi Mirim: antecedentes históricos e socioespaciais.....	42
2.4. - História Oral da ETEC auxiliando na pesquisa.....	48
CAPÍTULO 3 - A Escola Abre suas Portas.....	57
3.1 - A batalha para dar início ao Ginásio Industrial.....	57
3.2 - As Primeiras turmas ingressam na nova Escola.....	72
3.3 - Alterações Urbanas e o Primeiro Plano Diretor.....	82
CAPÍTULO 4 - Influências da Escola Industrial em Mogi Mirim e Região.....	86
4.1. - O desenvolvimento industrial e a importância política, cultural e tecnológica da ETEC.....	86
4.2. - A inserção urbanística e estratégica na ETEC na cidade.....	91
4.3. - A atualidade e o dinamismo da ETEC em Mogi Mirim e Região.....	94
4.4. - Síntese Final.....	121
Referências Bibliográficas.....	124

CAPÍTULO 1 - Introdução

1.1. APRESENTAÇÃO DOS FUNDAMENTOS DO TRABALHO E JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA

Qual o legado e importância da Escola Técnica Pedro Ferreira Alves, de Mogi Mirim, para a cidade e região?

A questão que me fez chegar ao tema dessa pesquisa ronda minhas inquietações há muito tempo; carreguei a dúvida sobre a atuação e o significado da escola na cidade desde sempre.

Tenho ligação com o objeto de pesquisa desde meus primeiros anos de vida. Nasci em Jaboticabal-SP em 1965, meu pai era professor de mecânica e desenho mecânico do Ginásio Industrial, havia iniciado a carreira no final dos anos 50.

Com a criação da escola técnica em Mogi Mirim em 1963 meu pai, natural de Amparo, estado de São Paulo, vislumbrou a possibilidade de residir e trabalhar bem mais próximo de sua cidade natal, porém só conseguiu a almejada transferência em 1967 quando nossa família vem para Mogi em função do trabalho junto à Instituição de Ensino. O período ainda era de formação da escola, momento de juntar máquinas, materiais e ferramentas, e meu pai auxiliou muito o diretor Rogério Mazzola na formatação da escola, principalmente no que dizia respeito às oficinas onde aconteceriam as aulas práticas dos cursos técnicos profissionalizantes. Ele já conhecia o Professor Mazzola, eram conterrâneos, da época em que foi seu aluno no Ginásio Industrial, em Amparo.

Minha trajetória junto a ETEC Pedro Ferreira Alves se inicia aí, com o trabalho de meu pai, o Professor Mendes, nas salas de aula com as disciplinas de desenho técnico e as aulas práticas de mecânica.

Lembro-me bem da escola nos anos 70, de andar pelos corredores enormes, sentar-me nas pranchetas de desenho com régua “T”, de “bater o ponto” naquele relógio estranho que tinha uma alavanca para ser pressionada quando inseríamos um cartãozinho, de ir com meu pai ao grande galpão onde eram ministradas as aulas de mecânica, andar por entre os tornos e outras grandes máquinas que nunca soube o nome correto, de entrar na oficina de marcenaria para procurar um peão de madeira perdido entre os cavacos, de visitar o diretor Mazzola em sua sala, onde havia uma grande mesa e móveis entalhados em madeira, de entrar na sala de meu pai no fundo da oficina de mecânica,

onde guardava seus pertences, diários de classe, ferramentas e objetos pessoais, havia um mancebo estranho para pendurar o jaleco azul marinho, sempre com uma bola de estopa no bolso e sujo de graxa das máquinas.

Bom mesmo eram as comemorações, os desfiles cívicos de 7 de Setembro e Dia da Cidade, quando as escolas saíam às ruas com as fanfarras, os “fuzileiros” tocando os grandes tambores na vertical com suas baquetas presas por elásticos dando piruetas pelo ar, o grande escudo do Ginásio Industrial carregado bem a frente, seus batalhões de alunos perfilados e as balizas fazendo coreografias com bastões.

As feiras também eram grandes eventos, as exposições dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, peças e objetos metálicos produzidos na oficina de mecânica, peças em madeira da oficina de marcenaria, as meninas com artesanato em madeira, tecido, croché, tricô e demais objetos da oficina de economia doméstica, as famílias circulando por todos os lados, conhecendo as instalações frequentadas pelos filhos que cursavam a escola profissionalizante, o prefeito, vereadores e empresários se fazendo presente, as feiras também aconteciam no clube da cidade, o Recreativo - o mais importante que havia.

Outro laço importante que me une a ETEC até os dias atuais é o fato de minha esposa, advogada e professora de direito, lecionar na escola há quase 30 anos, tendo iniciado a convite de meu pai e do diretor Mazzola com algumas aulas, prestou concurso público e se efetivou na cadeira da disciplina Direito e Legislação para os cursos técnicos; com a criação da Fatec na cidade, também passou a ministrar aulas na faculdade, se especializou, fez mestrado na área e continua até hoje trabalhando.

Com o início da pesquisa tudo que foi relatado veio à tona como sendo muito importante para a definição do tema, mas ainda não era tudo. Com a supervisão de meu orientador, arquiteto de formação, em minha opinião psicólogo por necessidade dos orientandos, começou a me questionar mais ainda - a ETEC tem toda a importância que quero mostrar ou é só uma questão emocional, individual? Nunca tive tanto apego assim pela citada escola, bem pelo contrário, sempre nutri certo desprezo e preconceito por ela. Como muitos, eu também achava a escola só formadora de mão-de-obra para o chão de fábrica, que os alunos dela não iriam para a faculdade, estudei sempre em escola pública, mas não na profissionalizante, e sim na “melhor” escola, que nos preparava para a faculdade, para um futuro mais promissor. Hoje, vejo quanto preconceito e desinformação de minha parte nutri.

Agora, com o devido distanciamento e a pesquisa caminhando, consigo admitir que o sentimento que sempre alimentei com relação à ETEC era de conflito, com a intensa dedicação do meu pai à escola, o que nos privava muitas vezes de sua presença. Meu pai sempre passou mais tempo lecionando e em contato com seus alunos que em casa, tinha aulas nos três períodos do dia, sua ausência sempre justificada pelo trabalho no “Ginásio”. E hoje, após longa reflexão, pude entender melhor a natureza dessa dedicação a um projeto coletivo de escola voltado para o interesse público.

E assim, vejo que não eram meramente sentimentais minhas inquietações sobre o tema. Cabe agora, ao desenvolver este projeto de pesquisa revelar a verdadeira importância do legado da ETEC, tendo em mãos o material levantado e os conceitos discutidos nas disciplinas. Cabe agora, como pesquisador, revelar como essa instituição alterou a vida dos alunos e de toda uma comunidade, fruto do trabalho ao longo de mais de meio século, conseguindo se reinventar nesse tempo todo. A ETEC, em uma corrente inversa às demais escolas públicas não entrou num processo de decadência em que se encontram grande parte delas, modernizando-se, em contraponto, ao longo dos anos com cursos atualizados e com grande procura pelos jovens, que precisam passar por um processo classificatório para ingressar nos cursos oferecidos, dado a grande procura.



Fotos 01 e 02 - Diretor Ginásio Industrial - Professor Rogério Mazzola - em 1973 e atualmente.

1.2. METODOLOGIA

A pesquisa tem como pressuposto a importância que a Escola Técnica Pedro Ferreira Alves tem para a cidade de Mogi Mirim e região, não só pelo trabalho na formação de alunos do ensino profissionalizante, ao longo de mais de cinquenta anos, mas pela contribuição ampla e transformadora como geradora de desenvolvimento urbano, social e cultural.

O legado construído e mantido por ela, reconhecido pela comunidade, é relevante para a pesquisa, constituindo-se no objeto de estudo da mesma, dado o entrelaçamento da Instituição de Ensino com o desenvolvimento da cidade.

Para atender os objetivos da pesquisa, foram previstos e utilizados métodos combinados: o método histórico, o método observacional e a pesquisa oral (que em função do período de pandemia foi descartado), como norteadores para obter os dados necessários a reflexão.

Método histórico - Pretende uma investigação de como surgiram as primeiras escolas profissionalizantes, qual público-alvo buscavam e quais as razões sociais, políticas e econômicas para a implantação delas na primeira metade do século XX. Importante também nesse levantamento é traçar um paralelo com a cidade de Mogi Mirim, que apresentava muitas transformações nessa mesma época, o surgimento das indústrias e a falta de mão-de-obra qualificada para o trabalho e o crescimento urbano dialogando com a criação da escola em questão, desde sua criação em 1962.

Método observacional - Será auxiliar para entendermos a dinâmica da escola, a relação com o território, a influência no desenvolvimento das áreas próximas a ela, áreas que, na época de sua criação, eram identificadas como rural, longe do centro da cidade, “depois da linha do trem” e junto ao “Instituto de Menores”. Relevante é vê-la como patrimônio cultural, com suas feiras, exposições, festas e eventos onde se relaciona com a cidade. Pretendeu-se, baseado neste método, reunir um material documental, através de jornais, decisões legislativas, fotografias de época e cotejamento de diretrizes políticas e planos urbanos para acompanhar o desenvolvimento da cidade. Esta fase do trabalho foi prejudicada em função das restrições adotadas como proteção à disseminação da pandemia do COVID 19, os acervos, bibliotecas e demais órgãos públicos e privados que seriam utilizados como fonte de pesquisa primária, documental, jornalística e demais acervos de importância para a pesquisa permaneceram fechados.

Pesquisa Oral - Esse método, que seria de vital importância para a pesquisa, auxiliando na coleta de dados junto às pessoas que trabalharam e estudaram na escola, bem como

mogimirianos ligados à área de ensino e cultura que viram “de fora” a trajetória da Instituição, não pôde ser realizado. As entrevistas previstas para serem realizadas diretamente com alunos, ex-alunos e professores foram igualmente prejudicadas pelos corretos protocolos de proteção à pandemia do coronavírus, baseados no isolamento social, à baixa exposição interpessoal evitando desde aglomerações a pequenas reuniões e encontros. As entrevistas previstas no início da pesquisa e confirmadas na banca de qualificação tiveram que ser suspensas. Assim foi dado um destaque especial aos relatos do professor Rogério Mazzola, obtidos em entrevista dada à professores da Escola e transcritas posteriormente e que se encontram disponíveis para consultas. A importância dos seus relatos orais se deve ao fato de ter sido designado para assumir a citada escola em 1962, tendo encontrado apenas a estrutura física do prédio e iniciado toda a organização e montagem do ginásio industrial. Trabalhou por mais de quarenta anos e, atualmente aposentado, ainda guarda vínculos com a instituição de ensino cinquentenária, tendo em mãos documentos e fotos ligados à história da escola.

1.3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa desenvolveu-se em cinco etapas:

1- Revisão bibliográfica: Foram lidos livros, artigos, textos de referência, teses e dissertações que abordavam temáticas de interesse para a construção de um horizonte conceitual interdisciplinar, para abordar questões relativas ao patrimônio material e imaterial, questões sobre história e memória, sobre as transformações econômicas e sociais ocorridas no final do Século XIX, com a abolição da escravidão e a proclamação da República e os impactos decorrentes na atividade agrícola e rural e a chegada de imigrantes europeus no interior do Estado de São Paulo. Também o surgimento da indústria e crescimento das cidades promovidos pelo êxodo rural e pela chegada de levadas de imigrantes, e ainda, a busca de material em livros, artigos, dissertações, periódicos e jornais para o levantamento do surgimento das escolas profissionalizantes no Estado de São Paulo em paralelo com a expansão urbana ocorrida na região a partir dos anos de 1950.

2- Pesquisa História Oral - Levantamento de depoimentos dados em entrevista a professores da Escola, do primeiro diretor da Escola Técnica, que trabalhou frente a ela por mais de quarenta anos.

3- Pesquisa Histórica - Coleta de mapas, textos, matérias de jornais locais e outras referências para traçar uma linha paralela da cidade, o crescimento urbano e econômico, a carência de mão-de-obra qualificada e a criação e atuação do “Ginásio Industrial”, como é conhecida até os dias atuais.

4- Sistematização e análise dos dados levantados, cruzamento das ações da ETEC com relação à cidade, e as influências e relevância cultural para a comunidade.

5. Fonte primária de pesquisa, o jornal local “A Comarca”, apesar das dificuldades causadas pela pandemia foi de grande relevância para o trabalho. Esse jornal que circula na cidade há 120 anos, foi fundado em 1900 e tem seus exemplares circulando ininterruptamente, abastecendo de notícias Mogi Mirim e região. Muitas matérias sobre a criação, funcionamento e participação da Escola junto à cidade foram catalogadas como material de pesquisa, bem como fotos que ilustram muitas das matérias jornalísticas.

A bibliografia deve trazer à pesquisa um embasamento teórico necessário para compreender as primeiras escolas de “Artes e Ofícios” como modelo e norteadora para as demais que as seguiram, as várias mudanças de denominações, características de

estrutura pedagógica, de acordo com os vários momentos políticos e de alterações nas diretrizes educacionais. Com a passagem das Escolas Técnicas, que eram subordinadas à Secretaria de Educação para coordenação do Centro Paula Souza, inicia-se um novo tempo de transformações e valorização. O material bibliográfico do Centro trouxe várias contribuições para a pesquisa, esclarecendo vários aspectos da abordagem do tema do ensino profissionalizante. Livros do Centro Paula Souza tratando das escolas profissionalizantes serviram de base, assim como autores que tratam de história, memória e significado imaterial.

Foram incorporados alguns mapas da cidade para o entendimento do crescimento urbano e de como a criação da Escola impulsionou o desenvolvimento da região circundante.

Foram reunidas fotos e material jornalístico de cobertura dos eventos desenvolvidos na Instituição, que atraem milhares de visitantes, familiares ou não, para dentro de seu espaço ou mesmo os externos, como o carnaval de rua organizado por eles - CARNAETEC, mostrando a interação da instituição no seu conjunto com a vida cultural e social da cidade, ampliando o seu lugar como patrimônio imaterial.

Finalizando os levantamentos históricos, bibliográficos e de pesquisa oral, passou-se à análise e às costuras dos itens observados, sempre relacionando a escola com a cidade e a comunidade, que não se restringe só ao âmbito local, mas regional.

Abordou-se a importância da configuração do território a que a escola pertence, neste desenvolvimento cronológico, geográfico, social e cultural, dado que a sua localização contribuiu para a presença em seu entorno do Departamento de Educação, a FATEC, a APAE e o TG.

CAPÍTULO 2 - Conceituação e antecedentes históricos

2.1. Fundamentos conceituais do trabalho e revisão bibliográfica

A pesquisa objetivou resgatar a história e memória da ETEC Pedro Ferreira Alves e se debruçou para isso sobre documentos, fotos, registros gráficos do território, espaço físico de edifícios públicos e privados, publicações em periódicos, relatos de história oral e outros meios possíveis para mostrar a importância da Instituição de Ensino, não só do ponto de vista material, mas principalmente quanto ao patrimônio imaterial.

A dimensão material, por ser tangível, parece sempre ser mais fácil de ser observada e analisada, já que está no local há mais de cinquenta anos e pouco mudou em seus prédios, salas de aula, oficinas, pátios, áreas externas. Por ter sido pouco alterada, conserva a arquitetura dos anos sessenta, alguns espaços foram adaptados, outros reformados, funções mudaram de lugar - mas, do ponto de vista do patrimônio imaterial, o espírito do lugar permanece intacto, até porque seu público continua o mesmo, jovens alunos em busca de conhecimento, qualificação técnica e preparo para o futuro mercado de trabalho ou uma continuidade acadêmica. Mudaram as roupas, os cabelos, os costumes, mas a essência dos alunos continua a mesma. Os professores também mudaram esses aspectos como os jovens, mas a essência também é a mesma, quando se reúnem na sala dos professores para discutir diretrizes e questões didático-pedagógicas da escola e as estratégias atuais e futuras relacionadas à qualidade do ensino e formação profissional mantém-se o clima de dedicação e compromisso de quando a escola iniciava seus trabalhos.

O autor Pierre Nora no texto “ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA - A problemática dos lugares” (NORA, 1993) discute a problemática dos lugares após a II Grande Guerra envolvendo questões da história e memória e que se mantém atual, tratando-a como se tivesse ocorrido um “... desmoronamento central de nossa memória” fruto, dentre outros fatores, de fenômenos como a mundialização, a democratização, a massificação e a mediatização que o mundo passou nas últimas décadas e nos fala do:

“(…) Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do

passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro; quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. Ainda mais: é o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade.” (NORA; 1993; pg.7)

Assim, ainda segundo NORA:

“A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.” (1993; pg. 7)

O autor trata a História e Memória com contextos bem singulares, como no trecho seguinte:

“Memória, história: longe de serem sinónimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala

a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica.” (idem, pg. 9)

E afirma que,

“A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs (apud NORA, 1993, pg. 9) o fez que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. (...) Uma sociedade que vivesse integralmente sob o signo da história não conheceria afinal, mais do que uma sociedade tradicional, lugares onde ancorar sua memória.” (idem, pg. 9)

Como alguns autores apontam, a História é sempre produzida pelo homem, por aquele que a escreve e a coloca de acordo com suas convicções e visões, é a leitura do fato acontecido, onde se enaltece o que lhe é importante e é deixado de lado o que julga de menor importância.

Segundo Gusmão e Jobim, no artigo: *História, memória e narrativa: a revelação do "quem" nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários* (Psicologia e Sociedade nº 22; 2010):

“A pesquisa, que tem como intenção desvelar a trajetória de atos, gestos e palavras do homem comum, assume, no agora, um compromisso com o futuro. Isso requer uma determinada postura do pesquisador, a qual se expressa na tomada de consciência de que nenhum fato, por mais simples que seja, pode ser considerado perdido para a história. Desse modo, o pesquisador encarna a figura do cronista e segue as pistas

deixadas por Walter Benjamin, quando ele apresenta, na terceira tese do texto “Sobre o conceito da história”, o pensamento seguinte: “O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citation à l’ordre du jour - e esse dia é justamente o do juízo final (Benjamin, 1994, p. 223)”. (GUSMÃO e JOBIM; 2010; pg. 299)

Assim como Walter Benjamin, Hannah Arendt e Bakhtin apostam na retomada do passado a partir de interpretações que ainda não foram construídas, mas que permanecem como possibilidades, aguardando seu momento de ressurreição na grande temporalidade, como nos esclarece Bakhtin na passagem seguinte:

“Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. “Questão do grande tempo”” (Bakhtin, 2003, p. 410).

Os conceitos tratados por Hannah Arendt também são de grande relevância para entendermos o papel da ETEC para a cultura da cidade e região.

Ainda segundo Gusmão e Jobim,

“Entretanto, as perspectivas teóricas de Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin e Hannah Arendt insistem em romper com a visão progressiva do tempo cronológico, e nos incitam a acreditar que o passado não esvazia o presente, mas, ao contrário, lhe abre novas possibilidades de existir no futuro.” (GUSMÃO e JOBIM; 2010; pg. 299)

Neste sentido as referidas autoras chamam a atenção em seu artigo para esta citação de Arendt (1989, p. 531):

“(…) todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem”. (GUSMÃO e JOBIM; 2010; pg. 290)

Para Hannah Arendt, conforme Andreiuolo (2005), contar histórias tem a ver com a experiência da reconciliação. A compreensão corresponde à tentativa de nos reconciliarmos com a realidade e de estarmos à vontade no mundo:

“A lembrança é o esforço contínuo contra o caráter perecível do mundo, é o que faz do mundo nossa morada.” (Andreiuolo, 2005, pg. 35).

Gusmão e Jobim complementam em seu artigo:

“A história não é um lugar vazio e homogêneo, definido para todo o sempre em um passado que se foi, mas, ao contrário, um espaço de revelações surpreendentes, lugar de transformação das reminiscências em palavras e imagens. A história é o lugar de conciliação do passado com o presente, apontando perspectivas de futuro. Entrar na morada da memória significa tomar consciência do modo como cada vida singular é parte de uma história maior. A história de uma comunidade não se esgota nunca. Cria sempre um novo começo a partir do encontro dos relatos entre as gerações. As origens são múltiplas, e a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. Fixar é o grande desafio.”

A presente pesquisa realizada se encaixa muito bem no contexto que Pierre Nora chama de LUGARES DE MEMÓRIA, falando:

“(…) O tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída. Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria.” (NORA; 1993)

A História e a memória estão entremeadas por todos esses conceitos que foram tratados, elas são a alma do lugar, os relatos de professores, do ex-diretor, de alunos e funcionários que viveram, estudaram e trabalharam, revelam toda a importância do lugar e nos revela o quem e não somente o que, fotos de pessoas e de recantos da escola ganham vida, saltam da moldura para os dias de hoje, confundindo-se com tempos atuais, perdem a linearidade temporal que a história tenta engessar, tratando tudo com distinção entre passado e presente, nessa hora os fatos passam a figurar como ícones que apontam para o futuro (NORA; 1993), passagens quando são relembradas ganham ares de atualidade, renascem como fênix das cinzas.

Esta pesquisa quer trazer à tona esses conceitos para fazer o resgate da importância da ETEC PEDRO FERREIRA ALVES para a comunidade que ela abrange, não só na época de sua fundação, quando o crescimento industrial da região pedia a formação de mão de obra especializada para o chão de fábrica, mas durante todo o trajeto por que passou ao longo de todos esses anos, com as dificuldades, mudanças, políticas de educação, até chegar aos dias atuais, constituindo o legado que esta pesquisa está analisando.

2.2. O início do Ensino Profissionalizante no Estado de São Paulo

Com o início da República, a presença do trabalho livre, principalmente com a chegada dos imigrantes, e o aumento do ritmo do desenvolvimento comercial, urbano e das indústrias, surge a necessidade de implementação de ensino popular e profissional no Estado.

Nos primeiros anos do Governo Republicano, o ensino popular se expande, e as escolas oficiais passam a ser formadas por Grupos Escolares, Escolas Reunidas e Escolas Isoladas.

As Escolas Isoladas, divididas segundo a localidade, podiam ser: rurais, distritais e urbanas, funcionavam em fazendas, bairros operários e próximos às fábricas; eram destinadas para operários, colonos e imigrantes. Os Grupos Escolares eram mais eficientes e equipados para o ensino, atendendo uma população escolar mais heterogênea.

As primeiras Escolas Profissionais Oficiais do Estado foram criadas em 1910, sob gestão de Oscar Thompson na Diretoria da Instrução Pública, para o aumento de mão de obra qualificada do mercado interno. (Fonte: Cultura, Saberes e Práticas - Memórias e História da Educação Profissional)



Foto 03 - Aluno em bancada de trabalho - década 1910

Essas novas Escolas Profissionais visavam atingir uma população específica: filhos de trabalhadores que iriam “seguir a profissão de seus pais” e constituiriam “... uma fonte inesgotável de atividade e energia alimentando as forças vivas de nosso Estado” (Relatório apresentado ao Senhor Presidente do Estado pelo Secretário dos Negócios do Interior, 1912).

Em 1911, inicia-se o funcionamento em São Paulo, no Brás, conhecido bairro operário, da “Escola Profissional Masculina” (atual ETEC Getúlio Vargas) e da “Escola Profissional Feminina” (ETEC Carlos de Campos), para o ensino das “artes industriais” para os meninos, e de “economia doméstica e prendas manuais” para as meninas, tais instituições deveriam ser MODELOS para as demais.

Sobre a escola de Amparo, o Liceu de Artes e Ofícios, precursora do interior do Estado, foi dito na época no Jornal “O Comércio”, de Amparo:

“foi nesse contexto que o Coronel João Belarmino Ferreira de Camargo, político local influente, à frente de um grupo de amparenses, envidou esforços junto às autoridades governamentais para trazer para a cidade uma escola profissionalizante com o intuito de aproveitar os trabalhadores excedentes da lavoura, preparando-os para trabalho na indústria manufatureira e na prestação de serviços, e com o objetivo de tirar da rua os meninos, ensinando-lhes um ofício”.

Criada em 1911, começa a funcionar de fato em 1913.



Foto 04 - Escola Profissional de Artes e Ofícios de Amparo - década provável 1920

Da mesma época temos a criação de dois Institutos no interior do Estado - a “Escola Profissional de Artes e Ofícios de Amparo” (atual ETEC João Belarmino) e a Escola de Jacareí - ETEC Cônego José Bento, ambas deveriam ter “o ensino das profissões mais adequadas ao meio industrial” em suas localidades. Fonte: Patrimônio, Currículos e processos Formativos - Memória e História da Educação Profissional)



Foto 05 - Seção de mecânica, Escola Profissional de Amparo - década de 1930

No fim da década de 20, tínhamos Escolas de Ensino Profissional Regular nas seguintes cidades: São Paulo, Amparo, Franca, Campinas, Ribeirão Preto, Rio Claro, Sorocaba, Mococa, São Carlos, Santos, Santo André, Jaú, Botucatu, Lins, Tatuí, Santo Antônio do Pinhal e Limeira.



Foto 06 - Escola Profissional Masculina - Oficina de Mecânica - 1926

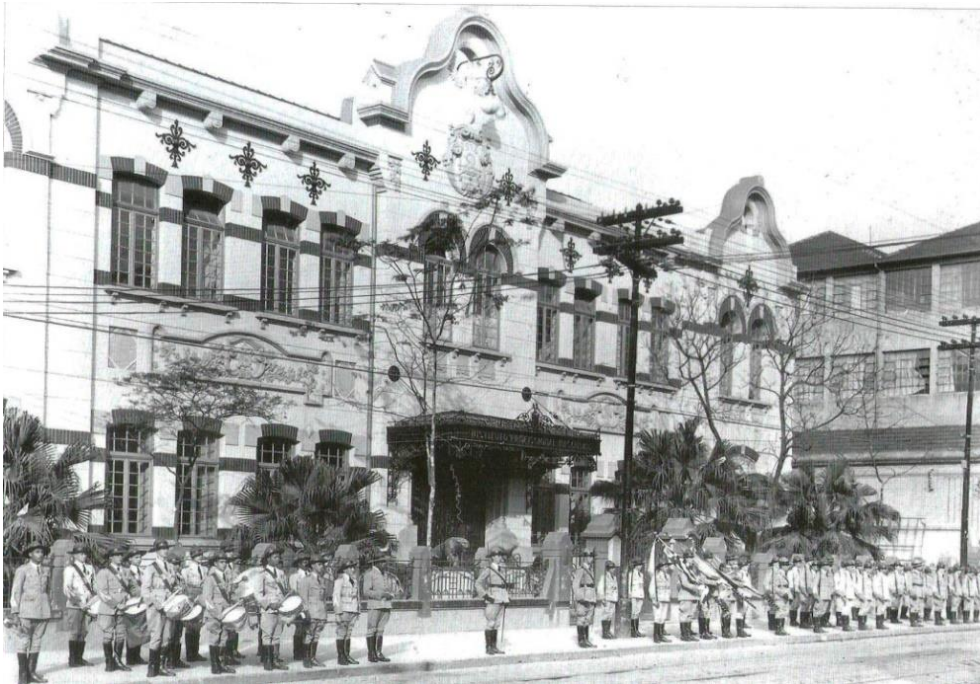


Foto 07 - Escola Profissional Masculina - década 1930

Em parceria com Empresas Ferroviárias, foram criadas Escolas com “cursos ferroviários”, dirigidas pelo Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional/CFESP, iniciativa comum da Secretaria Estadual de Viação e Obras Públicas e do Instituto de

Organização Racional do Trabalho/IDORT, com a supervisão do Professor Roberto Mange, da Escola de Mecânica do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (1924) e também Professor da Escola Politécnica; métodos de processos de ensino desenvolvidos nessa época foram o embrião para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/SENAI, criado em 1942. (Fonte: Cultura, Saberes e Práticas - Memórias e História da Educação Profissional)

A Diretoria da Instrução Pública sob o comando de Lourenço Filho, a partir de 1930, inicia reformas no ensino, principalmente no profissionalizante, difundindo as “contribuições de Roberto Mange” com princípios tayloristas e fundamentos da psicotécnica. Em 1933, Fernando de Azevedo aprofunda as mudanças com o “Código da Educação”, que faz a equiparação do ensino profissional ministrado nessas escolas ao curso secundário, a chamada Escola Acadêmica, proporcionando também uma aproximação maior das escolas profissionalizantes oficiais às reais necessidades do mercado de trabalho da região.



Foto 08 - Alunos da Escola Profissional Masculina no pátio da escola - década 1930, O Professor Rogério Mazzola encontra-se em meio aos alunos.

A “Superintendência da Educação Profissional e Doméstica”, criada em 1934, altera a forma de gestão e organização do sistema vigente, tirando das mãos dos diretores das escolas profissionalizantes, um sistema de organização quase exclusivo de cada um.

Do mesmo período temos a criação do “Serviço de Psicotécnica”, num trabalho de Horácio Augusto da Silveira, diretor da Escola Profissional Feminina da Capital junto a Roberto Mange. Os Gabinetes de Psicotécnica procuravam uma seleção de alunos através do “juízo psicológico, social, econômico e profissional”. A “Lei Orgânica do Ensino Profissional”, criada nos anos 40 pelo Governo Federal, reforçada pelas propostas de Roberto Mange estabelece o ensino técnico de ensino médio como parte distinta, sem laços com o ensino secundário. São duas estruturas distintas, o ensino secundário focando uma formação geral, com uma visão voltada para o estudo superior e outro, o ensino profissionalizante, visando mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, os modelos estavam definidos, com pouquíssimas alterações, e direcionam o ensino técnico e profissional no Estado e no País até os dias atuais.



Foto 09 - Escola Profissional Masculina. Aula de desenho, sem data.

Vale reforçar, como foi dito no início deste capítulo, que no final dos anos 20 tínhamos Escolas de Ensino Profissional em: São Paulo, Amparo, Franca, Campinas, Ribeirão Preto, Rio Claro, Sorocaba, Mococa, São Carlos, Santos, Santo André, Jaú, Botucatu, Lins, Tatuí, Santo Antônio do Pinhal, Limeira e muitas outras que foram criadas ao longo dos anos, até chegarmos nos anos 60 com a criação da unidade de Mogi Mirim e muitas outras que vieram depois, o que nos mostra a relevância do ensino profissionalizante para o Estado de São Paulo na época, que iniciava seu crescimento industrial e precisava de mão de obra qualificada para o trabalho nas fábricas.

Nas reportagens extraídas do Jornal “A Comarca” que seguem no terceiro capítulo, é visível a preocupação e a urgência que a população e os políticos da época viam na criação do novo Ginásio Industrial, como eram chamadas nos anos 60 as instituições profissionalizantes, para os jovens que precisavam se preparar para o mercado de trabalho, principalmente nas novas indústrias que se instalavam na cidade e região. Tais exemplares do jornal também mostram muitas notícias das novas instalações de fábricas que chegavam, fazendo sua propaganda nas folhas do diário impresso.

O trabalho de lobby feito pelo setor político já comentado quando da criação da Escola de Amparo, aconteceu nos mesmos moldes no caso do Ginásio de Mogi Mirim. A pressão feita por políticos importantes da época ao Governo do Estado, para a criação da Instituição, correspondia à reivindicação do prefeito e vereadores que externavam os anseios da população urbana crescente do município, que faziam o crescimento da cidade, e ansiavam por empregos nas novas indústrias que se fixavam.

Vemos então as novas escolas se espalhando pelo Estado de São Paulo e respeitando a vocação de cada região, trabalhando com os alunos de acordo com a demanda necessária para indústrias de diferentes segmentos, como o têxtil, o de calçados, a indústria automotiva, dos móveis de aço, de marcenaria, de alimentos e tantos outros ramos.

Os alunos “saíam empregados”, termo muito usado nos corredores das escolas, pois tinham o preparo necessário para o que precisava o crescente mercado de trabalho.

Nos anos 60, quando da criação do Ginásio Industrial de Mogi Mirim, a população crescia a saltos, principalmente na zona urbana, ultrapassando em números a zona rural, assim como em grande parte de nosso estado.

População de Mogi Mirim

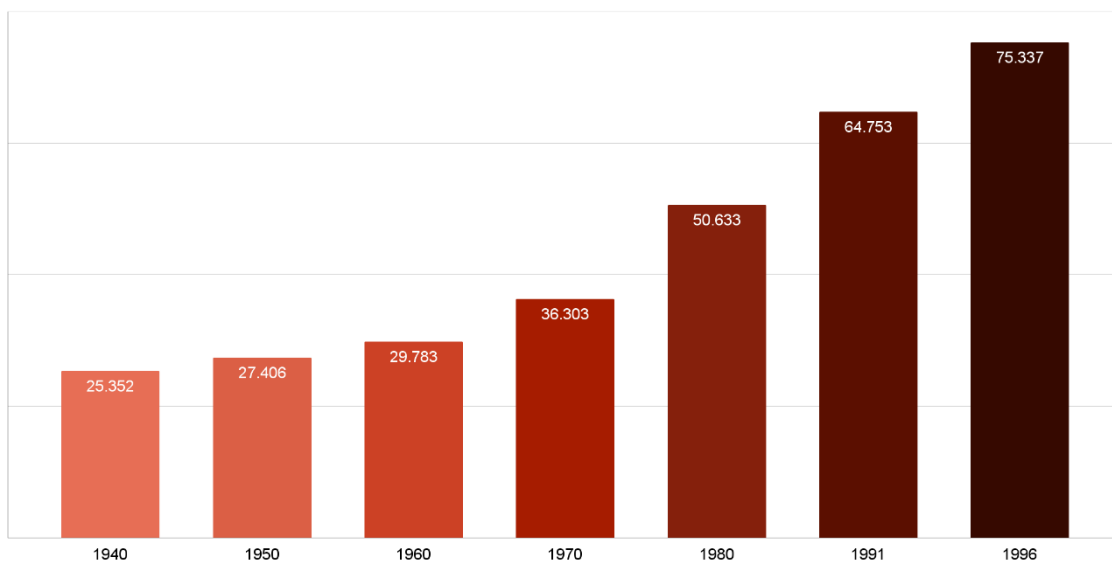


Gráfico 1 - Crescimento da população ao de Mogi Mirim 1940-1996, fonte IBGE.

Esses dados nos mostram como o crescimento da cidade aconteceu, como as indústrias da época atraíram a população para a cidade em busca de melhores condições de vida, trabalho, moradia, saúde e educação.

Isso mostra que a criação das Escolas Técnicas vinha ao encontro das novas necessidades de uma parcela da população que precisava de trabalho e, para isso, tinha que estar melhor preparado, familiarizado com o trabalho junto a máquinas dos diferentes ramos, já que a Escola tradicional não atendia os preceitos de preparar o trabalhador que vem da zona rural ou que está à procura de seu primeiro emprego, ou mesmos alunos mais velhos (muito comum nas escolas profissionalizantes) em busca de melhores colocações na crescente industrialização.

Eram tempos difíceis, as Escolas tinham no período noturno o mais procurado pelos alunos, a grande maioria trabalhava o dia todo e cursava o ensino técnico a noite, mas era o esforço necessário no momento de sonho de mudança de vida, de condição social, de ascensão ao trabalho e ganho melhor, o estudo técnico prometia tudo isso, para quem se via sem condições de continuar os estudos no nível superior, Era o mais promissor que se vislumbrava, ter um diploma de curso técnico, um preparo para o trabalho e um emprego garantido em uma indústria que prometia crescer e valorizar seus novos trabalhadores, vemos aqui, claramente, uma luta de classes, pessoas tentando ascender a melhores condições na sociedade.

Segundo relato de meu pai e de outros professores, era comum o aluno cochilar nas aulas noturnas, vindo de uma jornada de trabalho pesado nas lavouras de algodão e

café, de trabalhar como servente de pedreiro junto ao canteiro de obras capitaneado pelo pai da família, do trabalho como ajudante geral nas indústrias que começavam; comum também era a dificuldade de muitos em acompanhar os estudos vindo de escolas com baixo nível de ensino, mas estas dificuldades eram, para a grande maioria, desafios a serem vencidos em busca de uma vida melhor, tendo em vista que as escolas profissionalizantes representavam o “pote de ouro no fim do arco-íris”, parafraseando as histórias juvenis famosas na época.

O Governo do Estado via a importância da criação das novas escolas nas diferentes regiões do estado com suas diferentes vocações regionais; esse empenho refletia a vontade de tornar São Paulo ainda mais pujante e a frente de seu tempo. Saindo de um período em que o Estado de São Paulo se destacara como importante produtor rural e passando a ter o maior parque fabril do país, reconhecia a importância em se empenhar para o crescimento industrial, precisando para isso se empenhar também em produzir a mão de obra necessária para sustentá-lo.

Os cursos ministrados pelos Liceus de Artes e Ofícios já não bastavam, não atendiam a demanda que surgia, não era o trabalho artesanal difundido nessas oficinas que iria lapidar o operário de fábrica. Os Liceus tiveram importante papel como formador de artesãos e artistas que faziam trabalhos manuais em madeira, aço, pedra, couro, construção civil e outros materiais, mas o momento era outro, a industrialização carecia de pessoal que soubesse operar máquinas, produzir em série grandes quantidades, com novos materiais, com maior rapidez, que pudesse replicar peças, fazer a leitura de desenhos e projetos, enfim, um operário que entrasse para indústria já treinado e conhecedor das operações, não tendo tempo a perder com treinamentos e cursos longos dentro da própria fábrica.

Antecedentes da expansão do ensino profissionalizante no Estado: a criação do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo como referência

Para conceituarmos o ensino profissionalizante no Brasil, não podemos deixar de tratar do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e seu trabalho pioneiro na didática da prática profissional com os jovens. Sua história enriquece muito a pesquisa, pois mostra o início de tudo.

Segundo Margarida Gordinho em seu livro: Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: missão excelência/ (org. Margarida Cintra Gordinho; projeto gráfico Sylvia Monteiro) - São Paulo: Marca D'Água, 2000

“Progresso. Nunca antes um conceito se disseminaria tão democraticamente. Em meados do século XIX, na Europa, o culto à ciência e a glorificação do progresso técnico e científico apresentavam-se como solução indiscutível para os problemas da humanidade. Associada a essas ideias, a palavra progresso aparecia igualmente no discurso das elites dirigentes e das lideranças dos trabalhadores - personagens que começavam a ganhar importância no cenário das cidades. E o sentimento generalizado era de esperança na construção de um mundo melhor”.

Com avanços da mecânica, da química e da eletricidade, as cidades atingiam uma qualidade de vida nunca vista antes.

As novas técnicas de produzir em massa precisavam de um grande número de novos trabalhadores habilitados para desenvolver novas técnicas; os governantes se viram obrigados a desenvolver políticas sociais voltadas para classes trabalhadoras em busca do almejado progresso.

Na época, as comunicações intercontinentais eram precárias, mas as ideias não demoraram a aportar no Brasil; as elites traziam da Europa a nova ordem que se implantara no velho continente.

Em meados de 1870, o Vale do Paraíba via a crise dos produtores de café, as grandes fazendas levavam as culturas para o oeste paulista, nasciam as empresas agroexportadoras, e com o crescimento dos negócios, uma poderosa classe social surgia, com interesse em um novo projeto de reestruturação política para o país.

Com os novos e audaciosos objetivos, os cafeicultores não podiam mais ficar somente nas fazendas todo o tempo, tinham que permanecer na capital da província, próximos do porto de Santos, das casas corretoras de café e das decisões políticas.

Margarida Gordinho frisa:

“O crescimento da malha ferroviária no território paulista foi decisivo para o sucesso desse projeto. Na cidade de São Paulo, grandes transformações se processavam para abrigar a nova

elite. Construía-se novas residências, instalavam-se mais bancos e casas comerciais, ampliavam-se os serviços de infraestrutura urbana. E também, com o crescimento de um novo mercado consumidor, a indústria tomava impulso. “O progresso chegava a São Paulo.”

Para tal, precisava de trabalhadores habilitados, o sistema escravista estava no fim e a nova era carecia de novas soluções.

A Sociedade Promotora de Imigração, fundada pelos Barões do Café em 1879, de cunho particular, mas cofinanciada pelo governo paulista, trouxe de regiões pobres da Europa entre 1870 e 1889 mais de duzentos mil imigrantes. Em 1872, a cidade de São Paulo tinha pouco mais de 31.000 habitantes, eram trabalhadores para o café, mas muitos se fixaram na capital; tinham pouco dinheiro e pouca instrução, era uma população que precisava de trabalho e ser atendida nas diversas áreas.

João Teodoro Xavier de Matos assumiu a província em 1872, tinha grandes planos para a transformação da cidade de São Paulo, do saneamento à iluminação, plantio de árvores e saúde, até o crescimento da cidade; é dessa época a finalização da Estação da Luz, para servir a economia cafeeira com a estrada de ferro Santos-Jundiaí. Era um edifício monumental, executada com mão de obra e materiais vindos da Inglaterra, pois não tínhamos profissionais preparados e materiais adequados para tal obra.

Com tantos projetos, tanto progresso e crescente demanda de novos espaços e obras, faltava mão de obra para concretizar os novos sonhos, a capacitação da população era uma necessidade.

A França era referência cultural na época, foram buscar soluções para a instrução popular no sistema educacional desse país, inspirado pela ideologia liberal positivista.

A Sociedade Propagadora de Instrução Popular foi criada em 1873, uma iniciativa popular de projeto educacional, assumindo importante papel social e suprimindo uma carência do Estado. O grupo fundado via a necessidade de educar o povo, democratizar a cultura, os princípios éticos, o conhecimento técnico e a capacitação para o trabalho.

Os maçons estavam envolvidos na nova missão, também como forma de amparar os mestres e operários, principalmente ingleses, que vieram para a construção da Estação da Luz. Eram muitos profissionais gabaritados para formar novos carpinteiros,

serralheiros, marceneiros e artesãos canteiros, tão procurados para a São Paulo da época.

O **Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (LAOSP)** foi criado em 1873 por um grupo de aristocratas pertencentes à elite cafeeira nacional que pretendia formar mão de obra especializada para uma futura possível industrialização do país, de acordo com os ideais positivistas que pregavam a "dignificação do homem através do trabalho". Seu fundador, Carlos Leôncio da Silva Carvalho, era um advogado e Deputado Geral (atualmente corresponderia ao posto de Deputado Federal) e, com o apoio financeiro da maçonaria paulista e dos cafeicultores, conseguiu tornar real a instituição para divulgação das artes e ofícios focando na formação de mão de obra especializada para a lavoura, a indústria e o comércio.

Inicialmente, adotou-se o nome "Sociedade Propagadora da Instrução Popular". Não se pretendia, nos primeiros anos, promover educação profissional: lecionavam-se cursos noturnos de Primeiras Letras e Aritmética, entre outros, para adultos e crianças. Desde essa época, porém, já existia um Conselho Superior (presidido pelo Conselheiro Leôncio de Carvalho) que representava a elite paulista do período.

Passados sete anos, o Conselho Superior decidiu pela total reformulação da instituição e sua efetiva transformação em uma escola. Esta, ainda, não possuía sede nem diretrizes curriculares, e o modelo adotado para a nova instituição seriam as experiências europeias dos **Liceus de Artes e Ofícios** (as *Arts & Crafts Schools* idealizadas por William Morris). O movimento das *Arts & Crafts* (artes e ofícios) já ocorria na Europa há algum tempo e pregava a valorização do trabalho manual do artesão na indústria capitalista.

Com a adoção do nome *Lyceu de Artes e Ofícios*, o novo modelo passa a ser exercido e são ministrados cursos de marcenaria, serralheria, gesso, desenho, entre outros, dentro do espírito positivista-burguês das Artes e Ofícios.

Com o passar dos anos a frequência dos alunos só aumentava. O Liceu torna-se um dos mais importantes estabelecimentos de ensino da capital paulista. Entre 1880 e 1890, São Paulo era um grande canteiro de obras, já era a segunda maior cidade do país (pouco antes, em 1875 era a décima).

Era visível também o crescimento do número de oficinas de pedras, serralherias, marmorarias, estuquerias, mercearias, fundições, vidrarias e fábrica de produtos cerâmicos. Era o domínio do trabalho artesanal, do mestre e dos aprendizes.



Foto 10 - Projeto de Ramos de Azevedo e Domiziano Rossi para o Liceu (1896), atual sede da Pinacoteca.

A partir de 1890, assume a direção do Liceu o arquiteto Francisco Paula Ramos de Azevedo, responsável por uma nova reforma curricular e administrativa da escola que a faria prosperar de modo inédito. Ramos de Azevedo também foi um dos fundadores da Escola Politécnica da futura Universidade de São Paulo e trouxe da Bélgica um espírito empreendedor que ia ao encontro dos interesses do Conselho Superior. A partir de sua reforma, os alunos do Liceu (aprendizes) passariam a receber financeiramente pela obra que produziam. Esta obra levaria a marca de qualidade do Liceu estampada e seria vendida por todo o país. Com este modelo, o LAOSP tornou-se autossuficiente e independente.

O espírito e o contexto da época eram de empreendimentos e progresso, instrução, industrialização e comércio.

Francisco de Paula Ramos de Azevedo tinha essa visão de progresso e seria personagem imprescindível no contexto desses tempos.

“Sob a orientação de Ramos de Azevedo, a diretoria do Liceu estava disposta a transformar a instituição numa grande escola de operários especializados que produzissem manufaturas em escala, técnica até então desconhecida.”

Segundo Ana Maria Beluzzo:

“A feição eclética da cidade de São Paulo é uma grande parte esboçada pelo escritório Ramos de Azevedo e realizada na escola do Liceu”,

A prosperidade financeira do Liceu possibilitou a criação de uma sede definitiva. Em 1897, o Escritório Técnico Ramos de Azevedo iniciou o projeto do edifício da Praça da Luz, nunca concluído, mas entregue em 1900. Este edifício, através de um acordo com o Estado de São Paulo, seria dividido entre o LAOSP e a recém-criada, na época, Pinacoteca do Estado.

Entre 1897 e 1900, foi erguido o prédio do Liceu de Artes e Ofícios, na Avenida Tiradentes, projeto de Domiziano Rossi e construído pelo escritório de Ramos de Azevedo, sempre com a ajuda dos alunos do Liceu.

Em 1905, o Liceu já havia imposto sua marca, produzia e vendia seus produtos para custear parte das despesas de manutenção da Escola. Contava com cursos de: carpintaria, marcenaria, ebanisteria, escultura ornamentista, forja, caldeiraria, serralheria, fundição de bronze e metais finos, assim como todo o ramo para a construção civil.

Com seus mestres, principalmente italianos, o Liceu disseminou o gosto pelos ornatos das construções na paisagem paulista, as novas mansões não dispensavam grades, portões, dobradiças, maçanetas, móveis de estilo, todos feitos nas oficinas da Escola.

Os trabalhos do Liceu tinham qualidade reconhecida internacionalmente, muito usada em obras públicas e residências luxuosas de São Paulo e de outras capitais brasileiras.

Monteiro Lobato, elogiando o trabalho desenvolvido pelos alunos do Liceu, em 1917, escreveu:

“O Liceu é o verdadeiro expoente do progresso artístico-industrial de São Paulo: resultante lógica desse progresso, caminha à frente dele e o norteia.”

“Não é diante do produto acabado que as exposições revelam que se sente o alcance e bem se compreende a alma da grande oficina: é vendo os laboratórios de onde tudo aquilo sai, o formigueiro de operários e aprendizes, a elevação moral e mental que lhe dá a boa direção, o apuramento de suas

qualidades pessoais pelo estímulo da individualidade, cultivo da vocação e inteligente disciplinamento dela”.

Para serem admitidos no Liceu, os meninos tinham que ser maiores de doze anos, avaliados na saúde e admitidos em seção de seu interesse, recebendo uma pequena remuneração mensal; com o tempo, passava a meio-oficial e depois à oficial, quando se considerava completa sua formação; os melhores alunos eram admitidos nas oficinas de produção da Escola.

A primeira Guerra Mundial deu grande impulso a indústria brasileira. Interrompido o fluxo de produtos importados, o parque industrial brasileiro se firmou e desenvolveu para atender o mercado interno crescente; demolia-se a cidade velha e construía-se uma nova, a dos mestres e dos aprendizes.

O Liceu estava capacitado para produzir os substitutos dos produtos importados e participar da construção da nova metrópole industrial. A clientela estava à procura de produtos tirados de catálogos dos Estados Unidos e Europa, e se multiplicavam bancos, hotéis, escritórios, fábricas e residências.

O Liceu estava presente em incontáveis prédios públicos e particulares, praças, monumentos, provando sua participação na construção de São Paulo e atestando a competência de Ramos de Azevedo frente à Instituição.

A produção industrial do Liceu prosperou nitidamente nos períodos de Guerras Mundiais, com o aumento do consumo de itens produzidos no país (devido à redução de importações). Neste período, passaram pelo Liceu nomes como Victor Brecheret; Alberto Santos Dumont; Adoniran Barbosa. O Liceu se torna o principal divulgador e realizador de obras em estilo Art Nouveau da cidade e do país.



Foto 11 - Oficina dos Ferreiros Artísticos do Liceu na Rua da Cantareira, c. 1910. Acervo do Liceu de Artes e Ofícios.

A partir dos anos 1950, com a adoção pelo país de um novo modelo de desenvolvimento industrial, os artesãos do Liceu passaram a ser inadequados para as novas atividades de produção. Ocorreu a separação entre a atividade industrial da instituição e sua seção educacional: todo o ideal original de indissociabilidade entre arte e indústria se perdeu a partir daí. São frutos dessa nova fase industrial: execução das esquadrias do MASP; execução de parte do mobiliário do Aeroporto Internacional de Cumbica; produção dos caixas-automáticos 24 Horas; entre outros.

Nos anos 1970, ocorre uma nova reforma curricular e institui-se a Escola Técnica. Seus primeiros cursos envolvem Edificações (EDI), Máquinas e Motores (transformado em Mecânica - MEC - posteriormente), Decoração, Eletrônica (ELO) e mais tarde Desenho de Construção Civil (DCC) e Eletrotécnica. Quatro destes cursos (EDI, ELO, MEC e DCC) compuseram o núcleo pedagógico da escola e sobreviveram até 2002 (data da formatura de suas últimas turmas). Na década de 1980, foi fundado o Centro Cultural do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, estreando o espetáculo multimídia Multivisão.

Obras com a marca Liceu

A lista seguinte reúne edifícios e monumentos em que existem registros da atuação do Liceu, seja em sua construção, seja em seus materiais.

- Pinacoteca do Estado - ornamentos moldados pelos aprendizes do Liceu.
- Teatro Municipal de São Paulo - lustre monumental no saguão produzido nas oficinas do Liceu.
- Palácio das Indústrias de São Paulo - para-raios feito pelo Liceu.
- Estação Júlio Prestes - esquadrias executadas pelo Liceu.
- Monumento a Duque de Caxias - moldado no Liceu.
- Monumento a Ramos de Azevedo - moldado no Liceu, sob orientação de Galileo Emendabili.
- Monumento às Bandeiras - moldado no Liceu, sob orientação de Victor Brecheret.
- Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (FDUSP) - ornamentos do Salão Nobre e da Sala da Congregação moldados pelos aprendizes do Liceu.
- Monumento ao Ex-governador do RN Dix-Sept Rosado Maia - executado pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sob a direção do professor Otoni Zorline e sob a supervisão do professor Pedro Suzana.
- Palacete Horácio Sabino - Avenida Paulista: os móveis eram encomendados ao Liceu de Artes e Ofícios ou importados da França.
- Escultura Diana Caçadora: está localizada na Praça Pedro Lessa.
- Escultura Mercúrio em Repouso: está localizada na Praça da República.

O Estado, a partir de 1960, faz várias reuniões entre o Conselho Educacional de São Paulo para a criação de muitas novas escolas voltadas ao estudo profissionalizante, para atender o acompanhamento profissional dos jovens e a expansão industrial. Em 1967, quando Roberto Costa de Abreu Sodré assumiu o Governo do Estado, a criação de novas escolas teve um maior avanço; aí se encaixa no caso de estudo, a unidade de Mogi Mirim. Em 6 de outubro de 1969, o Centro Paula Souza iniciou suas atividades, sendo até os dias atuais, o responsável pelas escolas técnicas que foram desvinculadas da Secretaria da Educação nessa data.

No quarto capítulo da dissertação, trataremos de forma mais ampliada de como se encontra atualmente o trabalho das ETECs, como foi crescendo sua importância perante o cenário do ensino público até os dias atuais, indo na contramão das demais escolas de ensino tradicional que se encontram totalmente desacreditadas e em decadência, como se encontram as 212 ETECs distribuídas em 156 municípios paulistas, com 151 cursos técnicos e mais de 200 mil estudantes, segundo dados do Centro Paula Souza.

Centro Paula Sousa

Histórico

A instituição foi criada pelo Decreto-lei de 6 de outubro de 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967-1971), como resultado de um grupo de trabalho para avaliar a viabilidade de implantação gradativa de uma rede de cursos superiores de tecnologia, com duração de dois e três anos.

Em 1970, começou a operar com o nome de Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEET), com três cursos na área de Construção Civil (Movimento de Terra e Pavimentação, Construção de Obras Hidráulicas e Construção de Edifícios) e dois na área de Mecânica (Desenhista Projetista e Oficinas). Era o início das Faculdades de Tecnologia do Estado. As duas primeiras foram instaladas nos municípios de Sorocaba e São Paulo. Passou a se chamar Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza em 1973, em homenagem ao engenheiro e professor Antônio Francisco de Paula Souza.

A trajetória do Centro Paula Souza vai além de seus 50 anos de fundação. Sua memória mistura-se com a história centenária do ensino profissional público em São Paulo. Em 1969, o órgão nasceu com a missão de organizar os primeiros cursos superiores de tecnologia, mas, no decorrer das décadas, acabou englobando também a educação profissional do estado em nível médio, absorvendo unidades já existentes e construindo novas Etecs e Fatecs para expandir o ensino profissional a todas as regiões do Estado.

O engenheiro e professor Antônio Francisco de Paula Souza (1843-1917), nascido em uma família de estadistas, no município paulista de Itu, posicionava-se como um liberal, a favor da república e do fim da escravatura. Estudou engenharia na Alemanha e na Suíça. Fundou a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) e trabalhou diretamente no desenvolvimento da infraestrutura do país, projetando obras e estradas de ferro. Na política, atuou como deputado, presidente da câmara estadual e ministro das Relações Exteriores e da Agricultura no mandato do presidente Floriano Peixoto (1891-1894).

(Dados extraídos Do Portal do Governo do Estado de São Paulo)

Paula Souza era reconhecidamente um homem à frente de seu tempo e caracterizou-se como um educador que sempre defendeu o papel da escola como meio de formação de profissionais e não somente um local para discussões acadêmicas. Mais de 50 anos após sua morte, os princípios idealizados por Paula Souza começaram a se concretizar com a criação do Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo, em 6 de outubro de 1969 que, posteriormente, foi rebatizado como Centro Paula Souza, em homenagem ao professor.

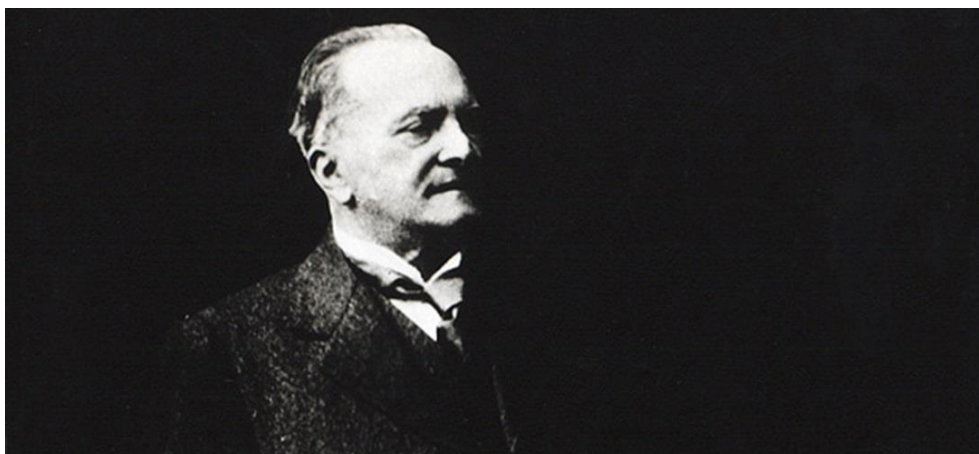


Foto 12 - Antônio Francisco de Paula Souza, Fonte: <http://sites-cpsnew-homologacao.azurewebsites.net/sobre-o-centro-paula-souza/>

Em 1969, quando nasceu o Centro Paula Souza, o cenário não poderia ser mais apropriado para uma instituição ligada à tecnologia - o ano em que o homem chegava à Lua.

Anísio Teixeira

A educação profissionalizante tem muito do pensamento de Anísio Teixeira (1900-1971), um dos mais importantes intelectuais da educação brasileira em suas raízes.

Baiano, advogado de formação, entrou para o mundo da educação por influência do pai. Cinquenta anos depois de sua morte, vemos seu legado não só nas instituições que ajudou a formar, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Universidade de Brasília, mas nas ideias que difundiu e estão latentes até os dias atuais no Ensino Público brasileiro.

“Toda sua produção intelectual é motivada pelo desejo de transformação social. Ele foi, acima de tudo, um educador voltado para a prática da educação e da administração”, declarou o filósofo e dicionarista Antônio Houaiss.

Teixeira propunha uma “educação para a vida”, estabelecendo uma escola modelo de tempo integral que norteia iniciativas até hoje. Bebeu na fonte do americano John Dewey, de quem foi aluno no mestrado que fez na Universidade de Columbia, Nova York, entre 1927 e 1929.

“Dewey era o nome mais importante por trás do movimento Escola Nova, que surgiu com a proposta de romper com os modelos pedagógicos tradicionais”, ressalta Darcício Natal Muraro, da Universidade Estadual de Londrina, especialista na obra do educador americano.

Em 1932, com mais 26 intelectuais, Anísio Teixeira integrou o Movimento de Renovação Educacional do Brasil e assinou conjuntamente o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Tal documento defendia o ensino público-obrigatório, gratuito e laico, preceitos que norteiam a educação brasileira até hoje, inclusive com a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Por influência de Teixeira, foi citada na Constituição de 64 pela primeira vez e tornou-se lei em 1966.

A LDB determina igualdade de condições de acesso à escola, diversidade de concepções pedagógicas, respeito à liberdade e a gratuidade do ensino público - princípios já defendidos por Anísio Teixeira, segundo a pedagoga Agueda Bernadete Bitencourt, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Teixeira dirigiu também o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). “Teixeira vinculou a INEP à CAPES, arquitetando assim o sistema educacional brasileiro do ensino básico à pós-graduação, sem desconsiderar as particularidades do federalismo brasileiro”, diz Muraro. “Dessa forma, pretendia levar a cabo seu entendimento de que a educação é um direito de todos e não pode ser tratada como privilégios de poucos”.

Anísio Teixeira faleceu em 1971, em plena atividade, deixando uma dúzia de livros publicados na área da educação e todo um legado de luta pela educação pública de qualidade, para formar cidadão por inteiro e com uma visão do futuro que só se viabilizará através da educação.

Segundo Carlos Antônio Teixeira, seu filho, seu pai “costumava dizer que as coisas só vão andar para frente nesse país quando começarmos a debater a educação com a mesma seriedade com que se discute futebol”.

Fonte: revista FAPESP 303, maio 2021, pág. 91, 93, artigo de Bruno de Piero.



Foto 13 - Anísio Spínola Teixeira; Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53367233>

1970 - As primeiras Fatecs

Ao implantar a Fatec Sorocaba em 1970, o Centro Paula Souza deu início à formação da primeira turma de tecnólogos. O prédio cedido pela Prefeitura que, originalmente, abrigava um hospital, hoje integra um complexo de oito blocos onde estão matriculados cerca de 1.700 alunos.

Três anos mais tarde, a capital ganhava a Fatec São Paulo, que iniciou suas atividades no antigo prédio da Escola Politécnica da USP, onde permanece até hoje. Com a ampliação dos cursos - hoje são 12 -, ganhou um novo bloco na Avenida Tiradentes.

1980 - Nasce o Ensino Técnico

O Ensino Técnico no Centro Paula Souza começou em 1980. Neste ano, foram transferidas para a instituição as primeiras escolas que integravam um convênio firmado entre os governos federal, estadual e municipal.

Assim, o Paula Souza passou, também, a formar técnicos. Hoje, as seis unidades - as atuais Etecs Conselheiro Antônio Prado (Campinas); Vasco Antônio Venchiarutti (Jundiaí); João Baptista de Lima Figueiredo (Mococa); Lauro Gomes (São Bernardo do Campo); Jorge Street (São Caetano do Sul); e Polivalente de Americana - atendem a mais de 11 mil alunos.

Anos 80 - Era da Informática

Na década de 80, época em que era crescente a demanda por profissionais qualificados na área de computação e informática, foram implantadas as Fatecs Baixada Santista e Americana.

As duas unidades iniciaram suas atividades com o curso superior de Processamento de Dados, hoje denominado Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Em Americana, importante polo industrial, a Fatec também criou, à mesma época, o curso para formar o tecnólogo têxtil.

Ao longo dos anos, as duas faculdades ampliaram suas opções para oferecer mais vagas no ensino público superior.

1982 - Uma experiência que deu certo

Mais seis escolas técnicas se integravam ao Centro Paula Souza em 1982: as Etecs Camargo Aranha e Getúlio Vargas, na Capital; Fernando Prestes e Rubens de Faria e Souza, em Sorocaba; Júlio de Mesquita, em Santo André; e Presidente Vargas, em Mogi das Cruzes.

Estas unidades também trouxeram ao mercado cursos em sintonia com a modernização dos setores produtivos, como o de Mecatrônica, ministrado em quatro destas Etecs, para atender a área industrial. Era uma prova da eficiência da instituição para promover também o Ensino Técnico, além do Tecnológico, razão inicial de sua criação

1988 - A criação das primeiras escolas técnicas

No ano de 1988, o Estado criava as duas primeiras Etecs para o Paula Souza - Etec São Paulo e Etec de Taquaritinga. Hoje, os técnicos formados possuem ótima inserção no mercado: 77% deles estão empregados após um ano de formatura.

Década de 90 - Cursos Pioneiros

De 1990 a 1997, mais seis municípios paulistas ganharam Fatecs, seguindo as tendências da economia regional. Jaú, Taquaritinga, Guaratinguetá, Indaiatuba, Botucatu e Ourinhos passaram a fazer parte da rede.

Os dois cursos tecnológicos na área de Navegação Fluvial, oferecidos pela Fatec Jahu, são pioneiros na América Latina, e se inserem no grande desafio de promover o desenvolvimento das hidrovias e do transporte multimodal no Brasil.

2002 a 2006 - A força das parcerias para o desenvolvimento

Para atender às necessidades do setor produtivo em cada região, as parcerias com prefeituras e empresas são fundamentais na hora da definição dos cursos e da ampliação de vagas no ensino superior público em todo o Estado. Em quatro anos, de 2002 a 2006, o número de Fatecs passou de 10 para 26. A capital ganhou duas unidades, uma na zona leste e outra na zona sul. As demais foram implantadas nos municípios de Carapicuíba, Cruzeiro, Garça, Itapetininga, Jundiaí, Marília, Mauá, Mococa, Pindamonhangaba, Praia Grande, São Bernardo do Campo, São José dos Campos, São José do Rio Preto e Tatuí.

1994 a 2006 - Ampliações do Ensino Técnico

Além da criação da ETEC Adolpho Berezin, de Mongaguá, mais 85 escolas técnicas são integradas ao Centro Paula Souza, entre 1994 e 2004. Entre elas, 35 da área agropecuária, como a ETEC de Cabrália Paulista.

Entre 2002 e 2006, foram implantadas mais 26 unidades em diversos municípios: Atibaia, Avaré, Bauru, Bebedouro, Birigui, Capão Bonito, Carapicuíba, Fernandópolis,

Franco da Rocha, Guarujá, Hortolândia, Lins, Mauá, Osasco, Pirassununga, Praia Grande, Ribeirão Pires, Santa Bárbara d'Oeste, São José do Rio Pardo, São Paulo (3), São Roque, Taquarituba, Taubaté e Tupã.

2007 - A expansão das Fatecs

A Fatec São Caetano do Sul nasceu para atender à vocação socioeconômica do município, voltada para os setores industrial e comercial. A unidade, localizada no Grande ABC, oferece os cursos de Análise de Sistemas e Tecnologia da Informação e Secretariado. A unidade foi a primeira instituição pública de Ensino Superior da cidade. No mesmo ano, também foram implantadas as Fatecs de Guarulhos, Itaquaquetuba, Jales, Mogi Mirim, Presidente Prudente e Santo André, que integram o plano de expansão do Ensino Tecnológico, cuja meta é chegar a 52 Fatecs até 2010.

2007 - Liberdade para a educação

O Estado deu vida nova ao Complexo Penitenciário Carandiru, na capital, com a implantação da ETEC Parque da Juventude, em 2007. No mesmo ano, oito municípios ganharam Etecs: Araçatuba, Diadema, Ferraz de Vasconcelos, Ibitinga, Itanhaém, Palmital, Piraju e Teodoro Sampaio, além de São Paulo (Etecs Maria Augusta, Itaquera e Sapopemba). Ainda em 2007, em parceria com a Fundação Roberto Marinho, o governo estadual criou, por meio do Paula Souza, o Telecurso TEC, para formação técnica a distância. Em 2008, o programa foi ampliado para atender alunos da Secretaria Estadual da Educação e do Estado de Goiás.

2008 - Estado ganha mais 14 Fatecs

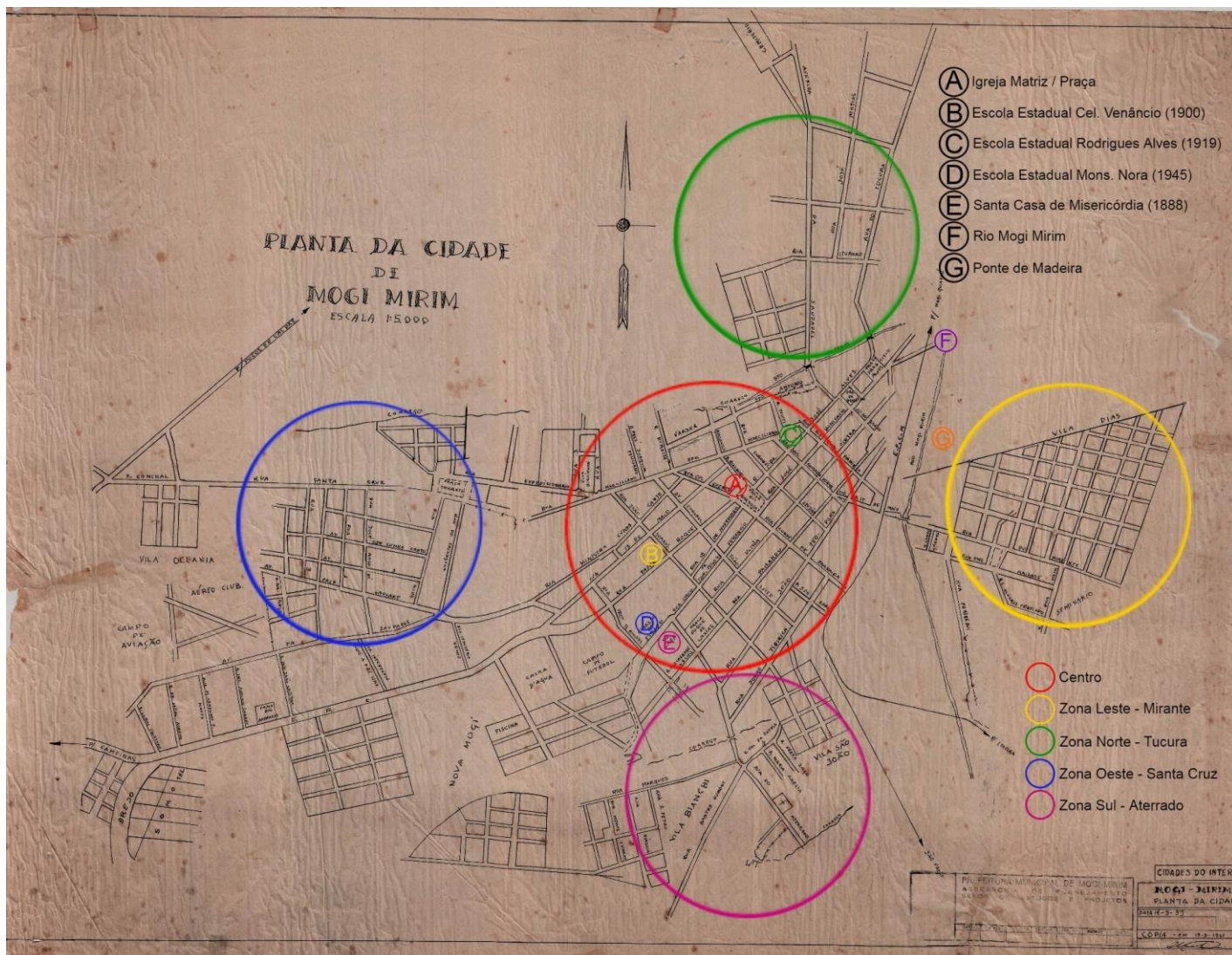
O plano de expansão deu um grande salto no número de Fatecs, no ano de 2008. Foram implantadas mais 12 unidades: Araçatuba, Bauru, Bragança Paulista, Capão Bonito, Catanduva, Franca, Itu, Jaboticabal, Lins, Mogi das Cruzes, Piracicaba e Sertãozinho. Juntas, essas faculdades criaram mais 1.400 vagas no Ensino Tecnológico. Outras duas Fatecs - a de São Sebastião e a do Ipiranga (Capital) começam a funcionar em 2009.

O prédio da unidade de Catanduva passará por reformas e adequações para possibilitar melhores condições de acesso a portadores de necessidades especiais.

2008 e 2009 - O plano de expansão das Etecs

A meta do Estado é ampliar em 100 mil as matrículas no Ensino Técnico até 2012. Em 2008, além da capital (Etecs de Artes, de Arthur Alvim e de Vila Formosa), dez municípios receberam Etecs: Cajamar, Cubatão, Piracicaba, Santana do Parnaíba, São José dos Campos, São Sebastião, São Vicente, Suzano, Vargem Grande do Sul e Votorantim. Em 2009, começaram suas atividades no primeiro semestre - Campo Limpo Paulista, Capivari, Monte Mor, Nova Odessa, Peruíbe, Piedade, Porto Ferreira, Registro e Capital (Cidade Tiradentes e Santo Amaro).

(Dados extraídos Do Portal do Governo do Estado de São Paulo)



Mapa 1 - Planta da Cidade de Mogi Mirim (1959), Fonte Arquivo público de Mogi Mirim

O texto seguinte foi publicado no Jornal A Comarca no período que antecedeu a abertura do Ginásio Industrial, explicando a origem do ensino profissionalizante, uma maneira de informar e despertar o interesse pelo novo tipo de ensino na comunidade.

Jornal - A COMARCA, 19 DE DEZEMBRO DE 1963

Escola Industrial - Pedro Ferreira Alves

O que é o Ensino Industrial? Qual a sua origem?

Com este desprezioso trabalho, pretendemos apenas mostrar às pessoas interessadas como surgiu o Ginásio Industrial no cenário mundial e, posteriormente, no

Brasil. Os episódios aqui publicados foram transcritos através da Conferência proferida pelo Dr. Hildebrand, Diretor de Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura, no Cinquentenário do Ensino Industrial em São Paulo, ocorrido em 28 de setembro de 1961.

Já na Idade Média, a indústria tinha características especiais, isto é, o produto era fabricado pelos mestres, pelos seus filhos, pelos artesãos e pelos aprendizes. A pequena indústria era feita de tal forma que a oficina ficava nos fundos e a loja para a venda dos artefatos na frente do prédio.

Os produtos fabricados eram essenciais para as necessidades do homem, tais como: alimentação, vestuário, abrigo, proteção, adornos etc.

A mão de obra era executada pelos artesãos que auxiliavam diretamente os mestres. Para o homem tornar-se artesão, teria que passar por longos anos de aprendizagem sob as ordens do mestre que era o seu patrão. O jovem aprendia seu ofício empiricamente, não havia métodos, planos e nem preparo psicológico. Nessa época, o aprendiz era subordinado ao patrão em todos os pontos de vista. Já no fim da Idade Média, houve a libertação do aprendiz ao mestre.

Para que o mestre pudesse exercer seu cargo, era-lhe exigido o Certificado de Aptidão profissional CAP. Na França, até hoje, é exigido para o mestre exercer sua profissão o Brevet Professionnel B.P.

Como pode-se observar, a aprendizagem era feita mais pela curiosidade e pela observação. O aprendiz se sujeitava a todas as imposições de seu superior. Após o aprendizado, ainda assim o jovem mantinha estreita ligação com o seu mestre, pois sabia que a ele devia parte de sua própria vida. Normalmente, necessitava de seus conselhos, porque nem todos os segredos do ofício eram ensinados ao menor.

No Brasil, sempre houve ensino profissional, desde o início do Chamado Período Colonial. Nos engenhos de açúcar, isolados e afastados uns dos outros, é que se situava a aprendizagem de rudimentares ensinamentos profissionais, necessários a uma sociedade rural que se criava. Ensinava-se, principalmente, aos escravos a carpintaria, a arte de tecer, de forjar ferro, de fazer sapatos, de construir, de edificar etc. Também os jesuítas que difundiam os fundamentos cristãos de nacionalidade, viram-se obrigados a se improvisarem em mestres de oficina e ensinarem a serralheria, sapataria, técnicas de construção, “sem conhecimentos de ofício”, segundo observava o Padre Fernão Cardozo.

O Padre Manoel de Paiva se ocupava em “carpintar e fazer taipas”. O Padre José de Anchieta, em suas cartas, refere-se, frequentemente e minuciosamente, ao ensino de ofícios a brancos e índios.

Em 1573, no Colégio de São Vicente, há referência do Padre Manoel da Nóbrega sobre o ensino do ofício de teareiro.

Os portugueses introduziram, no Brasil, as Corporações de Ofícios. Nelas, passaram a ser ensinadas as profissões manuais aos jovens aprendizes. Os mestres de ofícios eram encarregados pelas Câmaras Municipais de transmitir os conhecimentos técnicos e a prática das profissões manuais. O Mercado de São Paulo, suprido pelo estrangeiro, não estimulava o desenvolvimento industrial. Pequena indústria doméstica e o artesanato supriam as necessidades desse mercado. Mesmo as jazidas descobertas no fim do século XVI, em Sorocaba, pelo paulista Afonso Sardinha, e que deram nascimento as duas primeiras forjas para a produção do ferro, uma em Sorocaba e outra em Ubatã, não foram suficientes para determinar maior progresso da indústria de ferro. Por largo tempo, foi a Real Casa de Fundição de São Paulo, criada em decorrência da descoberta daquelas jazidas, o único reduto com que contaram os paulistas para a aprendizagem do ofício de fundidor. Extintas as Corporações de Ofícios, pela Constituição de 1824, também se extinguíram com elas os centros de aprendizagem sistemáticas das profissões manuais da Província.

Da fase Colonial, que pode ser considerado seu período pré-histórico, o Ensino Industrial evoluiu para concentrar-se em organizações pedagógicas mantidas por entidades beneficentes e de serviço social.

Em 1823, assinava-se a criação do Seminário das Educandas, instalado, a princípio, na Chácara da Glória e, posteriormente, na Chácara de Dona Veridiana Prado. Em 1844, o Presidente da Província de São Paulo, Manoel da Fonseca Lima e Silva, inaugurou o Seminário dos Educadores de Santana. Não era uma Escola Profissional no sentido atual. Tinha professores de Primeiras Letras (ler, escrever e contar), noções de gramática, geometria e álgebra. O ofício era ensinado em oficinas particulares e fora da instituição. A Província auxiliava com empréstimos e outras facilidades as oficinas e fábricas que recebessem como aprendizes, meninos maiores de 12 anos de idade do Seminário de Santana. Mais tarde, foi o Governo da Província autorizado a criar oficinas no próprio estabelecimento, a fim de nelas habilitarem-se os alunos em ofícios mecânicos.

Em 1867, a Lei n.º 26 incluía, no Regulamento da Força Pública Policial da Província, um dispositivo criando nessa Corporação uma Companhia de Menores, aos quais seria dada instrução primária e ensino.

Para ser aluno, era necessário o candidato ter mais de 10 e menos de 14 anos de idade. Além das disciplinas de Cultura Geral, eram ensinados os ofícios de alfaiate, sapateiro, marceneiro, serralheiro etc.

Entre 1870 e 1880, foram criadas três instituições de Ensino Profissional: Instituto Dona Ana Rosa, Liceu de Artes e Ofícios do Sagrado Coração de Jesus e o Liceu de Artes e Ofícios.

O Liceu de Artes e Ofícios representava, efetivamente, aspecto novo no desenvolvimento do Ensino Profissional, pois visava “Ministrar gratuitamente ao povo os conhecimentos necessários às artes e ofícios, ao comércio, à lavoura e à indústria”.

Deixava de ser instituição de assistência social aos desvalidos, aos órfãos, aos expostos e aos desamparados. Como se explicava essa modificação?

A partir dessa época, a filosofia de ensino do ofício começou a ser modificada. O povo e autoridades e, principalmente, os pais de alunos compreenderam que a aprendizagem de um ofício só engrandecia o estudante e a própria raça, enriquecendo a pátria que já sentia a necessidade de uma mão de obra especializada.

Fonte: Jornal - A COMARCA, 19 de dezembro de 1963.

2.3. Evolução Urbana de Mogi Mirim: Antecedentes Históricos e Socioespaciais

Mogi Mirim foi fundada por bandeirantes paulistas que buscavam pedras preciosas e ouro em Minas Gerais e Goiás; o vilarejo nasceu às margens do antigo “caminho de Goyaz”, usado por esses desbravadores do sertão. O nome vem do tupi e significa Pequeno Rio das Cobras.

O arraial de Mogi Mirim já possuía bom número de habitantes em 29 de julho de 1747, quando começaram a ser cavados os alicerces da primitiva Igreja Matriz de São José. A elevação da Freguesia de São José de Mogi Mirim a Vila se deu em 22 de outubro de 1769.

A Vila de São José de Mogi Mirim passou a abranger um enorme território, com limites

no rio Atibaia e no rio Grande, este na divisa entre São Paulo e Minas Gerais. Com o passar do tempo, foram se formando arraiais e povoados como Franca, Casa Branca, Rio Claro, Mogi Guaçu, Itapira, São João da Boa Vista, Serra Negra, Pinhal e inúmeros outros.

Por volta de 1886, os fazendeiros de Mogi Mirim começaram a angariar o trabalho de imigrantes estrangeiros para as lavouras de café e algodão. Eram portugueses, espanhóis e italianos em maior número, daí a grande descendência das famílias italianas na cidade.

Distrito criado com a denominação de São José de Mogi-Mirim, por Provisão de 01-11-1751, subordinado a vila de Jundiá. O povoado foi elevado à categoria de município com a denominação de Mogi-Mirim, por Ordem Régia de 11-10-1769, desmembrado da antiga vila de Jundiá com sede na antiga povoação de Mogi de Campos.

Foi elevado à condição de cidade com a denominação de Mogi-Mirim, pela Lei Provincial n.º 17, de 03-04-1849. A Lei Estadual n.º 179, de 16-08-1893 criou o distrito de Posse e anexado ao município de Mogi-Mirim.

Quando da promulgação da Lei Estadual n.º 433, de 05-08-1896, é criado o distrito de Jaguari e anexado ao município de Mogi-Mirim. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 3 distritos: Mogi Mirim (Mogy-Mirim), Posse e Jaguari.

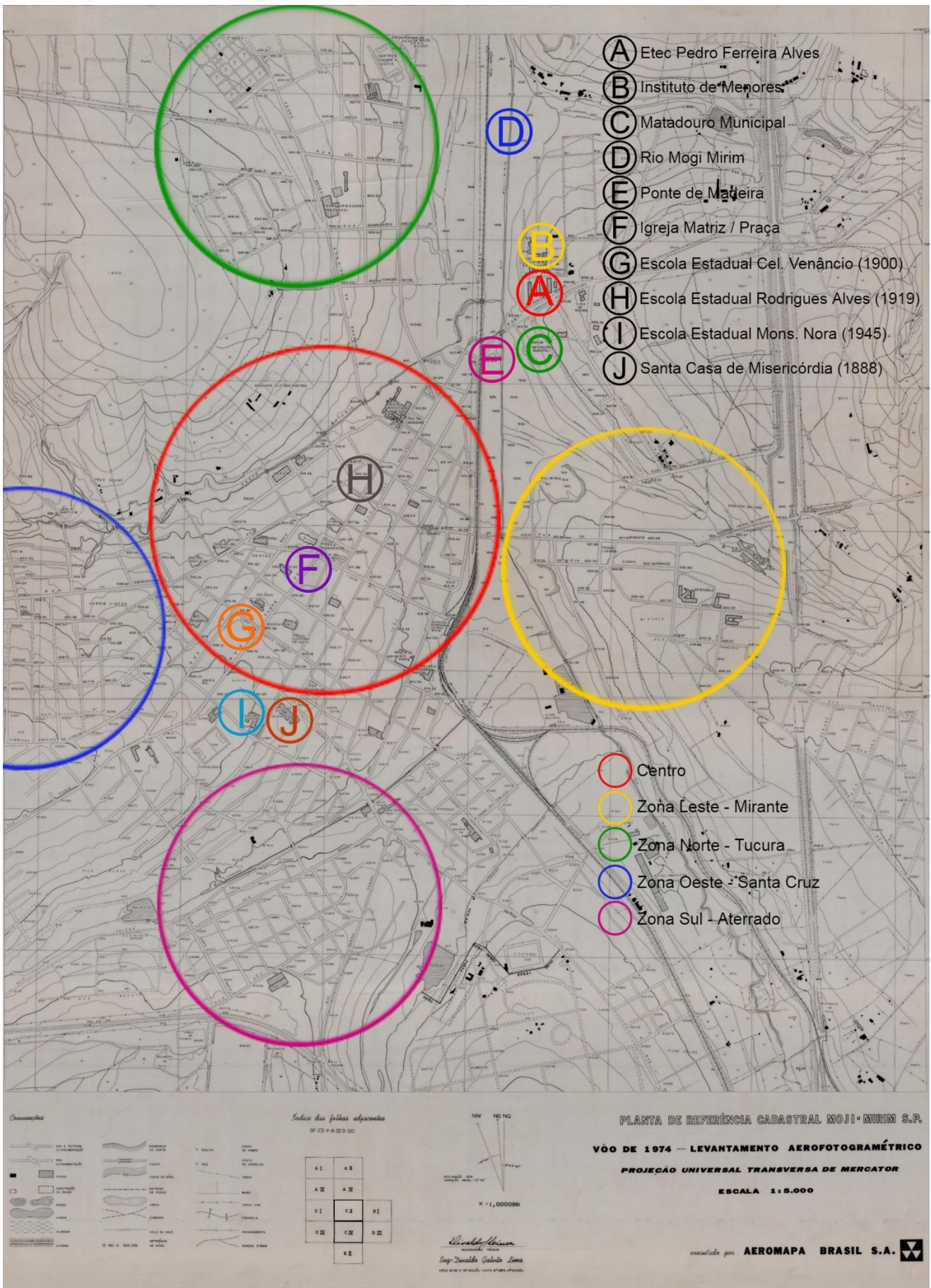
Com a publicação da Lei Estadual n.º 1.542, de 30-12-1916 é criado o distrito de Artur Nogueira, sendo anexado ao município de Mogi-Mirim. Promulgada a Lei Estadual n.º 1.725 em 30-12-1919, criando o distrito de Conchal e anexado ao município de Mogi-Mirim. Já na divisão administrativa do ano de 1933, o município é constituído de cinco distritos: Mogi-Mirim, Artur Nogueira, Conchal, Jaguari e Posse, assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo Decreto-lei Estadual n.º 9.775, de 30-11-1938, o distrito de Posse passou a denominar-se Posse de Ressaca. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de cinco distritos: Mogi-Mirim, Artur Nogueira, Conchal, Jaguari e Posse de Ressaca. E é termo da comarca de Mogi Mirim, formada de um único termo, Moji Mirim, termo este formado por sua vez de dois municípios: Mogi-Mirim e Mogi Guaçu. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 14.334, de 30-11-1944, o município de Mogi-Mirim passou a grafar Mogi Mirim e o distrito de Jaguari a denominar-se Jaguariúna. No quadro territorial para vigorar em 1944-1948, o município é constituído de cinco distritos: Mogi Mirim (ex-Mogi-Mirim), Artur Nogueira, Conchal, Jaguariúna (ex-

Jaguari) e Posse de Ressaca. Quando da Lei Estadual n.º 233, de 24-12-1948, desmembra do município de Mogi Mirim os distritos de Conchal e Artur Nogueira, elevando-os à categoria de municípios. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de três distritos: de Mogi Mirim, Jaguariúna e Posse de Ressaca. Promulgada a Lei Estadual n.º 2.456, de 30-12-1953, desmembra do município de Mogi Mirim os distritos de Jaguariúna e Santo Antônio de Posse (ex-Posse de Ressaca), elevando-os à categoria de município, em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-I-1979.

Pela Lei Estadual n.º 3.198, de 23-12-1981, é criado o distrito de Martim Francisco e anexado ao município de Mogi Mirim. Em divisão territorial datada de 1988, o município aparece grafado Moji Mirim e é constituído de dois distritos: Moji Mirim e Martim Francisco, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2014. Com a publicação da Lei Estadual nº 15.443, de 09-06-2014, fica oficializada a grafia do nome da cidade de Mogi Mirim com “G”, por se tratar de topônimo de tradição secular.

Fonte: Biblioteca IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=32639&view=detalhes>



Mapa 2 - Planta de Referência Cadastral (1974), Fonte Arquivo Público de Mogi Mirim

Uma grande parte da história de Mogi Mirim está na ferrovia, inaugurada, ainda sem trilhos, na data de 27 de agosto de 1875, por Dom Pedro II e que foi terminada em 1886. Desde então, foram feitas várias reformas, tornando o leito da linha atual muito diferente do original em praticamente toda a sua extensão. As modificações mais significativas foram feitas nos anos de 1926, 1929, 1951, 1964, 1969, 1972, 1973 e 1979. A partir de 1971, a linha integrou-se à FEPASA. Atualmente, a ferrovia existente no município está sob concessão da Rede Ferroviária Federal.

Inaugurada em 1875, a estação de Mogi Mirim foi uma das primeiras da extinta Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Fica próxima à área central da cidade e foi desativada em 1979, quando as companhias paulistas já haviam sido reunidas na FEPASA. A desativação se deu em consequência da remoção das linhas férreas do centro da cidade para outro local, na zona leste, no contexto da redefinição do trecho de Guedes a Mato Seco. Dessa estação, saía o ramal de Itapira, que chegava até Santa Rita do Sapucaí. Há, fora da cidade, uma estação "nova", nos padrões da FEPASA, construída na variante.

A antiga estação foi incorporada ao patrimônio da prefeitura na ocasião da construção do trecho inicial da Avenida Adib Chaib, que ocupa todo o trecho do antigo leito ferroviário que cortava a cidade. Foi reformada e modernizada em 2007, sendo, atualmente, sede de alguns órgãos públicos municipais.

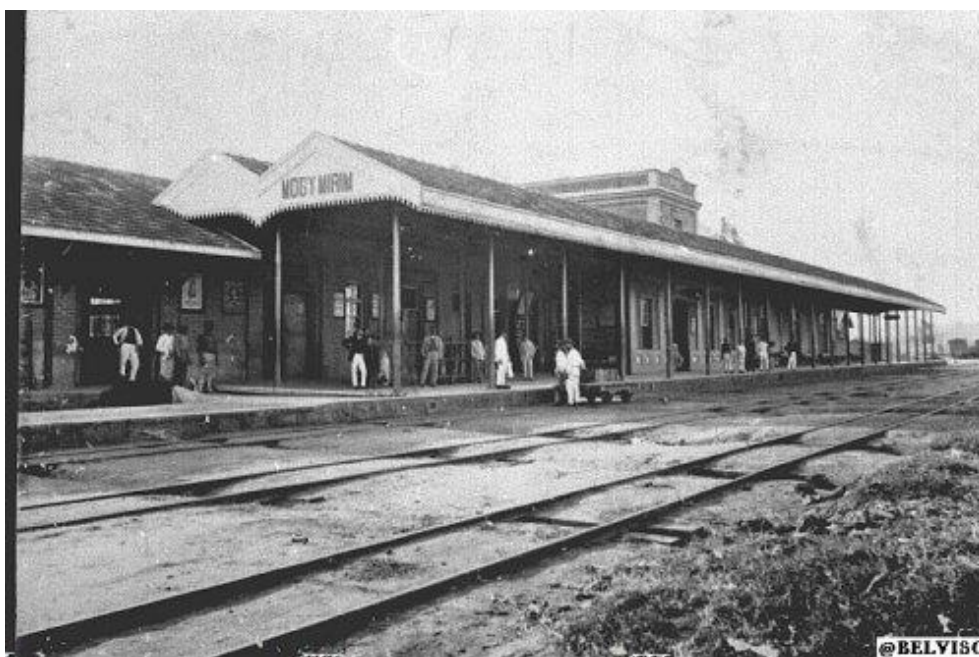


Foto 14 - Antiga estação da FEPASA - Mogi Mirim, Fonte: <https://www.facebook.com/museuferroviariopaulista/photos/mogiana-iicom-o-anivers%C3%A1rio-de-147-anos-da-companhia-mogiana-de-estradas-de-ferr/1184973818324460/>



Foto 15 - Locomotiva à vapor na Antiga Estação de Mogi Mirim, Fonte: <https://nossosaberladino.blogspot.com/2011/10/>

2.4. História da ETEC auxiliando na pesquisa

Como já foi dito no capítulo I, a metodologia baseada na História foi de suma importância para a pesquisa, e possibilitou que a dissertação incorporasse dados que não foram conseguidos de outra forma. O importante relato do Professor Rogério Mazolla apresentou informações preciosas da escola em questão.

No livro do Centro Paula Souza, HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO Memórias e Identidades, de Maria Lucia Mendes de Carvalho (org.) e Suzana Lopes Salgado Ribeiro (org.), de 2014, a história da ETEC está contada, na visão do professor Rogério Mazolla, que concedeu entrevista que depois foi transcrita para o livro.

No prefácio do livro, de autoria de Dante Marcello Claramonte Gallian, Diretor do CeHFi-EPM-UNIFESP, ele nos diz:

“Enfrentar as forças desumanizadoras que operam com tanta intensidade no contexto da nossa pós-modernidade, dissolvendo laços, valores, memórias, identidades, é, sem dúvida, uma das tarefas mais urgentes. O desaparecimento da memória, concomitantemente com o desaparecimento da narrativa, como já denunciava Walter Benjamin há já quase um século, coloca em risco a subsistência da consistência e das identidades individuais e sociais. Na contracorrente desse processo, a História Oral apresenta-se como um recurso humanístico e humanizador por excelência. Oriunda das esferas acadêmicas, porém desde o início marcado pela vitalidade da tradição da cultura e da sabedoria, num contexto de forte renovação, essa nova e antiga forma de resgatar a memória individual e coletiva, muito rapidamente ultrapassou os muros universitários e se difundiu pela cultura. Hoje, em franco processo de democratização e difusão, a História Oral vem penetrando e transformando diversas esferas e âmbitos do tecido social.”

Ainda falando de História Oral, Dante reforça:

...” histórias que tecem uma história maior: a história do encontro entre memórias e identidades na construção de memória e identidade coletiva, que projeta não só seu conteúdo, mas seu próprio método para o futuro.”

Segunda Maria Lucia, autora do livro:

A memória contribui para a constituição da identidade e, este livro, por meio das narrativas, nos remete à memória coletiva e institucional. Para Le Goff¹ (1996): “Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e da ausência de documentos. [...] As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos susceptíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder da perpetuação, deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado”. Enquanto documento, este livro poderá contribuir para estudos e pesquisas que visem compreender a evolução da educação profissional e tecnológica no estado de São Paulo, ligando o passado ao presente, e propiciando uma prospecção futura.

A ETEC

A História Oral da ETEC Pedro Ferreira Alves está registrada nesse livro, texto de autoria do Professor Vagner Braz, a partir de entrevista concedida pelo professor Mazolla.

“... Rogério Mazolla, em 1940, ingressou na antiga Escola Técnica Getúlio Vargas de São Paulo, por opção no curso de mecânica. Seu papel ao longo dos anos, acima de tudo foi de um apaixonado e apaixonante educador. Paralelamente ao trabalho na direção do Ginásio Industrial Estadual Pedro Ferreira Alves de Mogi Mirim, lecionou na Escola Estadual Francisco Picolomini, em Mogi Mirim, dando aulas de Desenho.

Participou também da área secundária acadêmica. Deu aulas na FEG em Mogi Guaçu e também na faculdade de Mogi Mirim. Participou de todas as áreas: no ensino profissionalizante, no ensino acadêmico secundário e no ensino superior. Foram experiências diferentes, mas seu coração sempre pendeu para o ensino técnico profissionalizante.”

“...Tenho uma grande satisfação em dirigir algumas palavras, principalmente porque minha vida confunde-se com o ensino técnico industrial.

Estou aposentado há quase dezoito anos, gozando das delícias da aposentadoria e do descanso, mas jamais me distanciando ou me separando do ensino técnico industrial através da Escola Técnica Pedro Ferreira Alves. Essa escola onde fiz e deixei muito amigos. Onde hoje tenho grandes amigos com os novos professores e com a nova direção enfim com a coletividade integral da escola.

Sou oriundo do ensino técnico, do antigo ensino profissional. Em 1940, aos doze anos morava no bairro da Mooca, em São Paulo, e através de provas de admissão da época, ingressei na antiga Escola Técnica Getúlio Vargas de São Paulo, por opção. Havia inúmeras possibilidades de cursos, procurei aquele que mais me identificava, o curso de mecânica. Naquela época existia o que se chamava de o ano vocacional, hoje primeira série do ensino médio.

Era um ano onde o aluno passava por diversas atividades profissionais, tendo sempre aulas teóricas de todo o ginásio comum e mais a parte da oficina, portanto o ensino era integral, período da manhã e da tarde. Aqueles alunos com onze e doze anos já estavam frequentando aquilo que hoje é a escola técnica, mas que naquele tempo era escola profissional. Na época o nome certo era Instituto Profissional Masculino. Esse instituto localizava-se na Rua Piratininga número 105, no Brás. O Instituto Profissional Feminino, totalmente separado, encontrava-se na rua Monsenhor Andrade também no Brás.

Como dizia, o ensino vocacional dentro do primeiro ano de atividade, identificava o aluno para as profissões que ele desejasse. Optei por mecânica que na época era mais concorrida e mais difícil. Com um grande número de alunos, eram identificados aqueles que melhor estavam classificados. Tive essa felicidade. Frequentei de 1940 a 1943, os quatro anos de ensino profissionalizante de mecânica.

Terminado o curso, frequentei também na mesma escola, através de exames de admissão, como é feito hoje regularmente, o curso técnico de mecânica. Na época era um curso muito concorrido, porque não recebia só alunos das escolas profissionais, mas também do ensino secundário acadêmico predominante na época.

A concorrência era muito grande, também tive a felicidade de participar desse curso e me formei em 1946. Com o estágio do último ano do curso, passei a trabalhar na indústria particular, a partir do segundo como funcionário efetivo da empresa. Trabalhei

por cinco anos na área técnica da Máquinas Bromberg Limitadas, indústria alemã que na época, ao final da segunda grande guerra, fabricava material bélico para as forças aliadas.

Fui nomeado interinamente como professor da área de mecânica na escola técnica hoje João Belarmino, na época chamava-se popularmente de Liceu de Amparo. Era um tipo de imitação ou de paralelo ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

A escola técnica de Amparo foi uma das quatro pioneiras do ensino técnico, ensino profissionalizante da época. Foi instalada no estado de São Paulo, juntamente com a Escola Técnica Getúlio Vargas e mais as escolas profissionalizantes de Rio Claro e Franca. Foram as quatro primeiras instaladas em 28/09/1911, portanto, mais de um centenário.

Em setembro vamos comemorar 102 anos de ensino profissionalizante no estado de São Paulo. Como professor da Escola João Belarmino de Amparo, fiquei vários anos. Depois fui removido para Escola Técnica Bento Quirino de Campinas, ficando lá uma temporada.

Posteriormente como um cigano que não parava em lugar nenhum, fui para escola técnica Trajano de Camargo de Limeira e novamente voltando para João Belarmino de Amparo. Ganhei uma bolsa de estudo em São Paulo, patrocinada pelo próprio departamento de ensino técnico, no instituto pedagógico do ensino profissional. Fiquei dois anos em São Paulo ainda morando em Amparo. Paralelamente ao curso que era só noturno fui dar aula na escola que me formei.

Por dois anos lecionei na escola Getúlio Vargas, sempre na área de mecânica. Concluindo esses dois anos em São Paulo, voltei para Amparo.

Continuando, o professor Mazolla, através da transcrição do professor Braz, nos fala do início da ETEC Pedro Ferreira Alves:

“...Através de um convite feito pelo diretor do Departamento de Ensino Técnico, o professor Valter Costa já falecido, me indicava para vir para a escola de Mogi Mirim. Uma escola onde havia um prédio cercado totalmente de matagal e era uma parte do instituto masculino de menores de Mogi Mirim. Para cá eu vim no ano de 1962. Lembro-me bem que antes da data do início do meu trabalho, da minha investidura no cargo de diretor, outros colegas já haviam vindo para Mogi Mirim e sentiram de perto as dificuldades que a escola teria e acabaram desistindo. Quer dizer! Não fui privilegiado de ser o primeiro escolhido para fazer um trabalho aqui em Mogi Mirim, já havia quatro pessoas antes de mim e essas quatro pessoas desistiram por se tratar de uma tarefa árdua.

Concentrei-me muito junto a minha família, principalmente a minha esposa, pensando se deveria ou não aceitar, pois era um professor efetivo em Amparo, com casa própria com os filhos pequenos, todos próximos de mim, enfim uma vida bem estabilizada. Para que deixar todo aquele conforto e vir para Mogi Mirim, viajar diariamente sem saber se era possível ou não instalar essa escola. Aceitando o desafio. O próprio diretor geral do ensino técnico na época me falou: — Olha é uma tarefa árdua. Você vai encontrar dificuldades imensas! Você não vai para 147 uma escola que está planejada! Você não vai para uma escola que está definida já o seu funcionamento! Você vai para uma escola que não existe nada, só prédio, sem nenhuma previsão de dotação orçamentária! Sem nenhuma previsão de compra de equipamento, mesmo os elementares para as aulas teóricas, quem dera aqueles para as aulas técnicas práticas, que são equipamentos valiosos, ferramentais caríssimos! Não há previsão de nada.

— Mesmo assim pela minha teimosia, acabei aceitando e vim para cá, em 17/09/1962. A partir daí fui pelo menos procurar a chave da escola. Onde está essa chave? Como se abre esse prédio? Ninguém sabia! O próprio prefeito de Mogi Mirim da época, Luiz Franklin Silva, foi uma pessoa maravilhosa, que tanto ajudou a escola, ele mesmo não sabia onde estava a chave. Quem foi que construiu? Onde estava o empreiteiro? Em São Paulo não sabiam! Era ou não era da secretaria da educação! Era da justiça, porque o Instituto Masculino de Menores possuía o terreno que pertencia a Secretaria da Justiça! E aí com muito custo descobri que essa chave estava em Espírito Santo do Pinhal, local da residência do empreiteiro que construiu a escola.

Este empreiteiro de posse do prédio terminado, que era através do Departamento de Obras Públicas do Estado, ninguém quis receber a chave da escola, porque era uma verdadeira bomba, quem recebesse tinha que assumir todo esse patrimônio. Nem a PMMM, nem a Câmara Municipal, nem qualquer órgão da educação recebia ou quis receber a chave.

Recebi a chave lá em Pinhal, um monte de chave, um emaranhado de chaves. Vim para cá e tentei abrir a porta da frente, a porta principal, até que encontrei essa chave e quando adentrei a escola fiquei apavorado, via morcego morto, rato morto, escorpião, enfim era um abandono total.

Os vidros totalmente depredados, estilhaçado por todo canto, cacos de vidro por dentro da escola. Corri os outros prédios, eram cinco prédios.

A escola possuía originalmente um terreno de doze mil metros quadrados e com uma construção de três mil e trezentos metros quadrados, dividida em cinco blocos sendo o primeiro bloco da administração e das salas de aulas de dois pavimentos. O segundo é o local do recreio atualmente. O terceiro seria da oficina mecânica e da oficina de forja

e uma parte da fundição, assim foi construído. O quarto que é o prédio grande, as oficinas de marcenaria e outros tipos de atividade que não fosse da mecânica.

O último prédio eram quatro salas, não eram de aulas, mais para depósitos ou até para moradia de zelador.

O prédio estava nessas condições. O que eu tinha de fazer? Inicialmente nas minhas idas e vindas a São Paulo ao Departamento de Ensino Técnico, que era o responsável, minha chefia. Queria saber o que tinha que fazer! Eles próprios diziam: — Não sei o que tem que fazer! Você vai saber o que deve ser feito!

Sabendo que já estávamos no final 1962 e todo empenho (empenho é um documento que se destina a registrar o comprometimento de despesa orçamentária, obedecidos aos limites estritamente legais não poderia ser para 1963 e sim a partir de 1964).

Pensava comigo mesmo! Meu Deus, o que eu vou fazer aqui? Este povo está querendo a escola! Querem uma escola profissionalizante! Tenho o prédio, mas não posso fazer nada! Parti para outras escolas, através de contatos que sempre tive com colegas diretores.

Por exemplo: de Sorocaba, Campinas, Jaboticabal, a própria Escola Técnica Getúlio Vargas e Amparo que lecionei. Procurava junto aos diretores materiais inservíveis para eles, mas que pudesse absorver e deste modo montar nossa escola.

E foi assim sendo, fazia uma verdadeira peregrinação. Com o caminhão da PMMM ia nessas escolas retirando esses materiais. Lembro-me que, em Sorocaba tinha seis bancadas de mecânica, cada bancada com seis morsas. Foram as primeiras coisas que trouxe para Mogi Mirim e igualmente foram máquinas, furadeiras, os primeiros tornos já usados.

Teria o mínimo para iniciar, pelo menos o curso teórico! Dois conjuntos de carteiras que foi emprestado pelo próprio inspetor do ensino primário da época, professor Constantino Alves.

E assim foi montada uma escola, com materiais velhos, mas pensando acima de tudo, iniciar. Pensava! Conseguir iniciar essa escola vai fazer com que a própria comunidade de Mogi Mirim tenha interesse. Já havia muito interesse. Vão me ajudar muito mais.

E sendo assim o próprio órgão oficial em São Paulo terá que tomar as medidas necessárias. E vocês podem ler na Comarca que está saindo ultimamente, temos tido as notícias de cinquenta anos atrás e lá eles citam: A escola vai funcionar inicialmente com o curso masculino, apenas parte teórica.

Assim vai acontecer até 2014, quando forem os cinquenta anos que iniciamos. Essa é a história da escola quando íamos iniciar o primeiro curso profissionalizante da época, curso industrial masculino com duas classes. Curso ginásial classe A e B no período

integral. Iniciávamos curso ginásial oficial, o ginásio industrial equivalente ao ginásio acadêmico. Iniciei no final de 1962.

Em 1963 foi aquela luta tremenda para conseguir alguma coisa, portanto daqui alguns meses, faremos o cinquentenário praticamente do início das atividades escolares. Em 12 de março de 1964, iniciávamos as atividades escolares e paralelamente com esse período diurno, instalávamos o curso de Desenho Mecânico à noite. E nesse curso de Desenho Mecânico, precisava de professores especializados na área de mecânica. Porque era a parte fundamental, o pulmão do curso, as aulas de desenho. Prometido para alunos para iniciar as aulas. Os alunos chegaram nesse dia, não tinha professor. A única pessoa habilitada da escola para dar essas aulas era eu mesmo. O que fazia? Colocava o servente e o escriturário que tinha, no período da noite também, ficavam atendendo o público. Subia para aquela sala grande onde dava aula de desenho e os casos mais difíceis eles me levavam lá na sala de aula, interrompiam, pedia licença para os alunos, uma classe adulta.

Quantos empresários de hoje, prefeitos, vários foram alunos lá e esse pessoal era exigente. Estavam lá não para brincadeira. Tinha que deixá-los com uma impressão de que era uma escola séria, uma escola de trabalho.

Tive que fazer isso durante três meses. Dando as aulas no período noturno e atendendo o público na própria sala de aula e trabalhando durante o dia, até que chegou um professor habilitado, veio comissionado de Bragança Paulista, professor Alberto de Carvalho Filho. Foi a pessoa que passou a dar as aulas.

Causou-me um alívio, pude dedicar-me mais à parte administrativa. E assim foi, a escola nasceu do sacrifício, teve o início conturbado, mas cheio de vontade, cheio de atração pública.

Lembro-me bem dos primeiros professores, professora Celina Solto Dante, professora Ilsa Seixa Pereira, professora Odila Batalia, professora Virlei Ferrarine da Silva, professora Nirce Oliveira, foram as que iniciaram juntamente comigo. Professor Jessé, que foi de educação física. Enfim inúmeros, **o professor José Benedicto Mendes de Oliveira** que hoje tem a nora dele Cristina, como professora da escola. Professor Alberto de Carvalho Filho. Professor João Luís de Moura Giraldi, pai do atual diretor da Fatec, professor André. Professor Edson Domingues que morava em Campinas e lecionava aqui.

Enfim esses primeiros professores que hoje encontramos alguns por aí, embora muitos já partiram. Foram aqueles baluartes que iniciaram a escola.

Eu tinha por lema, o trabalho acima de tudo era o aluno, a valorização do aluno era muito importante. Em uma ocasião nunca esqueço, recebi até uma crítica de um

professor numa reunião de professores, criticando a direção da escola. Pois a direção considerava o servente igual ao professor.

No fim de toda essa polêmica que se criou na época, dei um esclarecimento. Dizendo o seguinte, essa crítica foi o maior elogio que havia recebido em minha vida, porque se considerasse um professor tanto quanto um servente como ser humano era muito importante! Falava o seguinte, que a pessoa de menor importância na organização escolar era o diretor da escola, porque o diretor pode faltar. Ele tem alguém que substitui. O professor! Se ele faltar, importante que tenha algum substituto, se não tiver, o aluno vai ficar fora de aula. Se um servente não limpar o banheiro, ele é mais importante ainda.

Cada um teria a sua importância. Isso foi a filosofia do início da escola, a valorização do ser humano partindo principalmente para o aluno, com respeito, com dignidade e com autoridade.

E isso foi o que ocorreu na minha vida profissional até me aposentar definitivamente em 31 de dezembro de 1995, quando passei a direção da escola para a professora Leila Ferracioli Iazzetta e, posteriormente, veio o professor Roberto José de Fatima Magalhães, professora Hirlei Felicidade Assunção Magalhães e atualmente o professor Felipe Duran Gonçalves, o qual eu tive a honra de conhecê-lo recentemente.

Bom, o meu papel acima de tudo foi de um educador, um apaixonante educador sempre ligado ao ensino técnico.

Veja bem, paralelamente ao meu trabalho na direção da escola, lecionei na Escola Estadual Francisco Picolomini, aqui de Mogi Mirim, dava aula de Desenho. Participei também da área secundária acadêmica.

Dei aula também na FEG de Mogi Guaçu. Dei aula também na faculdade de Mogi Mirim na área administrativa, estrutura e funcionamento do ensino do primeiro e segundo grau. Deixei de dar aulas porque era muito acúmulo de trabalho. Mas tive uma satisfação grande de participar de todas as áreas, no ensino profissionalizante, no ensino acadêmico secundário e no ensino superior.

Foram experiências diferentes, mas o meu coração, a minha direção era sempre para o ensino técnico profissionalizante. Um dos meus filhos, o mais velho não, porque na época não existia, mas o meu filho mais novo frequentou a Escola Técnica Pedro Ferreira Alves.

Era aluno e eu fui diretor. A minha esposa foi escriturária, secretária e professora da escola, envolvida também juntamente comigo e com a família. E meu neto, no final de 2012, se formou na Fatec aqui de Mogi Mirim, Fatec Artur de Azevedo, formou-se em Mecânica de Precisão.

Mais do que provado está que minha vida foi sempre voltada a ensino profissionalizante. Como disse, há quase dezoito anos que me desliguei da escola, acho que não há um dia que não tenha um motivo para estar ligado com todo esse pessoal, vinculado ao ensino profissionalizante aqui de Mogi Mirim. Haja vista a presença de você aqui. Haja vista, o contacto que eu tive, e recentemente tenho com o novo diretor, professor Felipe o qual eu tive a honra de conhecê-lo.(...)

(..) Eu tenho aqui e vou mostrar para vocês agora uma homenagem que o ensino técnico, o Centro Paula Souza fez sobre os noventa anos do ensino técnico que ocorreu em 2001. Tem uma fotografia de um quadro onde está o diretor da Escola Técnica Getúlio Vargas, o professor Alfredo de Barros Santo, que é um baluarte do ensino técnico. Nessa fotografia onde ele está junto com os professores, estão lá centenas de alunos e eu me encontro lá no meio. Tive a satisfação de me identificar nesse álbum, nessa homenagem. Está escrito embaixo da foto... sem data. Eu acrescento a data, era 1940!

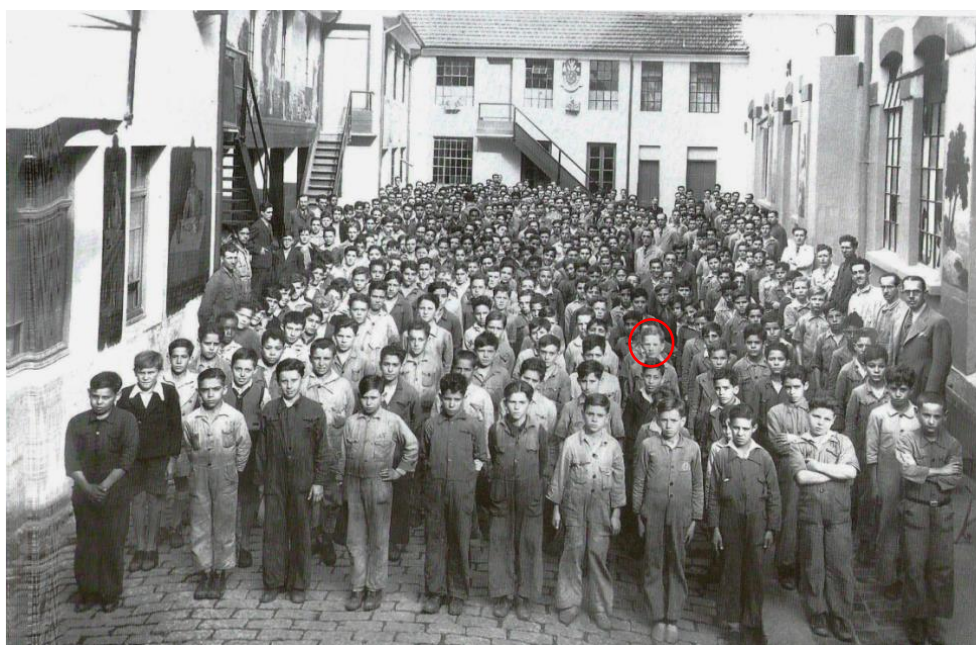


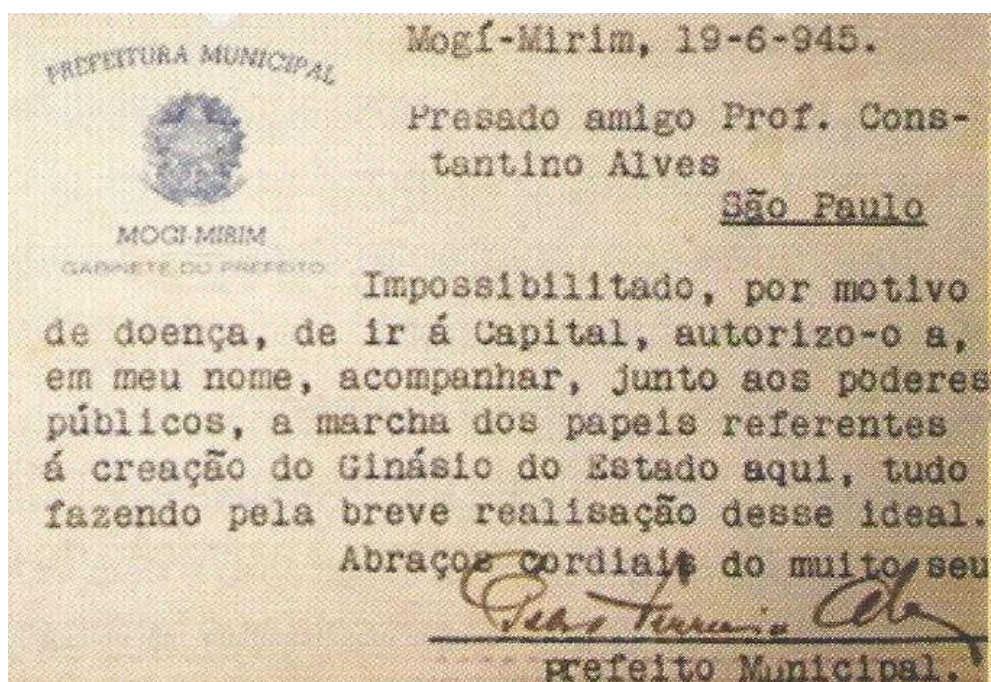
Foto 16 - Alunos da Escola Profissional Masculina no pátio da escola - década 1940. O Professor Rogério Mazzola encontra-se em meio aos alunos.

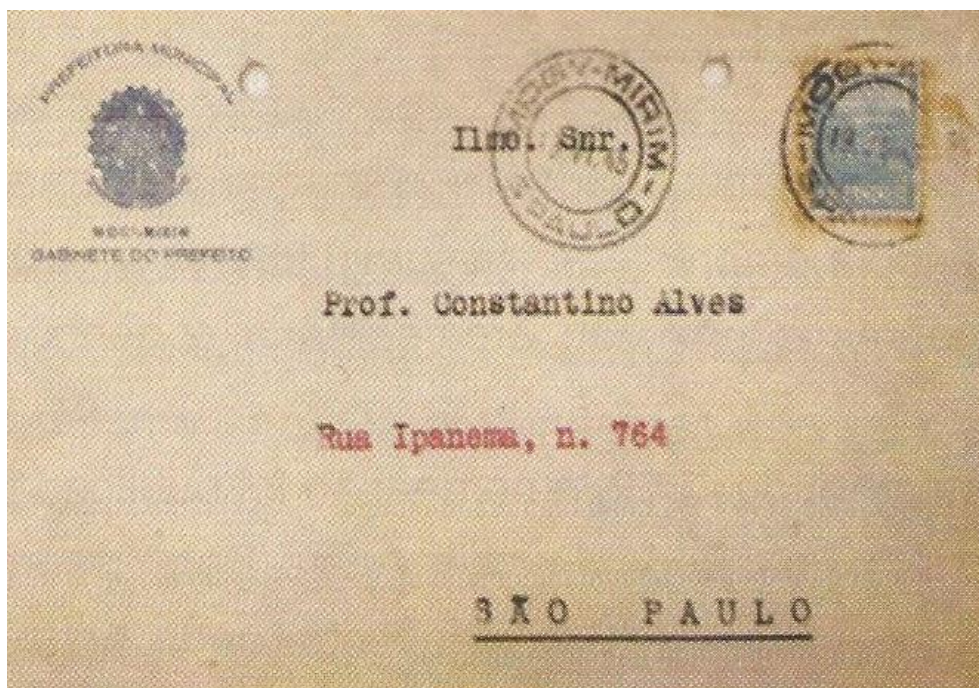
CAPÍTULO 3 A Escola abre suas portas

3.1. A batalha para dar início ao Ginásio Industrial

Sua história se inicia em meados dos anos 40 com o Prefeito da época, Sr. Pedro Ferreira Alves, solicitando ao Governo a criação da escola técnica, por intermédio de suas influências políticas.

O primeiro registro é de junho de 1945, quando o então prefeito, impossibilitado de ir a São Paulo, pede em um bilhete ao amigo professor Constantino Alves que o represente para acompanhar o andamento dos papéis referentes à solicitação para criação do estabelecimento na cidade.





Fotos 17 e 18 - Bilhetes do Prefeito Pedro Ferreira Alves ao amigo Prof. Constantino Alves, Fonte Revista Comemorativa ETEC Pedro Ferreira Alves 50 anos, Centro Paula Souza, março 2014

Em 14 de setembro de 1946, o Governo aprova o Decreto de Lei para a criação de cursos práticos de ensino profissionalizante em vários municípios do Estado de São Paulo, o Decreto estabelece que o Governo crie tais cursos em cidades que atendam aos requisitos e que deem terreno para a construção dos novos prédios.

ESCOLA INDUSTRIAL EM MOGI-MIRIM

Em setembro de 1947, o deputado prof. Lino de Matos, atendendo a uma sugestão enviada pela Associação dos Professores desta cidade, apresentou à Assembléa Legislativa do Estado, um projeto de Lei, criando uma Escola Industrial em Mogi-Mirim, o qual foi publicado pelo «Diário Oficial» e na edição de 14 de setembro desse mesmo ano, pela «A Comarca», nos seguintes termos :

PROJETO DE LEI N.º 159, DE 1947—Dispõe sobre criação de uma Escola Industrial em Mogi-Mirim. A Assembléa Legislativa do Estado de São Paulo decreta : Artigo 1.º—Fica criada uma Escola Industrial em Mogi-Mirim. Artigo 2.º—A fim de ocorrer às despesas decorrentes da instalação e funcionamento da Escola Industrial de Mogi-Mirim serão abertos, oportunamente, os créditos necessários. Artigo 3.º—Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Sala das Sessões, em 9 de setembro de 1947. a) LINO DE MATOS.

—É o seguinte o Parecer dado a esse projeto de lei e publicado no «Diário Oficial», do dia 8 do corrente :

**PARECER N. 186, DE 1948, DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO
E JUSTIÇA, SOBRE O PROJETO DE LEI
N. 159, DE 1947.**

1 — É submetido pela Mesa da Assembléa ao exame da Comissão de Constituição e Justiça, o Projeto de Lei n. 159, de 1947, subscrito pelo ilustre Deputado Juvenal Lino de Mattos, dispondo sobre a criação de uma Escola Industrial em Mogi-Mirim.

2—A medida se insere entre aquelas cuja iniciativa cabe ao Governador e a qualquer deputado ou Comissão da Assembléa, nos termos do artigo 22, «caput», da Constituição de 9 de julho.

3—Segundo dispõe a Constituição Federal, compete à União legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional (artigo 5.º, item XV, letra «d»), não excluindo essa competência a legislação estadual supletiva ou complementar sobre a matéria (artigo 6.º).

A Constituição Federal estabeleceu, por outro lado, no artigo 171 :

«Artigo 171—Os Estados e o Distrito Federal organizarão os seus sistemas de ensino». E o parágrafo único do artigo 170 declara que «o sistema federal de ensino tem caráter supletivo, estendendo-se a todo o país nos estritos limites das deficiências locais». Aos Estados, pois, compete organizar os seus sistemas de ensino, respeitadas as diretrizes e bases fixadas na legislação federal.

4 — A Constituição do Estado preceituou, por sua vez, no título VI — Da Educação e da Cultura — :

«Artigo 118 — O Ensino será ministrado primordialmente pelo Estado, sendo livre todavia a iniciativa privada, que o poder público amparará quando objective o ensino gratuito das classes menos favorecidas»

Foto 19 - Jornal A COMARCA, de 15 de fevereiro de 1947 - Projeto de Lei criando a Escola Industrial de Mogi Mirim, Fonte Biblioteca Municipal de Mogi Mirim

No ano de 1948, o Governador Adhemar de Barros, atende inúmeras cidades, incluindo Mogi Mirim. Por muitos anos, o Estado aguarda o Município tomar providências em relação à área, do outro lado a PMMM aguarda solicitações feitas ao Estado para conseguir o terreno.



Foto 20 - Jornal A COMARCA, de 29 de fevereiro de 1948 noticiando a criação da Escola Industrial. Biblioteca Pública de Mogi Mirim

Só dez anos depois, por pressões políticas junto ao Governo de Jânio Quadros, o local do terreno foi determinado - uma área pertencente ao Instituto de Menores, instituição que abrigava menores infratores em uma grande gleba com oficinas, campos para agricultura e pecuária, onde os internos trabalhavam e produziam.

As obras se iniciaram em 1959 e concluiu-se um ano depois; até 1962 os prédios ficaram ao abandono, sem planos para iniciar o funcionamento por parte do Governo do Estado.

O Prefeito da cidade, Sr. Pedro Ferreira Alves, falece em 1962, políticos o homenageiam dando seu nome ao Ginásio Industrial. Neste ano, o professor Rogério Mazzola é nomeado Diretor e assume a Escola; eram cinco barracões abandonados, cercados pelo mato, sem muros (filosofia adotada à época pelo Governo Estadual). Uma escola sem funcionamento definido, sem previsão orçamentária e sem previsão alguma para aquisição dos equipamentos.

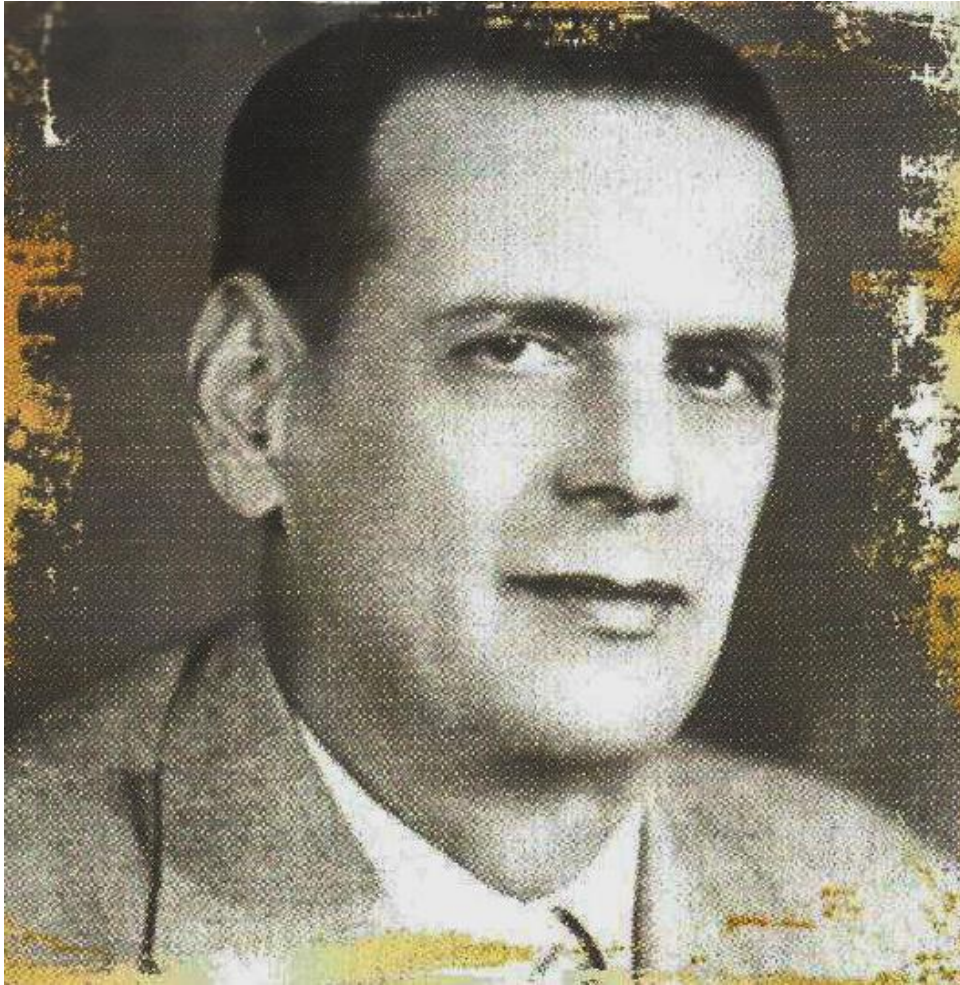


Foto 21 - Patrono da Escola, Prefeito Pedro Ferreira Alves - Fonte Revista Comemorativa ETEC Pedro Ferreira Alves 50 anos, Centro Paula Souza, março 2014



Foto 22 - Jornal A COMARCA, de 03 de março de 1963, Biblioteca Pública de Mogi Mirim

A foto a seguir mostra bem como era a rua que chegava à escola, e como era separado da área urbana da cidade, conseguimos ver inclusive a pequena ponte sobre o rio Mogi Mirim.



Foto 23 - Rua de terra, acesso ao Ginásio Industrial, 1965, Fonte Centro de memória da ETEC

Jornal - A COMARCA, 07 de abril de 1963

NOVAS POSSIBILIDADES PARA O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA INDUSTRIAL

Obtidas as carteiras poderá funcionar curso teórico - Resta obter autorização tida como certa, se houver boa vontade do Estado.

Há muito tempo que a Escola Industrial, concluído seu prédio, aguarda meios de funcionar. Infelizmente, entretanto, entendem as autoridades do ensino profissional que somente quando toda a maquinaria for instalada que poderá ocorrer o funcionamento, quando o diretor Rogério Mazzola, solicitou a autorização para funcionar com o ginásio Industrial, com curso teórico, dando início às atividades no grande prédio construído junto ao Instituto de Menores. Para isso, conforme dissemos então, bastaria a vinda de algumas carteiras e mesas de desenhar.

Tal material foi obtido na Secretaria da Educação, graças à intervenção do Diretório do PSP, que conseguiu 30 carteiras e 30 mesas de desenho além de outros móveis necessários - estantes, escrivaninhas etc.

Resta agora a parte mais difícil, isto é, a autorização para o funcionamento, de imediato, pois ainda está em tempo de recuperar dias perdidos deste ano escolar. Se houver a mínima boa vontade por parte dos administradores do Estado a Escola será uma realidade em breve. Segundo nos informou o Sr. Simão Ferreira Alves, Presidente do PSP local, tal autorização vai ser solicitada ao Secretário da Educação e ao próprio Governador.

Em continuação, o professor Mazzola, na entrevista para o Projeto História Oral na Educação, do Centro Paula Souza, relata ainda:

“Pensava comigo mesmo: meu Deus, o que eu vou fazer aqui! Este povo está querendo a escola! Querem uma escola profissionalizante! Tenho o prédio, mas não posso fazer nada!”

“Parti para outras escolas, através de contatos que sempre tive com colegas diretores, por exemplo, de Sorocaba, Campinas, Jaboticabal, a própria escola técnica Getúlio Vargas em Amparo onde lecionei. Procurava, junto aos diretores, materiais inservíveis para eles, mas que pudesse absorver e desse modo montar nossa escola. E foi assim. Fazia uma verdadeira peregrinação. Com o caminhão da Prefeitura de Mogi Mirim ia nessas escolas retirando esses materiais. Lembro-me que Sorocaba tinha seis bancadas de mecânica, cada bancada com seis morsas. Foram as primeiras coisas que trouxe para Mogi Mirim e igualmente foram máquinas, furadeiras...”

“E assim foi montada uma escola, com materiais velhos, mas pensando acima de tudo em iniciar.”

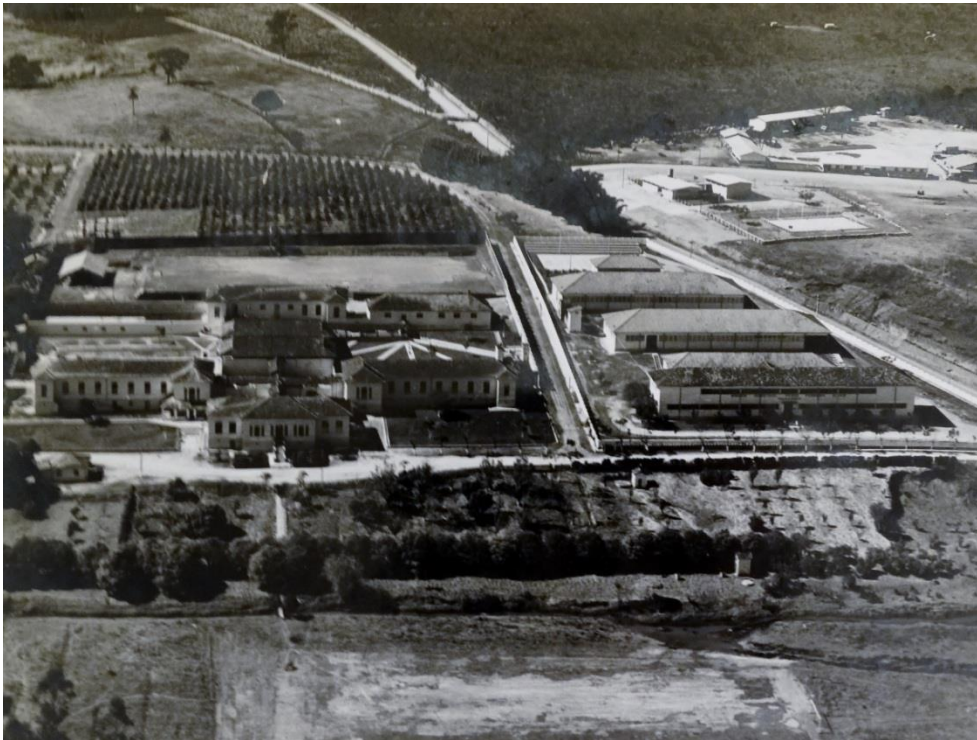


Foto 24 - A esquerda o complexo do Instituto de Menores e a direita a Escola Industrial - 1965 (parte do terreno do Instituto), Fonte Centro de Memória da ETEC

A COMARCA

Publicador: FRANCISCO CARDONA (* 16-9-1946 — 27-1-1996) Diretor: ARTHUR DE AZEVEDO
 Diretor: FRANCISCO PICCOLONINI (*2-7-1988 - 12-10-1981) Gerente: SANTO ROTTOLI

ANO 63 — PRIBÇO Cr\$ 15,00 REDAÇÃO E OFICINA R. Paqueta, 270 — FONE 382 MOGI-MIRIM — DOMINGO, 19 DE MAIO DE 1963 Nº 6.411

Praticamente assegurado o funcionamento de curso preparatório para a Escola Industrial de Mogi-Mirim

Na dependência apenas de autorização do Diretor do Ensino Profissional, sr. Arnaldo Laurindo — Secretaria da Educação vai colaborar com carteiras = Necessário seja aquela escola equipada para funcionamento total no ano vindouro

O funcionamento da Escola Industrial Pedro Petreia Alvares de Mogi-Mirim é assunto que interessa a toda região, daí que desde a preparação e entrega de todos os estudos, visitas, da importância do ensino que irá dar a Paul. Rogério Marzola, diretor daquela associação a partir de agosto, zelando as primeiras aulas, para ingressar na Escola Industrial no seu vitorioso ano de trabalho junto ao governo para que a manutenção e todo o equipamento vá em direção ao funcionamento total no ano vindouro.

Este trabalho é realizado em 1961 e funcionamento da parte técnica do Conselho Municipal. Atendimentos são já em tempo de equipar aquela associação, estado há 15 anos e até hoje não funciona. Quanto as outras condições, já foram feitas estudos, providências por empresas de serviços que estão na Escola nos últimos dias visando a conclusão de obras de feitura e de entrega de obras, sem a qual não poderá o estabelecimento funcionar.

Será preciso que a secretária Silva Petreia, Secretária de Obras Públicas atenda a sua solicitação. Com o funcionamento industrial de nossa cidade, com a diversificação de seu parque industrial, a escola terá uma turma Mogiense para a área de formação da indústria e de treinamento especializado, que já está sendo feita na nossa indústria. A Escola Industrial de Mogi-Mirim, antes de ser entregue para toda a nossa juventude.

Pedida no Senado imunidade extensiva aos vereadores

BRASILIA, 17 (ASAPRESS) — Senado 52 (ASAPRESS) — Art. 44 — Os vereadores...

CARRETA NOVA - VENDE-SE

LIMA COM 8 MESES DE USO BOMENTE - PARA 1.300 KS. - TRATAR A RUA PAQUETA, 270 - MOGI-MIRIM

Metalúrgica Mogi-Mirim S/A

Indústria e Comércio

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCADO

Sua constituição de trabalho acionista desta sociedade a se reunir em Assembleia Geral Extraordinária na sede social, Av. Dr. Jorge Tibúrcio 363 em Mogi-Mirim-SP, no próximo dia 3 de Junho de 1963, às 14:00 horas a fim de deliberar sobre uma proposta de Diretoria que contém parecer favorável do Conselho Fiscal, relativa ao aumento do capital social e alteração das Estatútas.

Mogi-Mirim, 15 de Maio de 1963

WALDEMAR ZINGRA — Presidente

Paulo de Tarso de Moraes — Tabelião Moço

Foto 25 - Jornal A Comarca, 19 de maio de 1963

Jornal - A COMARCA, 19 de maio de 1963

Praticamente segurado o funcionamento do curso preparatório para a Escola Industrial de Mogi-Mirim

Na dependência apenas da autorização do diretor de Ensino profissional, Sr. Arnaldo Laurindo - Secretaria da Educação vai colaborar com carteiras - Necessário seja aquela escola equipada para funcionamento total no ano vindouro.

O funcionamento da Escola Industrial "Pedro Ferreira Alves", de Mogi-Mirim é assunto que interessa a toda região, dado que serão ali preparados rapazes de todas as cidades vizinhas.

Daí a importância da notícia que nos deu o Prof. Rogério Mazzola, diretor daquele estabelecimento de ensino, quando afirma que está praticamente assegurado para o segundo semestre o funcionamento do curso de admissão ao ginásio industrial. Para tanto conta com a boa vontade do diretor do Ensino Profissional, Sr. Arnaldo Laurindo que deverá autorizar tal funcionamento, bem como com a colaboração da Secretaria da Educação que vai fornecer as cadeiras para a primeira classe daquela escola.

Terminado o prédio há quase dois anos, construído que foi pela firma Antônio Costa, seria 3 mil e tantos metros quadrados estão vazios, à espera do equipamento preciso para seu funcionamento. Ainda que aquela classe não resolva totalmente o problema, será um bom começo, visando à formação profissional de nossos jovens. Assim, dada àquela autorização a partir de agosto teríamos as primeiras turmas de jovens que iriam preparar-se para ingressar na escola Industrial no ano vindouro para que a maquinaria e todo o equipamento viessem até dezembro ou, em último caso, teríamos em 1964 o funcionamento da parte teórica do Ginásio Industrial. Acreditamos que já seja tempo de equipar aquele estabelecimento criado há 15 anos e até hoje não instalado.

Quanto às obras complementares prometidas pelo Estado, já tiveram seus estudos providenciados por engenheiro do DOP que esteve na Escola nos últimos dias, visando a construção do muro de fecho e da cabine de força, sem a qual não poderá o estabelecimento funcionar. Será preciso que o engenheiro Silvio Fernandes, Secretário de Obras Públicas autorize a sua execução.

Com o crescimento industrial de nossa zona, com a diversificação de seu parque industrial aquela escola terá nesta Baixa Mogiana papel de relevo na formação de

técnicos e de trabalhadores especializados a que tanta falta fazem às nossas indústrias. A Escola Industrial de Mogi-Mirim abrirá novas perspectivas para toda nossa juventude.

Depois de muitas batalhas durante o ano de 1963, o Ginásio Industrial consegue autorização para o seu funcionamento a partir de 64, segundo o professor Mazzola:

Jornal - A COMARCA, 21 de junho de 1963

Praticamente segurado o funcionamento do ginásio Industrial

Parece que teremos mesmo no segundo semestre em funcionamento uma parte da Escola Profissional “Pedro Ferreira Alves”, com seu curso de ginásio industrial, pleiteado pelo seu diretor Prof. Rogério Mazzola. Isto porque, nesta semana chegaram as prometidas carteiras que o Diretório do PSP solicitara à Secretaria da Educação. Com isso poderá ser equipado uma das muitas classes dos grandes edifícios construídos junto ao Instituto de Menores, onde os jovens receberiam curso teórico, aguardando o equipamento técnico que deverá permitir o funcionamento total do estabelecimento no ano vindouro,

Restam, entretanto, várias providências, não devendo nossas autoridades e políticos ligados ao situacionismo do Estado esmorecer em seus esforços. A autorização do funcionamento daquele curso ginásio industrial foi dada verbalmente, mas não confirmada oficialmente. Assim, o Departamento do Ensino Profissional, bem dirigido pelo Prof. Arnaldo Laurindo precisa dar seu consentimento oficial para que possa ser instalado o curso. Por outro lado, não existem funcionários nomeados para a Escola, que conta apenas com um contínuo pago pela prefeitura, que tudo tem feito para ajudar o estabelecimento. Sem aqueles funcionários essenciais - além dos professores, tudo será em vão.

Soubemos ainda que a Secretaria de Obras Públicas vem de orçar o muro de fecho e as cabines para os transformadores, também necessários para o funcionamento do estabelecimento. Tal orçamento atinge a elevada quantia de 10 milhões de cruzeiros - igual ao custo total dos prédios, há anos passados. Feitos os estudos foram eles arquivados e há que se conseguir autorização superior do próprio Secretário de Obras Públicas, quiçá do Governador, sem o que elas não serão incluídas entre as obras a serem realizadas.

Jornal - A COMARCA, 04 de agosto de 1963

Escola Industrial não funcionará neste semestre

Havia grande esperança de que nesse segundo semestre estivéssemos funcionando a Escola Industrial “Pedro Ferreira Alves”, pelo menos os cursos teóricos como o Ginásio Industrial. Mas obtidos materiais e outros mobiliários, faltou não somente a autorização de funcionamento como outros atributos imprescindíveis. Assim, até agora somente foi nomeado um diretor para a escola, sendo que o único servente é pago pela Prefeitura. Enquanto nomeações são feitas às pressas onde não se faz necessário nenhum funcionário mais - tenha-se em vista o Centro de Saúde - onde é preciso o Governo do Estado não o faz, inexplicavelmente.

Apesar de todo o trabalho do Prof. Rogério Mazzola, de tudo tem feito para obter o funcionamento do estabelecimento de ensino técnico, tão importante para toda a região. Isso ainda que haja grande interesse por parte do país e completa assistência por parte da Prefeitura, que tem sido incansável e de possuímos um dos melhores prédios de todo o interior para o ensino profissional. Aqueles 3.300 metros quadrados de construção vazios sem uma atuação do governo do Estado que precisa equipá-los de forma a que venham cumprir o importante papel de formação de mão de obra especializada, do qual muitos são pobres, especialmente no interior.

Resta que haja compreensão da grandeza do problema, que atenda o Governador Ademar de Barros os reclamos que vem de toda nossa terra, equipando a escola Industrial ainda este ano, de forma a permitir seu funcionamento em 1964.

Esta será a mais importante reivindicação de Mogi-Mirim e dos municípios vizinhos que se beneficiarão também com aquela escola profissional.



Foto 26 - Jornal A Comarca, 22 de agosto de 1963, Biblioteca Pública de Mogi Mirim

Jornal - A COMARCA, 22 de agosto de 1963

Autorizada a construção do muro de fecho da Escola Industrial

Parece que desta vez a nossa Escola Industrial "Pedro Ferreira Alves" terá o seu muro de fecho. Uma vez que foi autorizada pelo Governador Ademar de Barros a liberação de uma verba de 20 milhões para sua construção. Acreditamos que tal verba, pelo seu volume, abranja a cabine de força e mais melhorias externas.

Tal notícia, que nos foi transmitida por membros do Diretório local do PSP, os quais haviam solicitado urgência para o assunto junto ao Governo e à Secretaria de Obras Públicas, é auspiciosa, principalmente pelo fato de concluir um prédio, que inexplicavelmente teve essa parte esquecida. Vamos esperar, por outro lado, que tal liberação se efetive no menor prazo possível, para que fique como o muro do Grupo Escolar Santa Cruz e do Instituto de Educação, tantas vezes prometido e olvidado. Na

Escola Industrial, funcionando ao lado do Instituto de Menores e em local ermo, tal muro é imprescindível ao seu funcionamento. Mesmo porque irá ele proteger um próprio que hoje vale dezenas de milhões de cruzeiros e é patrimônio público.

Resta o trabalho final em fazer de nossa Escola Industrial, qual seja a obtenção do equipamento que permitirá o seu funcionamento no ano vindouro, ajudando a formação de nossa juventude laboriosa, formando técnicos e mão de obra especializada, tão necessária quando a Baixa Mogiana vai caminhando para modificação de sua estrutura econômica, outrora agrária e pastoril para a mentalidade industrial que já se instala nesta região.

Jornal - A COMARCA, 27 de outubro de 1963

Ginásio Industrial e Curso de Desenho Mecânico funcionarão no ano vindouro na Escola Industrial

Parecer favorável da Inspeção, restando aprovação do Prof. Arnaldo Laurindo - Pedida pelo Deputado Nagib Chaib a criação naquele estabelecimento do curso de Química Industrial.

Nesta semana esteve entre nós o Prof. Laurindo Barreto Melchar, Inspetor de Ensino Profissional em Campinas, que em visita à Escola Industrial "Pedro Ferreira Alves", ficou bem impressionado com as instalações e deu parecer favorável ao funcionamento parcial já no ano vindouro.

Solicitara o Prof. Rogério Mazolla, dedicado diretor do estabelecimento e grandemente interessado em seu funcionamento e instalação do Ginásio Industrial e do curso de Desenho Mecânico, uma vez que os demais dependerão sempre de maquinaria ainda não instalada. Deu aquele inspetor seu parecer favorável o que faz tudo depender agora apenas da aprovação do Prof. Arnaldo Laurindo, Diretor do Ensino Profissional. Tal aprovação é tida como certa o que faz prever o funcionamento daquele magnífico conjunto educacional já no ano vindouro.

Ainda no dia 21, o Deputado Nagib Chaib apresentou na Assembleia Legislativa o seguinte Projeto de Lei:

"Artigo 1º - Fica criado o Curso de Técnico de Química Industrial junto a Escola Industrial "Pedro Ferreira Alves" de Mogi-Mirim.

Artigo 2º - As despesas decorrentes do funcionamento do curso ora criadas correrão a conta da verba própria do orçamento.

Artigo 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala de Sessões, 21 de outubro de 1963.

Nagib Chaib - Deputado

JUSTIFICATIVA

A região de Mogi-Mirim encontra-se entre aqueles que mais têm progredido no setor Industrial. Tanto o é que foi criada e deverá funcionar no próximo ano, a Escola Industrial. Ocorre, todavia, que na instalação da Escola não está previsto o funcionamento de curso para formação de técnicos na química industrial.

Assim, nosso objetivo é criar curso de Químico Industrial na Escola, para poder desde logo, suprir as indústrias locais e das adjacências de técnicos desse setor.

Com este projeto, se aprovado, teremos mais um curso valioso em nossa região, que em plena expansão industrial está faminta de mão de obra especializada. Todos devem trabalhar para que o funcionamento da Escola Industrial se efetive, bem como, faça sua completa montagem aproveitando aqueles 3.000 metros de belos edifícios, hoje vazios e sem o vozerio da juventude que ali irá buscar o aprendizado necessário a entender os recursos técnicos no Brasil de nossos dias.



Foto 27 - Vista do Ginásio Industrial em 1962: Total abandono, Fonte Centro de memória da ETEC

Com essa pequena volta às origens da ETEC Pedro Ferreira Alves, conseguimos levantar alguns dados com relação a importância dada pelo Estado para a abertura de novas escolas profissionalizantes na época, como demonstra a escolha do local - terreno totalmente fora da malha urbana da época, depois da “linha do trem” e junto ao Instituto de Menores, local considerado de difícil acesso e perigoso pela proximidade com menores infratores, bandidos e assassinos reclusos.

3.2. As Primeiras Turmas Ingressam na Escola

Centro Paula Souza - Plano Plurianual de Gestão 2013 - 2017

Relatório apresentado para conclusão das atividades desenvolvidas por HAE na área de memórias e história profissional - Prof. Vagner Braz / dez 2013

Implantação do Ginásio Industrial em Mogi Mirim: Construindo a identidade do Industrial através do cotidiano escolar da primeira turma na década 1960.

Resultados e discussão

Ao analisar dados dos prontuários dos alunos da 1ª turma de 1964 e o livro de lançamento de notas bimestrais dos cursos em funcionamento de 1964 a 1969 deparou-se com o seguinte cenário descrito logo em seguida.

DATA	PERIODO	CURSO	SERIE	MATRICULADO	HOMEM
1964	DIURNO	GINASIAL INDUSTRIAL - TURMA A	1°	31	31
	DIURNO	GINASIAL INDUSTRIAL - TURMA B	1°	32	32
	NOTURNO	EXTRAORDINARIO DE DESENHO TECNICO MECANICO A	ÚNICO	45	45
	NOTURNO	EXTRAORDINARIO DE DESENHO TECNICO MECANICO B	ÚNICO	46	46

Tabela 1 - Ginásio Industrial Pedro Ferreira Alves - Matrículas, 1964

A escola inicia suas atividades de ginásio industrial, na primeira turma, voltadas exclusivamente para os homens.

ALUNOS MATRICULADOS	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
	31	32	23	15	12

Tabela 2 – 1ª Turma Ginásial Industrial, 1964 a 1967

PRONTUARIOS	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
PRONTUARIOS ENCONTRADOS	31	32	23	15	12
PRONTUARIOS NÃO ENCONTRADOS	4	6	2	1	0

Tabela 3 - Prontuários, 1964 a 1967

ALUNOS	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
ALUNOS APROVADOS	11	10	15	12	12
ALUNOS REPROVADOS	12	16	6	2	0
ALUNOS ELIMINADOS	4	1	1	0	0

Tabela 4 - Aprovação dos Alunos, 1964 a 1967

ANO DE NASCIMENTO	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
1942	0	1	1	0	0
1948	1	5	3	2	1
1949	2	1	1	1	1
1950	7	8	8	5	4
1951	9	6	3	1	1
1952	8	3	5	5	5
1953	0	3	0	0	0

Tabela 5 - Nascimento dos Alunos, 1964 a 1967

NACIONALIDADE PAI	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
ITALIANA	1	0	0	0	0
BRASILEIRA	26	27	21	14	12

Tabela 6 - Nacionalidade dos Ascendentes (Pais), 1964 a 1967

NACIONALIDADE MÃE	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
ITALIANA	1	0	0	0	0
BRASILEIRA	26	26	20	13	11
PORTUGUESA	0	1	1	1	1

Tabela 7 - Nacionalidade dos Ascendentes (Mães), 1964 a 1967

MORADIA	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
MOGI MIRIM	23	21	19	14	12
MOGI GUAÇU	4	6	2	0	0

Tabela 8 - Cidade de Moradia, 1964 a 1967

RELIGIÃO	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2° SERIE	3° SERIE	4° SERIE
CATOLICA	24	26	18	12	11
CRENTE	1	0	1	0	0
ESPIRITA	2	0	2	2	1
ADVENTISTA	0	1	0	0	0

Tabela 9 - Religião Praticada, 1964 a 1967

ZONA	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2°SERIE	3° SERIE	4° SERIE
URBANA	26	25	20	13	12
RURAL	1	2	1	1	0

Tabela 10 - Zona de Origem, 1964 a 1967

PROFISSÃO DA MÃE	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2°SERIE	3° SERIE	4° SERIE
DOMESTICA	27	27	21	14	12

Tabela 11 - Ocupação Materna, 1964 a 1967

PROFISSÃO DO PAI	1964		1965	1966	1967
	1° SERIE A	1° SERIE B	2°SERIE	3° SERIE	4° SERIE
AÇOUGUEIRO	0	0	1	1	1
AGRICULTOR	1	0	0	0	0
ALFAIATE	2	0	1	1	1
APOSENTADO	0	1	1	1	1
BARBEIRO	0	1	1	0	0
CARREIRO	0	1	1	1	1
COMERCIANTE	1	2	0	0	0
ELETRICISTA	1	0	0	0	0
FALECIDO	4	0	1	1	1
FERROVIARIO	2	5	0	0	0
FUNCIONARIO PUBLICO	2	6	4	1	0
INDUSTRIARIO	0	1	0	0	0
LAVRADOR	2	3	1	1	1
MARCENEIRO	1	0	1	1	1
MODELADOR	0	1	0	0	0
MOTORISTA	3	0	3	2	2
PADEIRO	0	1	1	1	0
PEDREIRO	3	0	2	2	2
OPERARIO	4	5	3	1	1
SEM PROFISSÃO	1	0	0	0	0

Tabela 12 - Ocupação Paterna, 1964 a 1967

A foto que segue mostra bem a situação da Escola em meio ao Instituto de Menores, suas culturas e instalações. Os cinco prédios em primeiro plano são do Ginásio Industrial, o restante pertence ao Instituto.

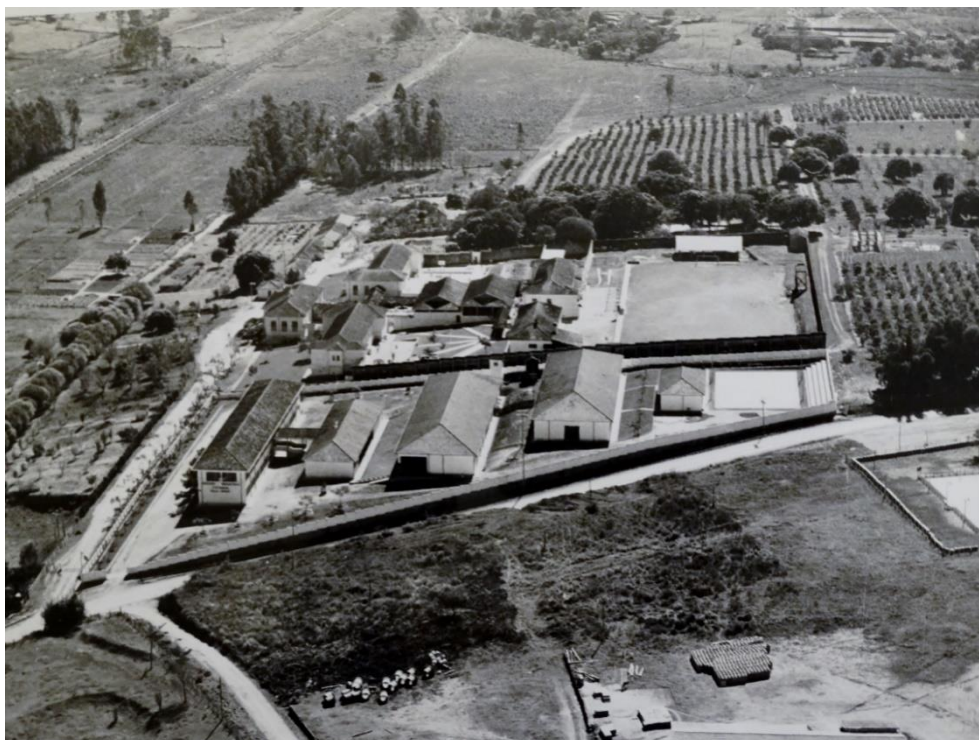


Foto 28 - Etec primeiro plano, restante Instituto de Menores, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves

Estas fotos mostram dois momentos, a aula de economia doméstica para meninas e a aula prática na oficina para os rapazes.



Foto 29 - Aula de Economia Doméstica, 1966, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves

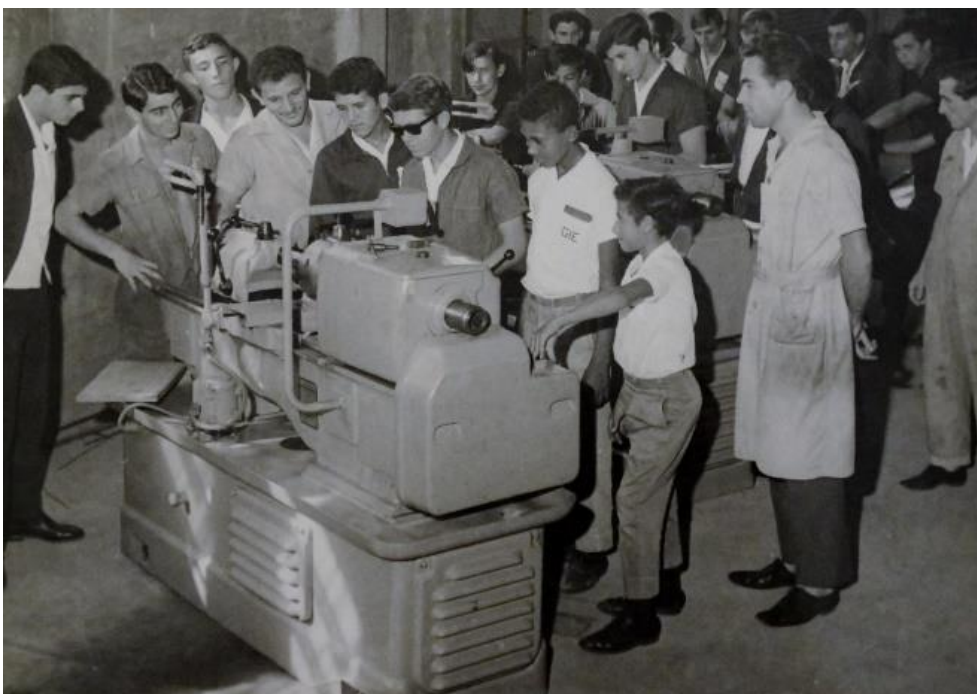


Foto 30 - Aula de Mecânica, 1966, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves

Segundo o prof. Braz, em seu relatório ao CPS:

“Não foi possível verificar se o perfil dos alunos mudou ao longo das décadas. Pois o recorte no levantamento de dados privilegia a década de 1960. Se olharmos para décadas seguintes veremos claramente uma mudança no perfil social nos alunos atendidos. Traçar os perfis e comparar o que mudou entre eles se faz necessário. E como as práticas da escola contribuíram para isso acontecer torna-se o assunto mais interessante ainda.

Analisando as certidões de nascimento dos alunos, o parto dos mesmos era feito no próprio domicílio e o registro consta o fato ocorrido, e interessante ressaltar que no levantamento feito nas certidões percebeu-se, os alunos matriculados na primeira série que inaugura o ginásio são em sua maioria, 35 alunos, nascidos na cidade de Mogi Mirim, seguido por Itapira com 4 alunos e 4 de Mogi Guaçu, 2 de São Vicente no Estado de São Paulo. É possível verificar ainda 4 alunos que nasceram em cidades do Estado de Minas Gerais, mais 3 de outras cidades do interior de São Paulo, mais 1 do Estado do Paraná e um no Estado da Bahia, na cidade de Jaguaquara, sendo esse último, o filho do único casal de estrangeiros vindos da Itália que moram na cidade.

Vasculhando os prontuários encontrou-se um termo de conduta que estabelece as normas para 1974 no prontuário de um aluno que voltou, mas era da primeira turma, o termo estabelece as regras para o uso do uniforme de uso diário e traz uma peculiaridade quanto ao comprimento até o máximo de 0,8 centímetros acima do joelho para as saias das meninas e moças, explica o tecido, a cor, também o uniforme de Educação Física e uniforme para aulas práticas. Estabelece regras claras para os alunos, mas com orientações expressas aos pais quanto à conduta dos filhos na escola.

Chamou muito a atenção a ficha médica assinada pelo Médico Dr. Carlos G. Hofling datada em 14/03/1966. Todos

os alunos da primeira turma que não desistiram do curso antes dessa data têm a ficha médica, traz muitos subsídios para traçar um perfil dos alunos que permaneceram na escola, essa ficha revela um pouco do aluno também fora da escola.

Não existe a possibilidade de constatar nos documentos dos prontuários se a profissão das mães é mesmo doméstica, pois os documentos não especificam se doméstica nesta época eram as mães que só cuidavam do seu lar ou se essas domésticas também eram pessoas que trabalhavam em outros lares que não os seus próprios.

Em relação à questão religiosa podemos perceber que a católica era predominante na questão da fé, mas é importante ressaltar que segundo os registros, os familiares também faziam questão de mostrar sua religiosidade, quando afirmavam ser espírita no caso 2 alunos e mais dois que se nomeavam crente e adventista.

Por ainda não ter um centro de memória, os documentos encontrados, inclusive uma coleção de fotos antigas, estão guardadas na sala do diretor e serão catalogadas por alunos monitores que têm interesses pelas fotos. Documentos encontrados e que não fazem parte do arquivo permanente como o da secretaria estão sendo catalogados e guardados no futuro Centro de Memória.”



Foto 31 - Aula de Culinária, 1967, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves

Os alunos com as mãos sujas de graxa e as meninas que tinham que se preparar para trabalhar e não só preparar o enxoval para o casamento, agora andavam orgulhosos pela cidade por fazer parte da instituição, não concordavam e não se deixavam abater pela ignorância de parte da população.



Foto 32 - Aula de Marcenaria, 1967, fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves

Quando dos desfiles cívicos, que perduraram por anos na cidade, tinham o maior orgulho em carregar o brasão, tocar na fanfarra com a maior garra, arrancando aplausos da população que se perfilava para assistir e dar palmas aos filhos, o concurso de fanfarras era o ápice do evento, concorrer e vencer a disputa com as demais escolas públicas da cidade era uma questão de honra, e isso aconteceu dezenas de vezes, era o momento em que a classe social não contava pontos, nem a condição econômica dos pais.



Foto 33 - Abertura Desfile Cívico, 1969, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves



Foto 34 - Desfile Cívico, 1969, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves



Foto 35 - Fanfara em Desfile, 1969, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves

O território estava redefinido, a escola marca para sempre a presença e a vocação de seu entorno, o Instituto de Menores perde o estigma que carregou por anos, mesmo quando passou a ser denominada FEBEM, nunca houve problemas na escola pela proximidade com os menores.

Sua presença exige mudanças no urbanismo da cidade e seu entorno, mesmo demorando anos, a rua foi asfaltada, ganhou uma ponte de concreto sobre o Rio Mogi Mirim, o matadouro Municipal foi desativado, os trilhos da FEPASA deram lugar a uma moderna avenida de vital importância para a cidade, a rua que se extinguia no portão da escola ganha um prolongamento de acesso a novos bairros.

3.3. Alterações e o Primeiro Plano Diretor

O local escolhido para a Escola estava praticamente na zona rural, sem bairros residenciais ou industriais à sua volta, ficava em uma pequena estrada de terra que chegava até os portões do Instituto de Menores; para chegar até a escola, cruzava-se uma ponte de madeira sobre o Rio Mogi Mirim. Outro vizinho da instituição era o Matadouro Municipal que ficava há menos de 200 metros, como na maioria das cidades o órgão público era encarregado do abate de animais para fornecimento de carnes a cidade, o matadouro era sujo e mal cheiroso, lançava seus restos no pequeno rio; a vizinhança não era das melhores.



Foto 36 - Rua de Terra, acesso à Etec, 1965, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves

Por esses dados, vemos o descaso com que o Estado tratou a instalação do Ginásio Industrial em Mogi Mirim, até porque não era a escola da elite da cidade, dos alunos que seguiriam a vida acadêmica, se tornando os futuros advogados, médicos, dentistas; ela seria a escola dos filhos pobres, vindos da agricultura, do operariado, da construção, das casas de bairros, alunos do período noturno que tinham que trabalhar e ajudar no sustento da casa.

Fica muito claro que o preconceito permeia a escolha da área junto ao Instituto de Menores, área considerada perigosa, separados apenas por muros de divisa, fora da

cidade, caminho de terra, depois do trilho do trem e do rio, atravessado por uma ponte de madeira, trecho da cidade com pouca vocação para se desenvolver e crescer.

O preconceito foi difícil de ser vencido nos primeiros anos de funcionamento da Escola. Segundo o diretor Mazzola, foi preciso um trabalho árduo de informação boca a boca, anúncios no jornal, panfletagem pelas ruas para recrutar os primeiros alunos para o curso técnico. As meninas só vieram no ano seguinte ao primeiro só de rapazes, convencer as famílias que as moças não corriam perigo estudando ao lado das instalações dos menores infratores, no caminho de terra, escuro quando das saídas das aulas noturnas, com mau odor de animais mortos - não foi fácil.

Enquanto parte da população e autoridades comemoravam a criação do Ensino Profissionalizante, abrindo portas para o preparo dos jovens para o mercado de trabalho que se ampliava, parte da elite mogimiriana via a escola com certo desdém e indiferença, preconceito na verdadeira definição, mas que por outro lado tinha seu lado bom, separava os alunos pobres dos mais favorecidos que continuariam nas escolas públicas consideradas as melhores, se preparando para a vida acadêmica e um futuro promissor; vemos novamente claro a “luta de classes”, os jovens perpetuando o preconceito e os pré-julgamentos feitos pelos pais.

A pesquisa revela que, em sua grande maioria, os alunos dos primeiros anos eram filhos de empregadas domésticas (ou “do lar”, como se dizia à época) e pai trabalhador braçal, isso mostra a classe social que frequentava a escola, diferente das demais onde estudavam o filho do médico, do dentista, do promotor, do professor e do advogado ilustre, escolas que ficavam na área central da cidade, vizinha da prefeitura, da praça principal, da igreja matriz, do comércio e do fórum; começa aí a grande diferença.

Da mesma época da criação da escola temos também o primeiro Plano Diretor do município, década de 60, quando a administração pública vislumbra a necessidade de ter um plano que oriente e coordene o crescimento da cidade que se encontra em momento de crescimento urbano, crescimento no número de indústrias, início de novos bairros.

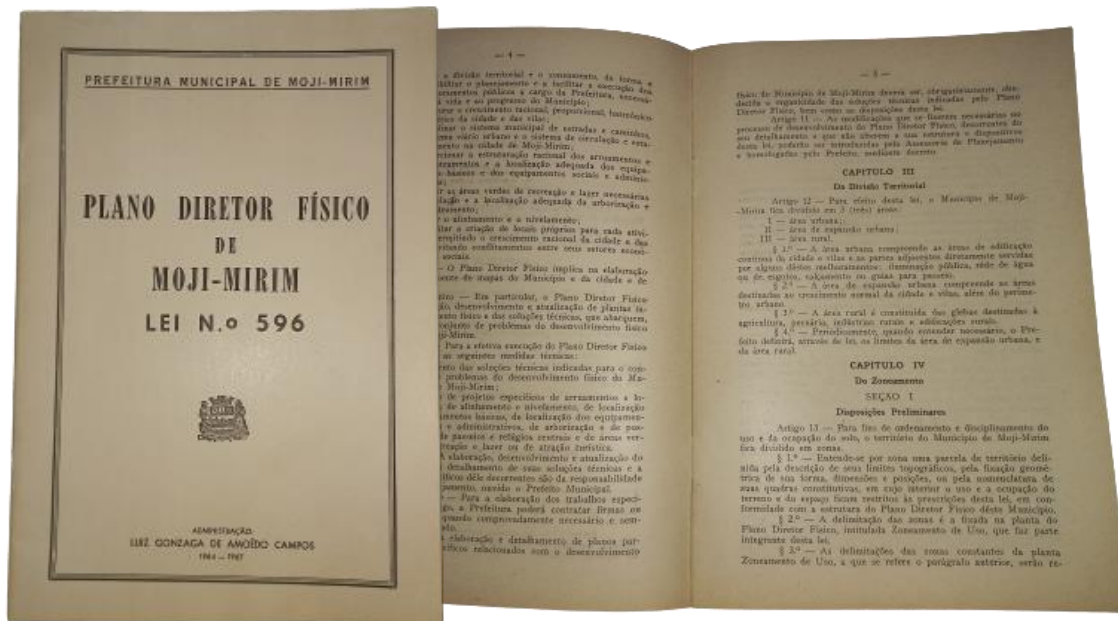


Foto 37 - Plano Diretor de Mogi Mirim, 1964, arquivo pessoal do pesquisador.

Tal Plano Diretor demora quatro anos até ser aprovado e vigorou por muitos anos, é um dos primeiros da região, elaborado por renomado escritório da capital, que desenvolveu vários desses pelas cidades do interior de São Paulo.

O Plano Diretor faz referências à ocupação do solo, áreas residenciais, comerciais e industriais, dimensões de áreas a serem seguidas, novos loteamentos, diretrizes para intervenções urbanísticas e projetuais para coordenar o crescimento da área urbana da cidade.

A necessidade do Plano Diretor reflete a preocupação da administração com o visível desenvolvimento urbano, industrial e de população que passava a cidade no período em questão, quando do início do funcionamento da escola e início de desenvolvimento industrial do município.

Vemos que a presença do ginásio teve relevância para a alteração do território, sua influência foi decisiva para a alteração da região; o que era antes zona rural, sem presença de moradias e ruas asfaltadas, foi dando lugar ao bairro que, por muitos anos, foi o mais nobre da cidade – o Jardim Brasília. O nome já refletia a vocação desse novo local, bairro novo com ruas largas, casas opulentas que foram sendo construídas pela “nata” da cidade, o primeiro bairro exclusivamente residencial de Mogi Mirim; como a nova capital federal, o bairro foi o desbravamento de uma área antes relegada a segundo plano que passa ser o metro quadrado mais caro do município.

Com o novo bairro, vem também a ligação criada em área desapropriada do Instituto de Menores, transformada em avenida cuja continuação foi construída no antigo leito férreo que cruzava a cidade; tal avenida, desde sua implantação é importante eixo de ligação com Mogi Guaçu, município vizinho e conurbado a Mogi Mirim.

O território também ganhou novas características com a construção da APAE em área bem em frente a ETEC, que se encontra em terreno e construção própria, em amplos prédios e áreas de lazer e recreação para receber as pessoas com necessidades especiais.

Há alguns anos, também houve a criação da FATEC de Mogi Mirim, que funcionou por um período nas instalações da ETEC enquanto aguardava a construção do novo complexo que abriga a Faculdade de Tecnologia.

CAPÍTULO 4 Influências da Escola Industrial em Mogi Mirim e Região

4.1. O desenvolvimento industrial e a importância política, cultural e tecnológica da ETEC

O quarto capítulo da pesquisa tem o objetivo de mostrar a importância da abertura da Escola para a cidade e, conseqüentemente, para a região, os desdobramentos da presença e da influência desta instituição de ensino profissionalizante ao longo de mais de meio século e investigar as raízes e a construção do legado material e imaterial produzido pelas gerações de professores, alunos e funcionários.

O resultado da busca em periódicos, livros, mapas e pesquisa oral vêm auxiliar na empreitada de traçar a relevância do trabalho dos professores e alunos durante o período que se seguiu à abertura da Instituição, mostrando a relação do ensino desenvolvido com a cidade e com a comunidade.

Nos anos 70, período dominado pelo militarismo, a escola se expõe para a população também nos desfiles cívicos, de grande importância na época, através de pelotões perfilados e a impecável fanfarra. A disputa entre as várias escolas da cidade, para realizar o melhor desfile e premiar o som da melhor fanfarra, era acirrada. Havia uma premiação dada às escolas ao final de cada desfile, e a ETEC sempre levava o seu troféu para casa.



Foto 38 - Fanfara em Desfile, 1972, Fonte Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves

A utilização das dependências da Escola para a realização de eventos de grande monta, como a primeira FAIBAM - Feira Agroindustrial da Baixa Mogiana, ajuda a reforçar o trabalho da Escola para se integrar e servir a população, esse evento foi de grande importância para o município e para a instituição de ensino, as indústrias mostravam seu trabalho e força e a escola também se mostrava para a cidade, reforçando sua capacidade de produzir mão de obra qualificada.

As feiras dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos eram outra forma de divulgar a produção realizada durante o ano letivo, enfim, diversas atividades sempre trazendo a comunidade para dentro e em contato com o Ginásio Industrial.

Esse capítulo também trata das alterações sofridas ao longo dos anos com relação às diretrizes curriculares e a passagem para a coordenação do Centro Paula Souza, quando de sua criação, e os desdobramentos dessa alteração, não pertencendo mais as escolas profissionalizantes à Secretaria de Educação. E ainda, como as escolas técnicas conseguiram manter e melhorar a qualidade de ensino, enquanto o ensino público em geral decaiu vertiginosamente ao longo do tempo, encontrando-se em condições deploráveis.

As mudanças de currículo e a oferta de cursos sempre estiveram relacionadas à demanda de oferta de trabalho na cidade e região. Cursos atualizados e que

correspondessem ao mercado são parâmetros para o desenvolvimento do trabalho; o intuito da pesquisa é mostrar essas novas áreas que a Escola vem desenvolvendo.

Iniciado nos anos 60 e continuando nas demais décadas que se seguiram, Mogi Mirim e região sofreram um forte processo de industrialização, como muitas cidades do interior.

As grandes indústrias procuravam por grandes áreas, facilidades de transporte e incentivo por parte das administrações públicas, bem como buscavam mão de obra abundante e outras facilidades que se encontravam disponíveis em Mogi Mirim e região. Uma série de fatores ajudou para que a industrialização acontecesse e encontrasse a Escola Industrial batalhando em orientar e profissionalizar seus alunos.

O trabalho do diretor Professor Rogério Mazzola e sua equipe de professores junto às indústrias sempre foi exemplar, estavam em constante contato para saber que tipo de profissional precisavam para trabalhar em suas fábricas, que curso atenderia melhor a busca do mercado de trabalho, que máquinas deveriam saber operar.

Traziam os proprietários das indústrias para visitas à escola, e conhecer o trabalho desenvolvido pelos alunos, que equipamentos estavam aprendendo a manusear e assim fazer o marketing da instituição junto aos que investiam capital no parque industrial da cidade.

Mogi Mirim inaugurou o primeiro parque industrial em 1978, uma grande gleba de terra às margens da rodovia para facilitar o escoamento da produção local. O incentivo por parte da prefeitura, com terrenos e isenções, trouxe para o local grande número de empresas e, com isso, muitos alunos também tiveram possibilidade de se empregar.

A indústria de móveis de aço ainda dominava a cena na época, mas as indústrias de outros ramos também começavam a aparecer, não ficando restritas a um só ramo de produção.

Com o desenvolvimento industrial da cidade, seu aumento de população urbana, crescimento da malha, busca por melhores condições de vida, saúde, transporte e, principalmente, educação a escola ganha cada vez mais importância.

A política local e regional trabalha para trazer cada vez mais indústrias para a cidade e, com isso, aumentar a arrecadação de impostos, reforçando os cofres e em contrapartida fazendo maiores investimentos na cidade, com mais infraestrutura e uma política de melhorias urbanas.

O Plano Diretor aprovado em 1964 começa a ser implementado, mostrando sua força e determinando o crescimento do município, a cidade ganha com esse direcionamento para o futuro que tem pela frente.

A Escola Técnica acompanha esse processo da cidade e das indústrias que nela se instalam, tentando a todo custo seguir a modernização do parque industrial. Com a passagem das escolas profissionalizantes para o comando do Centro Paula Souza nos anos 80, esse trabalho se intensifica e é facilitado pela visão desse órgão que passa a coordenar as escolas técnicas. O foco do CPS é realmente profissionalizar cada vez mais o ensino técnico, estar sempre ao lado das indústrias e demais que consigam absorver os braços produzidos pelo ensino direcionado.

Segundo o site do CPS:

“O Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Presente em 368 municípios, a instituição administra 223 Escolas Técnicas (Etecs) e 73 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com mais de 322 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superior tecnológicos.”

“Nas Etecs, mais de 228 mil estudantes estão matriculados nos Ensinos Médios, Técnico integrado ao Médio e no Ensino Técnico, incluindo habilitações nas modalidades presencial, semipresencial, online, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e especialização técnica. As Etecs oferecem 212 cursos voltados a todos os setores produtivos públicos e privados.”

“Já as FATECs atendem mais de 94 mil alunos matriculados em 84 cursos de graduação tecnológica, em diversas áreas, como Construção Civil, Mecânica, Informática, Tecnologia da Informação, Turismo, entre outras. Além da graduação, o CPS oferece cursos de pós-graduação, atualização tecnológica e extensão.” Fonte: Site Oficial do Centro Paula Souza, 2021

As escolas técnicas só ganharam com a passagem de coordenação da Secretaria da Educação para o CPS, o ensino foi fortalecido e valorizado, trazendo para dentro das ETECs o que há de mais moderno, em laboratórios, sistema didático e equipamentos, para atender seu público promissor e ávido de conhecimento.

A Pedro Ferreira Alves consegue com isso, com o passar de mais de meio século, se manter viva e atual, produzindo o que o mercado procura em matéria de mão de obra, constantemente se atualizando e brigando por melhores condições de ensino, buscando parcerias dentro e fora do território de Mogi Mirim, estando sempre a frente dos dias atuais.

O legado da ETEC não está só no passado, continua atualmente e com uma visão futura sempre aberta, ela se esforça em cumprir com o compromisso de estar à frente de seu tempo e trabalhar para que os alunos estejam sempre atualizados.

4.2. A inserção urbanística e estratégica na ETEC na cidade

Para essa pesquisa é também de vital importância fazer um balanço da influência da Escola no território. Como sua presença atuou na alteração do urbanismo da cidade.

Como foi dito em capítulo anterior, quando de sua criação, a escola ou o Ginásio Industrial se encontrava fora da malha urbana da época, em uma estrada rural, de terra, depois da linha do trem e após a passagem sobre ponte de madeira sobre o rio Mogi Mirim, sem esquecermos de seus vizinhos - o Instituto de Menores e o Matadouro Municipal.

Com o passar dos anos e com o reconhecimento para a cidade da importância da escola, acontecem reflexos na configuração de seu território.

Próximo a ela se instala o TG 02023, incumbido da preparação dos jovens para a vida militar, com aulas de civismo, preparação para as armas, desenvolvendo, também, um trabalho importante junto aos jovens da cidade; a vizinhança começa a melhorar.

A APAE da cidade também se instala do outro lado da rua, bem em frente à escola; a instituição que cuida, educa e enche de cuidados os jovens especiais de toda cidade vem para perto e traz consigo uma outra fatia da população jovem.

Com o passar dos anos, a rua ganha asfalto, a ponte de madeira é substituída por uma de concreto por sobre o rio, novos bairros vão surgindo nas proximidades.

O matadouro é desativado deixando o ambiente mais limpo, sem o mau cheiro usual e os restos de animais sendo jogados ao rio.

O Instituto de Menores ainda funcionará por muitos anos, passando para a FEBEM, continuando o trabalho de recuperação de menores infratores, sem nunca causar problemas para a Escola Técnica e seus alunos.

A rua em frente à escola passa a ser ligação com a zona leste da cidade, área que mais cresceu no município nos últimos 30 anos; bairro que contava com apenas uma ligação com a área central, passa a contar com a Rua Ariovaldo Silveira Franco, a rua “do Ginásio Industrial”, esse eixo torna-se de relevante importância para o leste do município.



Mapa 3 - Região Atual da Etec, Fonte Google Maps

O mapa acima reflete a ocupação da área no entorno da ETEC, onde vemos a presença da Fatec, do TG, da APAE, dos Departamentos de Educação e de Esporte e Lazer, da sede do Grupo Escoteiro Valentino Balestro e da presença da nova ponte sobre o rio Mogi Mirim.

A FATEC também se instala em área anexa à Escola, trazendo mais uma porção do Centro Paula Souza para reforçar a importância do território iniciado pela escola, com suas novas instalações, grandes salas de aula, laboratórios moderníssimos, ginásio de esportes e área para futuras ampliações que já se encontram em fase de projeto.

Com a desativação da Febem de Mogi Mirim, o antigo prédio, que por muitos anos abrigou jovens infratores, local que carregou esse estigma por longo período, dá lugar ao Departamento de Educação e ao Departamento de Esportes da Cidade, órgãos públicos que reavivam os prédios e seu entorno.

Mais recentemente, em 2015, o Grupo Escoteiro Valentino Balestro se instalou no terreno e prédio que também fazia parte da FEBEM, com cessão de uso dado pela prefeitura. Com trabalho desenvolvido com jovens de sete a vinte e um anos, trazem vida nova a uma área que também carregava a antiga sina.

Ao lado da escola, em frente ao antigo prédio da FEBEM, atuais Departamentos, foi aberta nova avenida que faz ligação com a cidade de Mogi Guaçu, eixo importante para a conexão das duas cidades, que hoje se transformou num referencial de comércio de diversas áreas, mas, principalmente, na comercialização de veículos e produtos automotivos, polo regional no ramo.

A escola mostrou mais uma vez a capacidade de sua localização em mudar os rumos do desenvolvimento urbano daquela região da cidade, sendo que hoje o território está totalmente alterado pela presença da instituição, como mostra a pesquisa.

Outra importante alteração foi o mais recente distrito industrial criado no início dos anos 2010, um novo polo com indústrias de ponta, como o Data Center Itaú, Eaton e outras multinacionais que buscam nas cidades do interior as facilidades e incentivos municipais. O novo distrito fica às margens da rodovia Campinas-Águas da Prata, distante 3 km do centro da cidade, em um importante eixo de ligação com Campinas, São Paulo, sul de Minas e a pouco mais de meia hora do Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas e a duas horas dos aeroportos de Guarulhos e Congonhas, em São Paulo.

A Etec entra novamente em cena ampliando as parcerias que mantem com essas indústrias, fornecendo mão de obra especializada recém-saídas das carteiras da escola. Mais um mercado de trabalho aberto para os jovens que fazem parte da Escola Técnica.

O local do novo distrito industrial soma o privilégio da boa localização aliado a oferta de mão de obra especializada. A indústria 4.0 encontra solo fértil para futuras investidas.

4.3. A Atualidade e o Dinamismo da ETEC em Mogi Mirim e Região

Como se encontra a ETEC Pedro Ferreira Alves depois de quase 60 anos atuando no ensino profissionalizante em Mogi Mirim? O que tem desenvolvido, como são os alunos hoje? Qual o perfil do corpo docente? Os cursos oferecidos atendem à demanda do mercado de trabalho? Essas e outras perguntas nos colocam frente aos problemas que as escolas públicas têm enfrentado com o passar do tempo.

A grande maioria das escolas mantidas pelo Estado encontra-se em franca decadência, é uma realidade vivida pelos alunos e funcionários há muito tempo, o descaso com a educação em nosso país sempre foi presente, mas nos últimos anos tem piorado absurdamente.

A condição física das escolas é um sinalizador, os prédios em visível abandono, sem reparos e manutenção mínima, pichados e malcuidados, carteiras e mobiliário em geral em condições deploráveis.

Como reflexo, vemos o trabalho desenvolvido nessas instituições, com professores mal remunerados e desestimulados para levar a cabo a tarefa de estar à frente de alunos, sem material disponível, sem condições mínimas de organizar aulas proveitosas e interessantes para os jovens que tem, na escola pública, a única possibilidade de estudar.

Os alunos vêm desde muito cedo de um ensino fraco, com conteúdos ultrapassados e sem recursos didáticos atualizados, aulas pouco atrativas, sem equipamentos, laboratórios e dispositivos de auxílio à didática.

As escolas particulares ganharam espaço frente à escola pública por oferecer o que não mais se encontra disponível no ensino gratuito, o tempo em que as escolas estaduais eram consideradas melhores que as particulares passou, infelizmente.

Como exemplo da cidade de Mogi Mirim, temos o Colégio Imaculada Conceição que está presente há muitos anos com um ensino tradicional comandado pelas freiras e com outras unidades por todo Brasil. A escola pública, considerada modelo nos anos 60, 70 e 80 - Escola Estadual Monsenhor Nora, sempre foi tida como tendo um nível de ensino superior ao colégio coordenado pelas irmãs, lá estudavam os filhos dos médicos da cidade, filhos dos advogados, juiz e promotor, assim como também era a escola do filho do pedreiro e do comerciante.

As escolas públicas tinham um nível de ensino excelente, professores preparados, instalações apropriadas e condizentes com as exigências da época, ao contrário do que encontramos atualmente.



Foto 39 - Laboratório de Tecnologia, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves

Mas como já foi dito em trechos anteriores, a ETEC fez um caminho contrário, se reinventou, se preparou para novos tempos, se equipou e aperfeiçoou seu corpo docente.

Indústria 4.0

A ETEC Pedro Ferreira Alves tem batalhado muito para manter-se atualizada na perspectiva de profissionalizar o jovem, preparando-o para os novos tempos, acompanhando o que o mercado de trabalho da cidade e região necessitam a cada inovação.

Desde sua fundação, onde só tínhamos os cursos de mecânica, seguido pela marcenaria e depois o de economia doméstica para as meninas, a ETEC veio passando por muitas transformações.

Com o passar dos anos, a escola tem tentado e conseguido se manter às duras penas e com muito esforço de seus diretores e coordenadores, em paralelo com as necessidades das ofertas de vagas em suas diferentes áreas, desde a área médica com cursos de técnicos em enfermagem, passando pelas áreas tecnológicas e de mecatrônica, informática e internet.

O mais novo desafio que a instituição enfrenta é a implementação de novos cursos, alteração da grade curricular para atender a INDÚSTRIA 4.0.

Cabe aqui registrar, que nos processos de evoluções e inovações do sistema produtivo denominados de Revolução Industrial, o aparecimento das máquinas a vapor no final do século XVIII marca uma inovação tecnológica importante, pois até então a produção era feita de forma artesanal.

A descoberta de novas fontes de energia, a produção em massa, os meios de comunicação como o rádio, ocorridos na metade do século XIX, marca a Segunda Revolução Industrial.

Já a terceira inicia-se na década de 1970, conhecido como Revolução Digital, fundamentada pelo avanço das tecnologias e informática no sistema de produção industrial, com foco na redução de custos e o tempo de produção.

“Atualmente presenciamos o desenvolvimento da Quarta Revolução Industrial, denominada como Indústria 4.0, sendo a digitalização da operação industrial. Este contexto se originou através de um processo de empresas, universidades e do governo alemão, sendo citado pela primeira vez durante a Hannover Fair, em 2011, com o intuito de modernizar as indústrias locais (SILVEIRA; LOPES, 2016).”

“INOVAÇÃO, AUTOMAÇÃO E EFICIÊNCIA, são as palavras chaves da nova Revolução, a Indústria 4.0.”

Indústria 4.0 no Brasil

A tecnologia de digitalização ou manufatura avançada é pouco difundida no Brasil; segundo a Confederação Nacional da Indústria, o baixo conhecimento desta evolução é o entrave à sua utilização no país. Em uma pesquisa realizada com todas as indústrias brasileiras, apenas 48% delas utilizam pelo menos uma tecnologia, o percentual cresce

para 63% entre grandes empresas e cai para 25% entre pequenas empresas (CNI, 2016).

Considerando a importância desta inovação das tecnologias, a qual resulta no aumento da eficiência do processo, no aperfeiçoamento do produto e na expansão e criação de novos negócios para a empresa, o baixo conhecimento e uso destas tecnologias impacta de forma negativa o desempenho de competitividade do Brasil no mercado globalizado. Segundo o professor Eduardo de Senzi Zancul, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) “Temos poucos setores competitivos em escala global”. (EXAME, 2016)

Jornal - A COMARCA, 20 de fevereiro de 2017

O futuro da indústria nas mãos da Etec

Mogi Mirim está próxima de ser a protagonista brasileira da 4ª Revolução Industrial. Isso depende do sucesso de uma parceria que tem a Escola Técnica Estadual (Etec) “Pedro Ferreira Alves” como peça principal do quebra-cabeças da chamada Indústria 4.0 - ou “Indústria do Futuro” -, que pretende mudar o modelo de produção das fábricas como o conhecemos hoje.

Na semana passada, um consultor do Ministério da Educação da Alemanha esteve na Etec mogimiriana. Dr. Jörg Reiff-Stephan, professor da Universidade Wildau de Ciências Aplicadas conheceu as dependências da escola e assinou um protocolo de intenções juntamente com o diretor da Etec, André Luiz dos Santos, e com o diretor da Faculdade de Tecnologia (Fatec) “Arthur de Azevedo”, André Giraldi.

A intenção é uma parceria entre Etec, Fatec e a universidade alemã, com o objetivo de proporcionar um intercâmbio de conhecimentos entre alunos e professores. O foco é o aprimoramento sobre a Indústria 4.0 e a 4ª Revolução Industrial. “O professor Jörg ficou impressionado com o que nós temos”, relatou o diretor da escola técnica.

Não é para menos. De acordo com Santos, o laboratório de manufatura da “Pedro Ferreira Alves” está avaliado em R\$ 1,5 milhão. É a única unidade escolar dentre as 220 Etecs e 66 Fatecs administradas pelo Centro Paula Souza que possui uma célula composta por equipamentos de ponta. “Ninguém tem algo parecido com a Etec Mogi Mirim, quem chega próximo é a USP (Universidade de São Paulo)”, comparou o diretor.

Tamanho tecnologia atraiu a Festo, empresa com matriz na Alemanha e presente no

Brasil desde 1968 e líder nacional em automação industrial. Ela era velha conhecida da Etec desde projetos desenvolvidos anteriormente, em conjunto. Agora, os empresários alemães querem fechar uma nova parceria para o uso do laboratório de manufatura da Etec, o único do Brasil capaz de se transformar em um polo tecnológico com um investimento considerado muito baixo, na ordem dos R\$ 50 mil.

Mas quem sai ganhando com essa parceria? Tecnicamente, todos. “Os benefícios ultrapassam os muros da Etec”, resumiu Santos. Etec e Fatec, ao integrar seus equipamentos, se transformam em um Polo de Manufatura Avançada do Estado de São Paulo. Empresas da região poderão capacitar aqui seus funcionários para a Indústria 4.0 e a Festo larga na frente na automação industrial da 4ª Revolução.

ENCAMINHADO

O projeto foi levado em segredo na Etec durante alguns meses. Antes de tornar pública a boa nova, o diretor André Luiz dos Santos quis garantir para Mogi Mirim o posto de polo tecnológico do estado. Para isso, convocou o prefeito Carlos Nelson Bueno (PSDB), a secretária municipal de Educação Flávia Rossi e o deputado estadual Barros Munhoz (PSDB) numa força-tarefa para que o projeto de parceria com a Festo fosse apresentado com ainda mais peso ao Centro Paula Souza.

Santos agora aguarda a palavra final da diretora-superintendente do Centro, professora Laura Laganá. Enquanto isso, o diretor continua angariando apoio. Na última segunda-feira, 13, detalhou o projeto aos vereadores da Câmara de Mogi Mirim. Deve fazer o mesmo com empresários da região. Não só a Festo, mas a Mitsubishi também já demonstrou interesse em investir na Etec. “Pode ser uma luz muito forte no fim deste túnel”, frisou Santos.

TRANSFORMAÇÃO

Assim que o Centro Paula Souza bater o martelo, Etec e Fatec vão precisar se preparar. Capacitações nacionais e internacionais dos professores já estão programadas. A matriz curricular das unidades de ensino também precisará passar por uma revisão e se adequar ao conceito de manufatura avançada. Em setembro passado, uma capacitação sobre a Indústria 4.0 já foi ministrada pela Festo, em parceria com Etec e Fatec de Mogi Mirim, para as escolas técnicas de Amparo, Itapira e Mogi Guaçu. Em

março deste ano, o 2º Simpósio de Iniciação Científica também deve ser realizado com base nesses conceitos.

A ETEC

Pela importância que a nova Revolução Industrial, que já se encontra em curso, poderá ter para os modos de produção do Brasil e para o mundo, entendemos a preocupação que os dirigentes da escola em se equiparar, se equipar, se adequar os novos cursos, laboratórios e corpo docente para atender a nova demanda em vista.

A ETEC tem que estar sempre atenta às novas demandas, respondendo às necessidades e preparo dos jovens para esses novos desafios.

As dificuldades são muitas, mesmo tendo um tratamento diferenciado pelo Centro Paula Souza, o ensino técnico encontra as dificuldades em ser uma instituição pública, com falta de verbas, uma burocracia imensa, entraves políticos e administrativos, enfim muitas das dificuldades que todos da área da educação enfrentam em nosso país, e o mais agravante é a pouca importância dada pelo Estado às instituições de ensino, o que vem piorando a cada ano e a cada novo governante que toma posse, em todos os níveis - municipal estadual e federal.

Mas a ETEC continua a luta para se manter à frente de seu tempo, como o faz desde os anos sessenta com os pioneiros estudantes do Ginásio Industrial em busca de uma melhor formação e colocação profissional.

Aqui vemos refletida novamente a importância da atuação da escola para sua comunidade e região, nessa busca por se atualizar e manter sua relevância no ensino público gratuito.

A dissertação busca revelar tal importância mostrando o trabalho desenvolvido, o enorme número de estudantes atendidos nesses tantos anos de existência, em como a comunidade reconhece essa tal relevância ainda, quando o ensino público tradicional se encontra em decadência brutal.



Foto 40 - Desfile do Dia da Cidade, 2017, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves

ETEC na Pandemia de Covid-19

Não bastassem os problemas do dia a dia que a escola pública enfrenta, no início de 2020 surge um novo. A pandemia de Covid-19, que já no final de 2019 mostra sua cara em diversos países, explode como pandemia em março de 2020, época de início de aulas nas instituições de ensino no Brasil.

A ETEC Pedro Ferreira Alves, como todas as outras, é pega de surpresa. A princípio, o que parecia um atraso apenas no início do ano letivo torna-se um problema seríssimo. O que fazer com os alunos? Como resolver esse entrave? Como devem agir diretores, coordenadores e corpo docente? Uma nave transitando no escuro, sem rumo certo, sem precedentes e sem soluções a serem tomadas.

As escolas particulares tentam o mais rapidamente possível se adequar à nova realidade que ninguém sabe quanto tempo vai perdurar, mas essas, contam com recursos para tal adequação, para comprar novos materiais, computadores, câmeras, montam salas digitais, contratam profissionais da área e treinam os professores para se tornarem profissionais digitais da noite para o dia, e com isso manter sua clientela que paga, mas também exige.

A escola pública fica à deriva, sem recursos, sem equipamentos e, com isso, sem aulas.

Cada uma, a sua maneira e contando com a boa vontade de seu corpo docente, tenta iniciar o ano letivo com aulas virtuais; cada professor com equipamento próprio se adequa a nova perspectiva de trabalho. Para a ETEC não é diferente, as dificuldades são muitas, colocar as aulas na rede, fazer com que os professores trabalhem de casa, ministrando suas disciplinas de forma virtual e com equipamentos próprios.

Os professores conseguem, na medida do possível, passar os conteúdos de suas disciplinas e trazer os alunos para frente do computador para assistir as aulas, novos tempos e novos desafios. Muita perda para os alunos em geral, mas, principalmente, para os que teriam aulas em laboratórios, aulas práticas que não tem como ser adaptadas para o meio virtual, dificuldades redobradas para o ensino profissionalizante, mas, enfim, a escola tenta com todos os recursos manter seus cursos em dia.

A evasão de alunos é grande, segundo a diretoria da ETEC, muitos estão desistindo por dificuldade em acompanhar as aulas virtuais, por falta de equipamento e internet de qualidade.

A escola está vazia, as salas, pátios, laboratórios, cantina, tudo sem vida que é dada pela presença ativa e barulhenta dos jovens em sua efervescência diária. Poucos funcionários se revezam na parte administrativa, a escola tem que se manter aberta e dando apoio aos alunos e funcionários.



Foto 41 - Outdoor Fixado na Guarita da Escola, 2021, Fonte Site ETEC Pedro Ferreira Alves

Por quanto tempo essa situação vai perdurar é ainda uma pergunta sem resposta, não há previsões de retorno às aulas presenciais. Em reuniões com a diretoria do Centro Paula Souza está sendo traçado um possível retorno de forma híbrida no segundo semestre de 2021. Os diretores não acreditam nessa possibilidade.

Para aulas híbridas, onde partes dos alunos estariam presenciais e parte assistiriam de forma remota, seria necessário equipamento apropriado em cada sala de aula para uso do professor que ministraria a aula para os presentes e transmitiria para os demais via internet, tudo muito simples, na teoria. Na prática, não vai ser muito fácil, a inexistência de equipamento para todos do corpo docente é o primeiro grande entrave, a ineficácia da internet da escola, outro. Por esses e outros problemas, o retorno às aulas ainda é uma incógnita.

Por outro lado, a pandemia nos revela outros dados que nos interessa à pesquisa - qual o papel da ETEC nesses novos tempos?

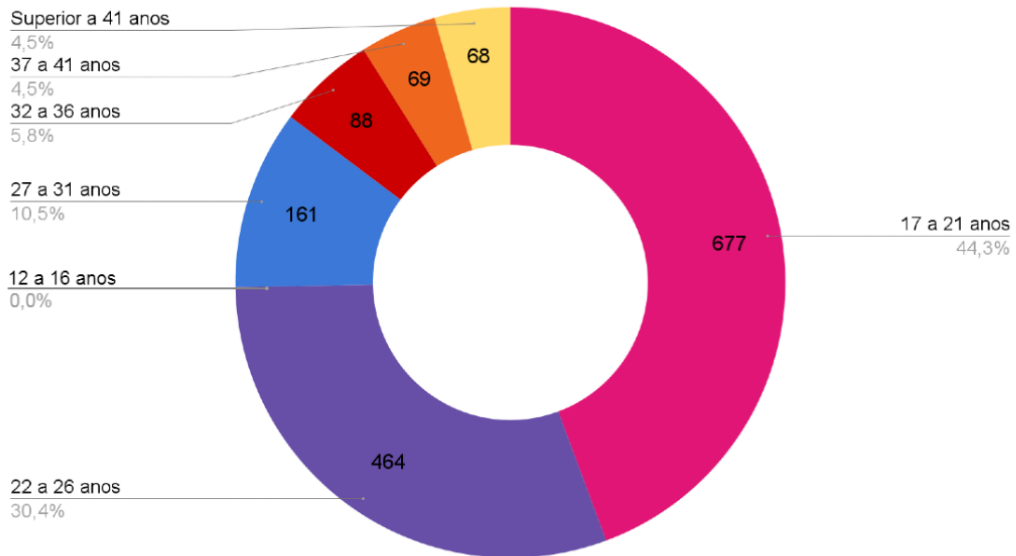
Com a crise financeira causada pela pandemia, que afetou todos os setores sem distinção, vimos muitas famílias afetadas com relação aos seus rendimentos financeiros. Muitos profissionais perderam seus empregos por contenção de gastos dos diversos setores, muitos tiveram sua renda diminuída pela crise, que também refletiu na vida familiar.

Isso refletiu no público que frequentava as escolas particulares, essas perderam muitos alunos com a persistência do problema, sem data para terminar. A escola particular vive ainda uma grande evasão em função da pandemia.

Esse fenômeno nos mostra como a ETEC se apresenta para a sociedade, tem sido a melhor opção de estudo público gratuito, os alunos migraram e ainda se encontram nesse processo. O ensino da instituição mantém a tradição de uma qualidade superior ao oferecido pelas demais escolas tradicionais; isso ajudou a ETEC a manter o número de alunos atendidos, e assim como ocorreu a evasão, ocorreu também a chegada de muitos vindos da rede particular e de suas diversas unidades espalhadas pela cidade.

Isso colabora para afirmar a relevância do objeto de estudo em questão e provar sua importância para toda a comunidade, são números que atestam esse fenômeno na atual situação de pandemia, de idas e vindas de alunos.

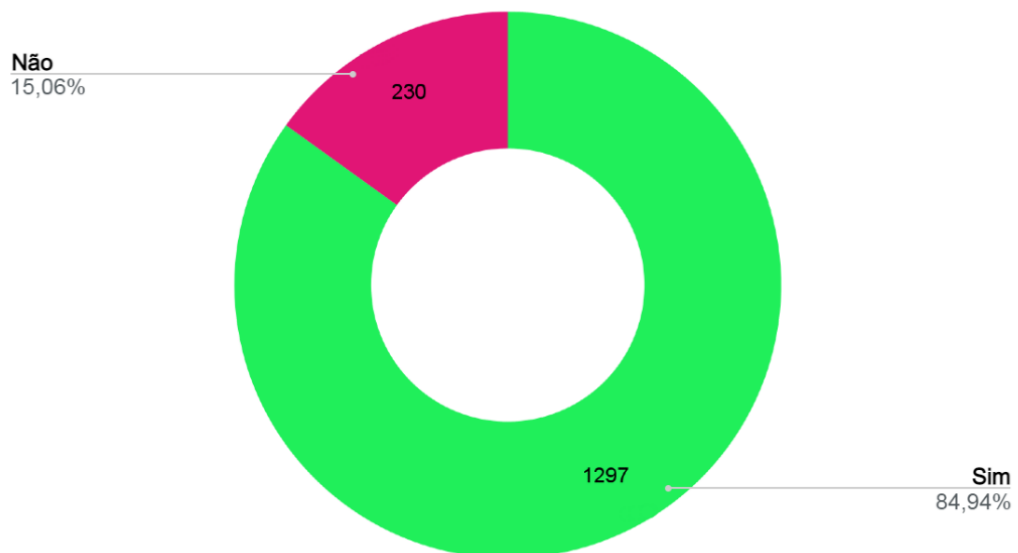
Faixa Etária



NSA - Secretaria: gerado em 13/04/2021 / Data de Referência: 01/02/2017

Gráfico 2 - Faixa Etária dos Alunos

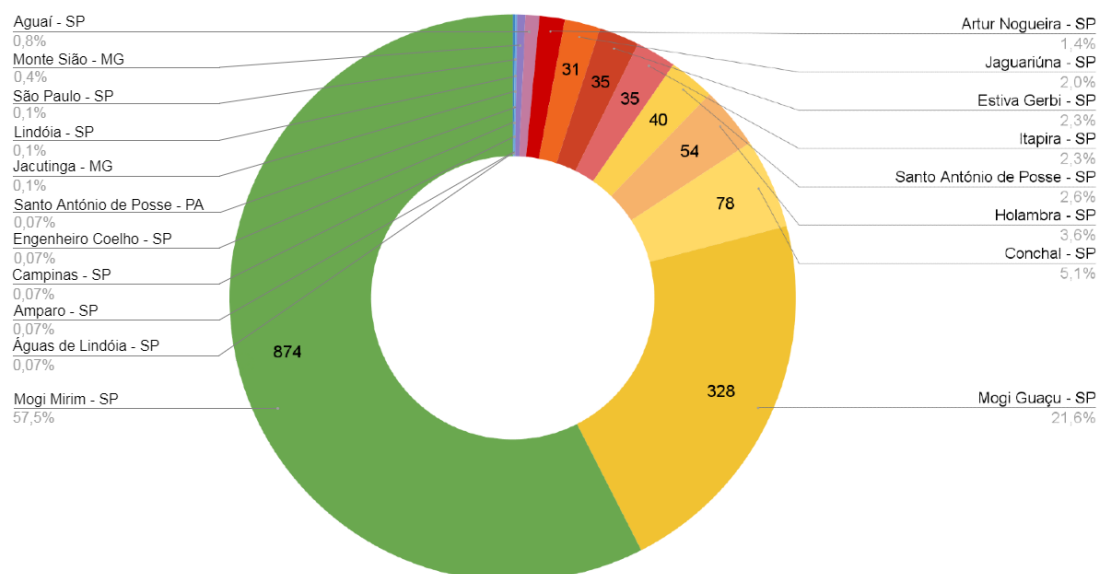
Escolaridade Pública



NSA - Secretaria: gerado em 13/04/2021 / Data de Referência: 01/02/2017

Gráfico 3 - Escolaridade dos Alunos

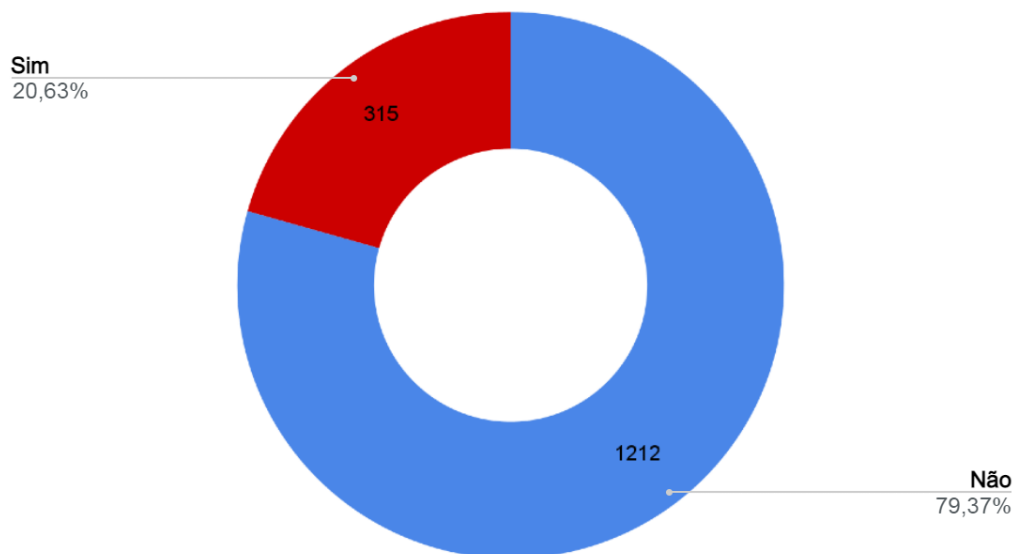
Localidades



NSA - Secretaria: gerado em 13/04/2021 / Data de Referência: 01/02/2017

Gráfico 4 - Localidade de Origem dos Alunos

Afrodescendentes

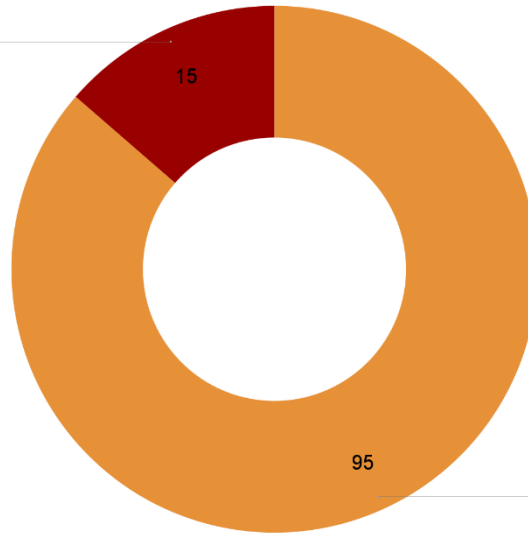


NSA - Secretaria: gerado em 13/04/2021 / Data de Referência: 01/02/2017

Gráfico 5 - Divisão Étnica dos Alunos

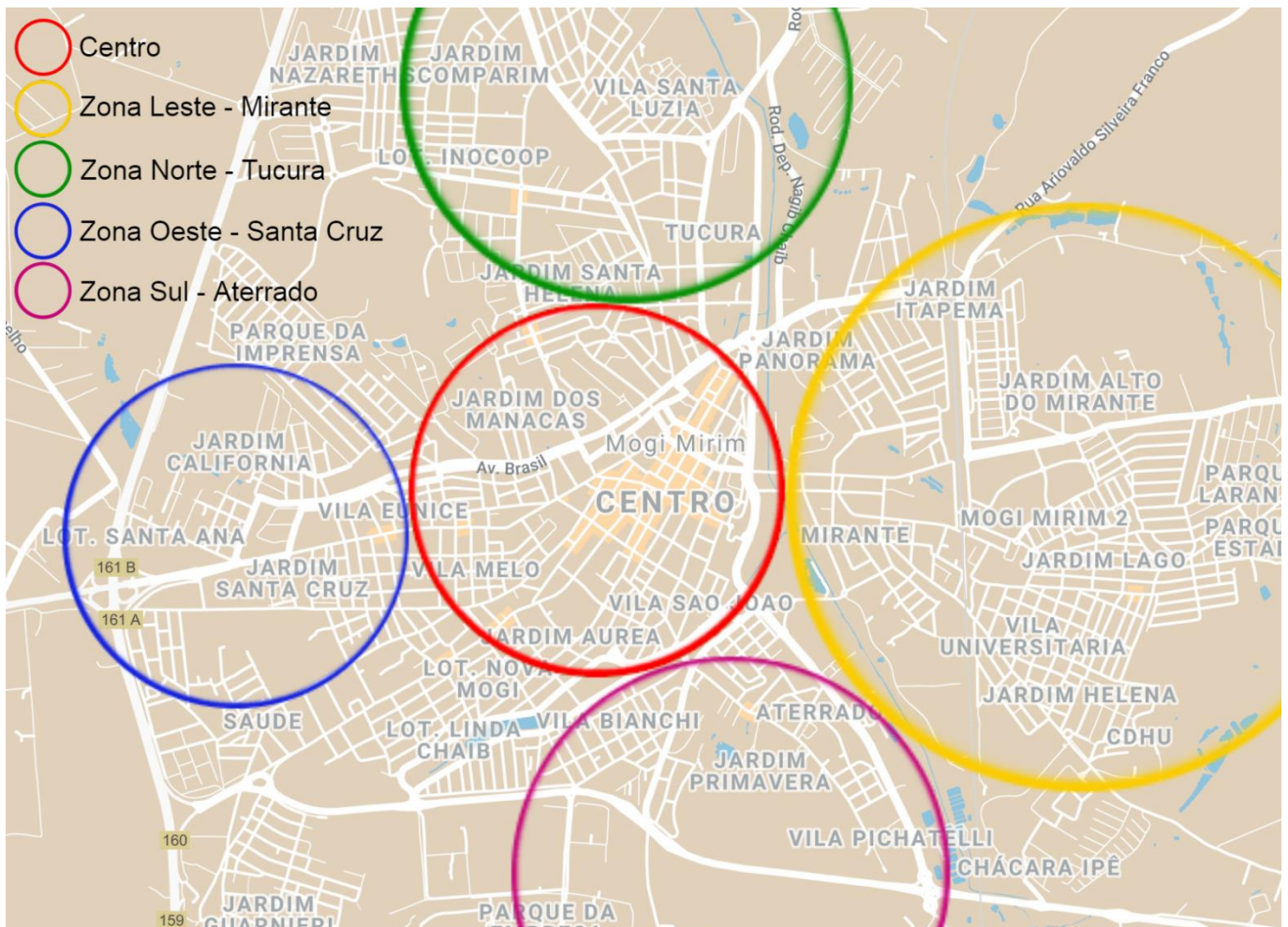
Professores Etec Pedro Ferreira Alves

Professores Ex-Alunos
13,6%



Professores
86,4%

Gráfico 6 - Perfil do Corpo Docente



Mapa 4 - Planta da Cidade de Mogi Mirim 2021, Fonte Google Maps

Alguns dos projetos desenvolvidos pelos alunos da ETEC:

PROJETO ECOPONTO

ECOPONTO - COLETA DE ÓLEO VEGETAL RESIDUAL DE FRITURA



**ETEC Pedro Ferreira Alves
Mogi Mirim - SP**

Alunos do curso Técnico em Meio Ambiente instalam na escola um ponto de coleta de óleo vegetal usado, para recolher o resíduo através dos alunos e população da cidade.

O óleo vegetal residual de fritura, quando descartado em locais impróprios como, por exemplo, rios e lagos, contamina a água. Um litro de óleo contamina aproximadamente 25 mil litros de água. Com isso, os alunos do curso técnico de Meio Ambiente da ETEC

Pedro Ferreira Alves desenvolveram um projeto para implantar um ecoponto de coleta de óleo de cozinha usado.

Este projeto implantou, na ETEC Pedro Ferreira Alves, um ponto de coleta do óleo vegetal residual de fritura produzido pela população do município, com a finalidade de minimizar a degradação dos corpos hídricos, solo e redes de esgotos em Mogi Mirim, bem como motivar a comunidade a adotar práticas cotidianas de forma sustentável através da educação ambiental. O projeto ainda irá contribuir na redução dos gastos, na manutenção das redes coletoras de esgoto e drenagem de águas superficiais na cidade.

É esperado com a implantação do projeto, que todos contribuam da melhor forma possível para que o ponto de coleta de óleo residual desenvolva-se de forma constante até atingir um ponto estável de arrecadação para que o encaminhamento ocorra com controle de tempo e quantidade. Mesmo que a coleta de óleo vegetal residual de fritura tenha apenas um apelo ambiental, é de extrema importância a promoção da principal meta: a educação ambiental. Fonte: Site Oficial da ETEC



Foto 42 - Equipe do projeto Ecoponto - coleta de óleo da ETEC, Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-OJ4nD1mSdyg/TdRXLBDez9I/AAAAAAAAABc/D6PgBMW1cvU/s1600/ecopoto.jpg>

PROJETO FEC - FESTIVAL EXPRESSÃO CORPORAL

Jornal - A COMARCA, 6 de julho de 2019

Festival de Expressão Corporal leva mais de 5 mil pessoas ao Teatro de Arena

Fonte: Jornal A Comarca

O Festival de Expressão Corporal (FEC), organizado pela Escola Técnica (Etec) Pedro Ferreira Alves de Mogi Mirim, levou aproximadamente 5 mil pessoas ao Teatro de Arena, segundo a organização do evento. A proposta foi utilizar a dança como pedagogia alternativa para jovens e ajudar, assim, na inclusão social.

Os alunos dos primeiros anos do ensino médio apresentaram o universo do sincronismo, já os dos segundos e terceiros foram divididos por salas, apresentando, cada um, uma coreografia. Os alunos do 2º ano tiveram o tema livre e para terceiros anos a temática foi “Anos 90”.



Foto 43 - Proposta do evento promovido pela Etec Pedro Ferreira Alves é utilizar a dança como pedagogia alternativa para a juventude, 2019; Fonte: <https://opopularmm.com.br/festival-de-expressao-corporal-leva-mais-de-5-mil-pessoas-ao-teatro-de-arena-27648>

O evento começou há 10 anos, pela idealizadora e organizadora Prof. Amanda Blessa.

“Em 2009, elaborei um projeto (FEC) de ação que procurasse estabelecer redes de comunicação entre a escola, que é um local de aquisição de conhecimentos, e a comunidade. Assim nasceu a ‘Dança da Amanda’ (nome usado pelos alunos na época) como uma atividade das aulas de Educação Física, trabalhando valências ecléticas e fundamentais ao desenvolvimento humano como o condicionamento físico geral, a capacidade cardiorrespiratória, o equilíbrio a destreza e coordenação”, comentou.

O evento continua sendo uma avaliação de Educação Física, fazendo parte do calendário oficial da escola Etec, e também reconhecido pela Prefeitura de Mogi Mirim, fazendo parte do Calendário Cultural.”

E ainda:

“Os alunos hoje não têm consciência, mas, no futuro, saberão que muitos de seus medos emocionais se desfizeram na noite da apresentação, a prática da dança seria uma forma de resgatar e ampliar a percepção dos alunos, com a ampliação da consciência corporal, buscando favorecer a integração do corpo, mente e emoções por meio do contato com essa manifestação artística” considerou o diretor, André dos Santos.

Fonte: Site Oficial da ETEC

PROJETO CAIPIRETE



Foto 44 - CAIPIRETE, 2013, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves

Caipirete é o nome da Festa Junina da Etec; realizada todos os anos, recebe milhares de pessoas da comunidade, não só alunos e pessoas ligadas à escola, mas toda a cidade espera pelo evento que a cada ano conta com inovações e atrações variadas.



Foto 45 - Convite da XVI Caipirête, Fonte: <https://www.facebook.com/etec.pedroferreiraalves.1/posts/1103633793165754>

PROJETO EXPOETE

Projeto que ocorre anualmente nas dependências da escola, mostra de trabalhos dos alunos na área da Ciência e Tecnologia.

Com participação de grande parcela da sociedade mogimiriana, curiosos por ver os projetos desenvolvidos pelos alunos em suas diferentes disciplinas da área.





Foto 46 - Convites Expoete, Fonte: <https://www.facebook.com/etec.pedroferreiraalves.1/posts/977318529130615/>

PROJETO POR UM PLANETA MELHOR



Foto 47- Pintura do muro sendo executada pelos alunos, 2018, Fonte: <https://www.facebook.com/etec.pedroferreiraalves.1/posts/921693824693086/>

Jornal - A COMARCA, 29 de agosto de 2018

Grafite transforma muro da Etec

Terminaram na sexta-feira, 17, as oficinas de grafite na Escola Técnica (Etec) “Pedro Ferreira Alves”. A iniciativa que transformou o muro da escola fez parte do projeto “Por um Planeta Melhor”, uma realização do Instituto Eco Ambiental e Social, patrocinado pela empresa Tenneco através da Lei de Incentivo Fiscal à Cultura do Governo do Estado de São Paulo - ProAC

Aproximadamente 150 estudantes foram selecionados para participar das oficinas. Além de desenvolver a criatividade desses jovens, a iniciativa foi uma oportunidade para sensibilizar sobre a importância da preservação ambiental na cidade, já que o registro destas ações possibilitará na reflexão sobre a valorização da arte no espaço público e privado. E isso exatamente no momento em que Mogi Mirim coloca a pichação em xeque.

As oficinas incluíram parte teórica e prática. Durante as aulas ministradas pelo artista Alexandre Filiage, os jovens aprenderam sobre a história do grafite, a importância da arte, e não da pichação, conheceram artistas que trabalham com grafite e tiveram

técnicas de estêncil, ampliação de desenho e pintura com pincel, spray e pistola de ar comprimido. Filiage é reconhecido por sua grande experiência em pintura mural. Ele começou a trabalhar com murais na Espanha, país onde morou por nove anos, além de trabalhar com as mais importantes agências de propaganda e editoras do mundo como freelance. É dono de um estilo próprio, caracterizado principalmente pelas cores vibrantes, desenhos estilizados e pelo uso do aerógrafo combinado com pincel, resultando em obras de grande beleza e apuro técnico. O artista desenvolve projetos para fachadas e desenhos para a criação de personagens, ambientes privados, revitalizando fachadas e dando mais vida aos espaços abandonados, tudo com autorização, aprovação e liberação de seus proprietários. Filiage é quem finalizou o muro com a inclusão de animais típicos da Mata Atlântica, presenteando Mogi Mirim com uma grande pintura mural (...)



Foto 48 - Pintura do muro concluída, 2018, Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=etec.pedroferreiraalves.1&set=a.927266177469184>

PROJETO SOLIDARIETEC



Foto 49 - Convite do Projeto SolidariEtec, Fonte: <https://www.facebook.com/etec.pedroferreiraalves.1/photos/a.183762301819579/1339003182962146/>

Projeto social desenvolvido pela Escola para arrecadar alimentos e roupas para as famílias necessitadas da sociedade, contando com a colaboração dos alunos, funcionários, corpo docente etc.

Mais um projeto que mostra a interação da escola com a comunidade, não só de seu entorno, mas de todas as regiões da cidade, de onde são oriundos os alunos.

SEMANA PAULO FREIRE

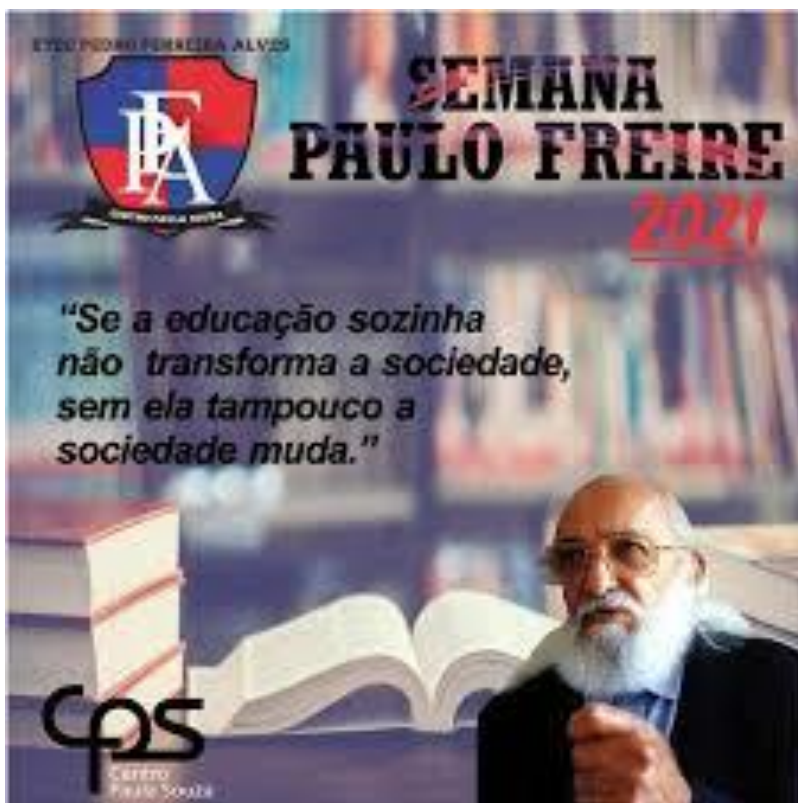


Foto 50 - Convite Semana Paulo Freire, 2021, Fonte: <https://www.facebook.com/etec.pedroferreiraalves.1/photos/a.982727788589689/1658122904383504/>

Semana de atividades escolares, que acontecem anualmente para o desenvolvimento cultural, de conhecimentos e esportivos. Envolve toda a comunidade ligada à ETEC com ciclo de palestras, roda de conversas e competições esportivas.

A proposta do projeto é mostrar a importância da educação para toda a comunidade mogimiriana.



Foto 51 - Jornal A Comarca, 2019. Reportagem sobre projeto premiado dos alunos, Fonte Site oficial da ETEC.



Foto 52 - Laboratório, Fonte: <https://www.cps.sp.gov.br/solidariedade-se-transforma-em-rotina-escolar-nas-etecs-e-fatecs/>



Foto 53 - Laboratório de química, Fonte: <https://cumaps.net/en/BR/etec-pedro-ferreira-alves-p729133>



Foto 54 - Laboratório de mecânica, Fonte: <https://cumaps.net/en/BR/etec-pedro-ferreira-alves-p729133>



Foto 55 - Equipamento do Laboratório Mecatrônica, Fonte: <https://cumaps.net/en/BR/etec-pedro-ferreira-alves-p729133>



Foto 56 - Apresentação Cultural, 2015. Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves



Foto 57- Semana Paulo Freire, Ginásio de Esportes da Etec, 2009, Fonte Centro de Memória ETEC Pedro Ferreira Alves

4.4. Síntese Final

Legado e Atualidade

A pesquisa que de início pretendia dar um grande enfoque no legado deixado pela ETEC, seu valor material e imaterial, acabou por se deparar com uma presença marcante também atualmente, mas com uma visão de futuro muito importante.

Não só das glórias do passado vive a Escola, não só o legado é relevante, mas o que há de vir também.

Começando com os primeiros trabalhos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, na capital, os primeiros alunos a frequentar uma escola com o intuito de formar operários e artesãos para produzir para o novo público que vinha com as riquezas do café.

Passando às primeiras escolas profissionalizantes do estado, primeiro em São Paulo e depois as demais se espalhando pelo interior, dando os primeiros passos nos ginásios industriais, que surgiram pela necessidade de formação de nova mão de obra para a industrialização que se fazia surgir, como o Liceu já não dava mais conta de nova fase de nossas indústrias, a produção em massa.

As dificuldades para a criação da Escola Industrial em Mogi Mirim, que se industrializava, mas não tinha trabalhadores para tal.

Desde a escolha do local de instalação da escola, até a construção propriamente dita, o tempo que se passou e a pouca importância dada a instituição.

A demora para colocá-la em funcionamento, as pressões políticas para que se desse início as primeiras turmas, a nomeação do primeiro diretor prof. Rogério Mazolla.

Tudo muito demorado e sem muitas perspectivas de sucesso, mas contrariando tudo e todos, o início foi difícil, mas o trabalho valeu a pena. A escola batalhou esses mais de cinquenta anos e tem sido vitoriosa na empreitada.

Indo contra a corrente da decadência do ensino público tradicional, se empenhando para estar sempre atualizada e em consonância com as indústrias locais e regionais.

Suas instalações continuam firmes, mostrando que não é uma grande arquitetura que faz a importância de uma escola, mas o trabalho desenvolvido dentro dela que deixa sua marca nos alunos, professores e na comunidade a que serve.

A ETEC também pode se orgulhar pela influência no desenvolvimento urbano da cidade, trazendo para perto de si novos e importantes vizinhos, ajudando no direcionamento do crescimento urbano em área que tinha alguns empecilhos, como a presença do rio Mogi Mirim, a existência da linha férrea, a presença do Instituto de Menores e do matadouro, transformando sua rua em importante eixo de ligação com a zona leste da cidade e não menos relevante a abertura da rodovia que liga a cidade de Mogi Guaçu.

Enfim, muita história para contar, mas também a ser contada ainda, em próximos capítulos da escola que se adequa aos novos cursos para servir à Indústria 4.0 e a toda uma gama de novas tecnologias que a cada dia invadem nossas vidas, e das quais ninguém consegue mais escapar.

A dissertação, ao tentar contar uma parte da caminhada de uma instituição, acaba se deparando com um futuro promissor para tantos alunos que ainda sonham em lá estudar, conseguir seu primeiro trabalho e estar ligado às novas e promissoras tecnologias, mas não parar no seu curso técnico, dar continuidade em cursos da FATEC, tão próxima fisicamente e tão almejada como futuro curso superior.

Por seu lado, a cidade só ganha com isso, sendo um polo de estudos e de formação de profissionais à disposição do mercado de trabalho sempre brotando de seus laboratórios e salas de aula.

ETEC PEDRO FERREIRA ALVES



Foto 58 - Brasão da ETEC Pedro Ferreira Alves, Fonte:
<https://www.facebook.com/etec.pedroferreiraalves.1/>

Referências Bibliográficas

ANDREIUOLO, Beatriz. A ação de contar histórias no pensamento de Hanna Arendt. 2005. 7261. Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia. – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ARENDT, H. A condição humana. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 (Original publicado em 1958).

BRIDI, C. L. Estudo da urbanização de Mogi Mirim: das alamedas, becos, pátios e ladeiras. Mogi Mirim: Didático Pedagógico, 2009.

CARVALHO, M. L. M. Cultura, saberes e práticas: memórias e história da educação profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2011.

CARVALHO, M. L. M. Patrimônio artístico, histórico e tecnológico da educação profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2015.

CARVALHO, M. L. M. Patrimônio, currículos e processos formativos: memórias e história da educação profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.

CARVALHO, M. L. M.; RIBEIRO, S. L. S. História oral na educação: memórias e identidades. São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

CORRÊA, M. E. P.; NEVES, H. M. V.; MELLO, M. G. Arquitetura escolar paulista. São Paulo: FDE, 1991.

EXAME. O Brasil está pronto para a indústria 4.0? Estúdio ABC, 2016.

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/o-brasil-esta-pronto-para-a-industria-4-0/>.

Acesso em: 26 de maio de 2017.

GODINHO, M. C.; MONTEIRO, S. Liceu de artes e ofícios de são paulo: missão excelência. São Paulo: Marca D'Água, 2000.

GUSMÃO, D. S.; SOUZA, S. J. História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. Scielo Brasil, 2010.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/NKhBgvmTf5fjSX5qwKhRF6J/?lang=pt>. Acesso em: Julho de 2020.

MORAES, C. S. V.; ALVES, J. F. Escolas profissionais públicas do estado de são paulo: uma história em imagens. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: PUC-SP, 1993.

Revista ETEC Pedro Ferreira Alves, Edição Comemorativa de 50 anos. São Paulo, Volume Único, Fascículo Único, Páginas 3-23, março 2014.

SILVEIRA, Cristiano; LOPES, Guilherme. O que é indústria 4.0. Citisystems, 2016.

Disponível em: <https://www.citisystems.com.br/industria-4-0/>.

Acesso em: 27 de maio de 2017.